

OLHOS MISERICORDIOSOS



Flávio Sampaio de Paiva

OLHOS MISERICORDIOSOS

[cultor de livros]

São Paulo

2016

Revisão

Maria Lúcia Almeida

Capa e Diagramação

Priscila Pozzoli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Paiva, Flávio Sampaio de

Olhos Misericordiosos / Flávio Sampaio de Paiva. São Paulo: Cultor de Livros, 2016

ISBN: 978-85-5638-035-7

1. Cristianismo - Vida Cristã 2. Misericórdia - Ano Santo - Jubileu da Misericórdia 3. Obras de Misericórdia - Virtudes 4. Vida de oração

CDD - 248

Índice para catálogo sistemático:

1 Cristianismo : Vida Cristã : Misericórdia 248

Cultor de Livros

Edição e distribuição de publicações

Rua Iperoig, 719 - CEP: 05016-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3672-3508

www.cultordelivros.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
---------------	----

CAPÍTULO 1

ANO DA MISERICÓRDIA, ANO DA GRAÇA DO SENHOR

Ano Santo da Misericórdia.....	15
O que vem a ser um ano jubilar?	16
Por que o Papa Francisco resolveu proclamar um ano jubilar, se estamos no ano 2016?	17
Papel da graça na conversão de Santo Agostinho.....	18
A experiência da graça na vida de São Paulo.....	20
Reflexões sobre a graça	22
A graça para uma nova conversão.....	23

CAPÍTULO 2

JESUS CRISTO, O ROSTO DA MISERICÓRDIA

A personalidade marcante de Jesus Cristo	27
Jesus conversa com Faustina Kowalska	28

A misericórdia de Deus na Encarnação de Cristo	30
A Misericórdia na vida pública de Cristo	32
Monumentos da Misericórdia: Eucaristia e Cruz	33
A misericórdia de Jesus Ressuscitado	35

CAPÍTULO 3

AS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA

As parábolas da ovelha extraviada e da moeda perdida	39
“O retorno do Filho Pródigo”: quadro de Rembrandt e livro de Henri Nouwen.....	41
A ingratidão do Filho Pródigo	44
A fome de Deus.....	47
A decisão de voltar à casa do pai	50

CAPÍTULO 4

O FINAL DA PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

O abraço da misericórdia.....	53
O Pai celeste	54
A obediência sem amor do filho mais velho	55
A filiação divina e nosso relacionamento com Deus Pai	58
A filiação divina e sua relação com o Espírito Santo	60
A nossa identificação com Cristo	61
São Josemaria Escrivá recebe o Dom da Piedade	62

CAPÍTULO 5

AS PORTAS DA MISERICÓRDIA

Abertura das Portas Santas.....	67
O juízo de Deus após a nossa morte.....	69
O purgatório é uma imensa porta da misericórdia.....	71

Santa Catarina de Gênova e as suas visões do Purgatório	72
O fogo do purgatório.....	73
Do que nos purificamos no purgatório?.....	75
O sofrimento da espera	76
Purificação na terra.....	77
O privilégio sabatino	77

CAPÍTULO 6

O QUE É SER MISERICORDIOSO?

O programa do cristão: o do Bom Samaritano da parábola.....	83
O coração misericordioso de São João Paulo II	85
A parábola do perdão.....	88
O Papa João Paulo II e o seu testemunho de perdão	90

CAPÍTULO 7

CHAMADA UNIVERSAL À SANTIDADE E À MISERICÓRDIA

Chamada universal à vida de oração, à penitência e à caridade	94
Oração sincera e simples.....	95
Oração: diálogo com Deus	96
Santa Teresa de Jesus, Doutora da oração	98
Vocação à penitência.....	101

CAPÍTULO 8

OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

Viver a solidariedade em um mundo cheio de misérias.....	105
Lista das obras de misericórdia corporais.....	106
Dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede	107
Dar pousada aos peregrinos.....	109
Vestir os nus.....	110

Visitar os enfermos	111
Visitar os presos	113
Enterrar os mortos	114

CAPÍTULO 9

OBRAS DE MISERICÓRDIA ESPIRITUAIS

Ensinar os ignorantes	121
Dar bom conselho	123
Corrigir o que erra	124
Perdoar as ofensas	126
Consolar os aflitos	127
Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo.....	129
Rezar a Deus por vivos e defuntos	130

CAPÍTULO 10

MARIA, MÃE DE MISERICÓRDIA

Maria e seu “ <i>rahamîn</i> ”	133
A misericórdia de Maria	135
Maria, manifestação da misericórdia de Deus por nós.....	136
Com Nossa Senhora, o que é difícil se torna fácil	139

APÊNDICE 1

O SACRAMENTO DA MISERICÓRDIA

O lema do Papa Francisco: <i>Miserando atque eligendo</i>	145
O Papa Francisco deseja que nos aproximemos da confissão.....	146
O sacramento que nos livra dos pecados cometidos após o batismo	149
O sacramento da paz interior	150

APÊNDICE 2
OS ATOS DO PENITENTE

A contrição.....	155
A confissão dos pecados.....	156
A satisfação.....	158



*Olhos misericordiosos são os do Jesus,
Olhos misericordiosos são os de Maria,
Olhos misericordiosos são os de todos os santos,
Olhos misericordiosos são os do pai do filho pródigo,
Olhos misericordiosos são os do bom samaritano...
Olhos misericordiosos devem ser os nossos olhos.*



PREFÁCIO

“Já que estamos no ano da Misericórdia, o senhor não poderia pregar um retiro sobre misericórdia para nós?”. Ao ouvir esta proposta de uma jovem, pensei: “Não ficará monotemático todo um retiro sobre a misericórdia?”. Mas, logo a seguir, me veio à cabeça: “a misericórdia é tão ampla quanto a caridade”, e se o amor de Deus abrange todos os outros temas cristãos, a misericórdia também. Portanto, sem dúvida alguma seria possível falar de todos os temas tradicionais do retiro, como a santidade, a filiação divina, o pecado e a tibieza, os novíssimos, etc. sob a ótica da misericórdia.

Elaborei o retiro utilizando como texto básico a Bula *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco¹ e, após pregá-lo, resolvi transcrever as suas meditações, dando origem ao livro que o leitor tem em mãos.

Desejo com este livro que o ***bálsamo da misericórdia*** seja derramado em nossas feridas interiores e que nós possamos derramá-lo nos corações de todas as pessoas que nos cercam.

Suplico a Maria, mãe de misericórdia: “esses vossos ***olhos misericordiosos*** a nós voltei e mostrai-nos Jesus”, ***o rosto da misericórdia***, para que seguindo o seu exemplo sejamos ***misericordiosos como o Pai***.

Curitiba, 13 de março de 2016
3º aniversário da eleição do Papa Francisco

¹ Todas as citações da Bula *Misericordiae Vultus* serão apresentadas, neste livro, em negrito e seguidas da sigla MV e do número do respectivo parágrafo.



CAPÍTULO 1

ANO DA MISERICÓRDIA, ANO DA GRAÇA DO SENHOR

ANO SANTO DA MISERICÓRDIA

Há uma graça muito especial, própria deste Ano Santo da Misericórdia, para uma nova e profunda conversão. Neste jubileu, meditaremos sobre a infinita misericórdia de Deus para conosco e sobre como ter um coração misericordioso para com os demais.

Recordemos o que aconteceu quando Jesus Cristo, logo no início da sua vida pública, leu na sinagoga a profecia de Isaías, anunciando um “Ano da Misericórdia”: *O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista e a liberdade aos prisioneiros; para proclamar um ano da misericórdia do Senhor* (Is 61,1-2).

O Profeta Isaías falava do Messias, do Ungido pelo Espírito Santo, do Salvador da humanidade. E Jesus, ao terminar de ler este texto disse: *Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir* (Lc 4,21), fazendo compreender que Ele próprio era o Messias anunciado pelo Profeta. Havia chegado o “momento” tão esperado pelos profetas: o dia da salvação, a “plenitude do tempo”, o “ano da misericórdia” do Senhor.

Essa profecia de Isaías se cumpriu plenamente na vida pública de Jesus, tanto que, quando João Batista envia dois de seus discípulos a Jesus para que lhe perguntem: *És tu aquele que há de vir ou devemos*

esperar outro? (Lc 7,19), Jesus, que havia acabado de curar muitas pessoas de suas enfermidades, doenças, espíritos malignos e dado a vista a muitos cegos, responde-lhes: *Ide contar a João o que vistes e ouvistes: cegos recuperam a vista, parálíticos andam, leprosos são purificados e surdos ouvem, mortos ressuscitam e a pobres se anuncia a Boa-Nova* (Lc 7,22).

Agora, o Papa Francisco, vigário de Cristo na Terra, volta a proclamar “um ano da misericórdia”, “um ano da graça do Senhor”. E anuncia: ***este Ano Santo traz consigo todas as graças para se levar uma palavra e um gesto de consolação aos necessitados, anunciar a libertação a quantos são prisioneiros das novas escravidões da sociedade contemporânea*** (como o consumismo, a bebida e as drogas, a pornografia e a sensualidade em geral, etc.), ***devolver a vista a quem já não consegue ver porque vive curvado sobre si mesmo*** (por orgulho, egoísmo, vaidade, etc.), ***e restituir dignidade àqueles que dela se viram privados*** (MV n.16).

Devemos confiar em que neste ano temos graças muito especiais, próprias de um ano jubilar.

O QUE VEM A SER UM ANO JUBILAR?

Para entender melhor o que vem a ser um ano jubilar, precisamos remontar aos jubileus celebrados no Antigo Testamento.

Para os judeus havia anos especialmente dedicados a Deus: o ano sabático e o ano jubilar. O “ano sabático” era comemorado a cada sete anos. Assim como Deus descansou no “sétimo dia” da criação e, por isso, o sábado passou a ser o dia de descanso a cada semana, o sétimo ano passou a ser o ano de descanso da terra. Segundo a Lei de Moisés, nesse ano deixava-se a terra repousar, os escravos hebreus eram libertados e estava previsto o perdão de todas as dívidas dos israelitas. Essas medidas deviam ser tomadas em honra

a Deus. O ano “jubilar”, celebrado ainda mais solenemente que o sabático, ocorria a cada cinquenta anos, portanto, depois de sete anos sabáticos. Caracterizava-se por três obrigações, que recaíam sobre toda a nação. Além das demais medidas do ano sabático, também estava prevista a devolução de todos os campos aos seus proprietários originais². Todos os jubileus tornavam-se “tempo de salvação”, de Paz e Reconciliação, um tempo de perdão e de festa.

Para a Igreja, o jubileu cristão é um tempo de especiais graças divinas: ano de remissão dos pecados e das penas pelos pecados; ano de reconciliação entre os inimigos, ano de múltiplas conversões e de penitência.

POR QUE O PAPA FRANCISCO RESOLVEU PROCLAMAR UM ANO JUBILAR, SE ESTAMOS NO ANO 2016?

O Jubileu desse ano foi proclamado não por ser um ano sabático e tampouco por tratar-se de um ano múltiplo de cinquenta, como foi o caso do ano 2000. Comemoramos o Jubileu por ser o cinquentenário da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II, tão importante para a Igreja, e no qual se manifestou ainda com maior clareza a Misericórdia da Igreja, esposa de Cristo (MV n.4). Por isso foi proclamado um ano santo da Misericórdia. *A Igreja Católica sentia*, por ocasião do Concílio Vaticano II, *a necessidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai* (MV n.4).

2 Lê-se no Levítico: *Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando no país a liberdade de todos os que o habitam. Este ano será para vós jubileu, cada um de vós recobrará a sua propriedade e voltará para a sua família* (25,10). As terras do país, bem como as casas das cidades dos levitas, que haviam sido vendidas durante os precedentes cinquenta anos, voltariam para os vendedores, a não ser o que havia sido consagrado a Deus e remidas. Igualmente as terras hipotecadas haviam de ser libertadas sem ônus algum (cf. Lv 25,17-28; 27,16-24).

O Papa São João XXIII, na abertura do Concílio, indicava o caminho a ser seguido: *Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica (...) deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados.*³

O Beato Paulo VI, na conclusão do Concílio, recordava que a nossa religião é a religião da caridade, do Amor. Procurou-se, ao invés de se fazer *diagnósticos desalentadores, colocar remédios cheios de esperança; em vez de presságios funestos, se pronunciaram mensagens de esperança e palavras de confiança*⁴.

Toda esta riqueza doutrinal da Igreja orienta-se apenas para isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades (MV n.4). *A Igreja, através do Papa Francisco, quer que cada um de nós se sinta tocado no coração pela graça e encontre o caminho da conversão, que aproveite o Ano Santo como um momento extraordinário de graça e renovação espiritual* (MV n.2).

PAPEL DA GRAÇA NA CONVERSÃO DE SANTO AGOSTINHO

Para entendermos melhor o que a graça pode fazer em nós, principalmente neste Ano Santo, meditaremos na conversão de Santo Agostinho, um personagem marcante na história do Cristianismo.

Santo Agostinho era dotado de uma inteligência brilhante, de um grande coração, de uma enorme sensibilidade. Possuía uma enorme paixão intelectual: de adquirir a sabedoria de vida. Mas,

3 Discurso de abertura do Concílio Vaticano II, *Gaudet Mater Ecclesia* (11 de outubro de 1962), n.2-3; em MV n.4.

4 Beato Paulo VI, *Alocução na última sessão pública* (7 de dezembro de 1965), em MV n.4.

procurando a verdade, algumas vezes se extraviou, chegando a cair na heresia do maniqueísmo. Também fervia nele as paixões carnis.

No livro das confissões, Santo Agostinho fala sobre a época em que estava à procura da verdade: “Verdade! Verdade! Com que intensidade suspirava eu do fundo da minha alma”⁵. E continuando o seu caminho em direção à fé cristã: “Aparece-me uma grande esperança: a fé católica responde-me a todas indagações; e eu, néscio que sou, sempre a critiquei”⁶.

Santo Agostinho continua confidenciando mais adiante: “A nova vontade que começava a nascer, a vontade de servir a Deus e desfrutar dEle, única alegria segura, ainda não era capaz de vencer aquela outra vontade, a primeira que com os anos se fizera tão forte em mim. Deste modo ambas as vontades, a velha e a nova, a carnal e a espiritual, duelavam entre si, e na sua luta, me despedaçavam a alma”⁷.

Já descortinava a luz da fé, mas ainda não era capaz de vencer as suas paixões mais baixas. Santo Agostinho irá passar por grandes hesitações, como descreve: “Via de mil maneiras que era verdade o que o Deus me dizia; já nada podia objetar, vencido pela verdade; só podia balbuciar palavras sonolentas: — Vou já... Dentro em pouco... Espera um pouco mais”⁸.

Mas não conseguia se decidir e sofria. Santo Agostinho o reflete maravilhosamente bem: “Interiormente, dizia-me: ‘Vamos, agora, agora! Mas... não agia... Podia mais em mim, o mal que já se fizera hábito do que o bem a que eu não me habituara. Ia-me apavorando cada vez mais à medida que se aproximava o momento decisivo”⁹.

Santo Agostinho não conseguia dar o passo da conversão; até que um dia aconteceu algo totalmente inesperado. Estava meditando num

5 Santo Agostinho, *Confissões*, Ed. Quadrante, p. 47.

6 *Ibidem*, p. 110.

7 *Ibidem*, p. 160.

8 *Ibidem*, p. 137.

9 *Ibidem*, p. 145.

lugar tranquilo, e da casa vizinha se ouviu a canção de uma criança. “Mas não me lembrava de ter ouvido nunca nada parecido”¹⁰. E a canção dizia: “*Tolle, lege*”, em latim: “Toma e lê; toma e lê”¹¹.

Agostinho percebeu que a cantiga era uma mensagem de Deus para ele. Então levantou-se, contendo as lágrimas, e foi pegar os seus manuscritos da Bíblia, e abriu-os ao acaso, obedecendo aquela voz. E se deparou com uma passagem do capítulo 13 da Epístola aos Romanos, onde Deus, por meio de São Paulo, lhe dizia: *Já é hora de despertardes do sono... A noite está quase passando, o dia vem chegando: abandonemos as obras das trevas e vistamos as armas da luz*” (Rm 13,11-12).

E a seguir o texto de São Paulo coloca o “dedo na chaga” de Santo Agostinho, ao admoestar: *Procedamos honestamente, como em pleno dia: nada de glotonerias e bebedeiras, nada de orgias e imoralidades, nem de contendas e rivalidades. Pelo contrário, revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não atendais aos desejos e paixões da vida carnal* (Rm 13,13-14). Assim deu-se a conversão de Santo Agostinho.

A experiência na vida dele lhe fez compreender de uma maneira vivíssima que ao homem não basta a boa vontade. Mesmo vendo a verdade claramente e desejando-a, se não recebe a graça de Deus, é impossível dar o passo decisivo da conversão. Só com as capacidades e forças humanas não se consegue fazer o bem que se deseja.

Santo Agostinho, a partir da sua experiência pessoal, prega com tal profundidade sobre a graça e a sua necessidade para a nossa santificação, que hoje é conhecido como o “Doutor da Graça”. Onde Santo Agostinho encontrava as grandes verdades sobre a graça? Na revelação, mas muito vivamente em São Paulo.

A EXPERIÊNCIA DA GRAÇA NA VIDA DE SÃO PAULO

¹⁰ *Ibidem*, p. 149.

¹¹ *Ibidem*, p. 149.

A experiência de São Paulo era muito parecida com a de Santo Agostinho. Recordemos dois momentos da vida de São Paulo, nos quais teve a experiência da graça de Deus

O primeiro momento se encontra descrito no capítulo 7 da Epístola aos Romanos. Trata-se de uma experiência vital, não somente de São Paulo, mas de todos nós: *De fato, não entendo o que faço, pois não faço o que quero, mas o que detesto... Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero* (Rm 7,15-19).

Quem não teve inúmeras vezes essa experiência? “Eu queria ser compreensivo, mas fui intransigente; queria ser manso e paciente, mas fiquei irritado; queria ser constante, mas não perseverei no bem; queria ter ordem, mas fui bagunceiro”.

São Paulo continua a sua descrição: *Descubro em mim esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. Como homem interior, ponho toda a minha satisfação na Lei de Deus; mas sinto em meus membros outra lei, que luta contra a lei de minha mente e me aprisiona na lei do pecado, que está nos meus membros. Infeliz que eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte?* (Rm 7,21-24). E a conclusão é: a graça de Deus. Sozinho, não sou capaz de fazer o bem que quero; mas com a graça de Deus, sim.

Um segundo momento da experiência da graça ocorreu quando São Paulo passava por uma séria dificuldade. Leiamos as suas palavras: *E para que a grandeza das revelações não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me esbofetear, a fim de que eu não me torne orgulhoso. A esse respeito, roguei três vezes ao Senhor que apartasse de mim. Mas o Senhor disse-me: “Basta-te a minha graça; pois é na fraqueza que a força se realiza plenamente”. Por isso, de bom grado, me gloriarei das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim* (2Cor 12,7-9).

São Paulo sentia dificuldades, embora pregasse o Evangelho em uma ação apostólica incrível, difundindo o cristianismo pelo mundo civilizado da época. Encontrou-se, de repente, com uma

limitação que o impedia de realizar todo o trabalho que gostaria, tanto que pediu insistentemente, três vezes, que Deus o livrasse dessa dificuldade e o deixasse trabalhar. Mas a resposta de Deus foi a seguinte: *Basta-te a minha graça* (2Cor 12,9).

Essa experiência de São Paulo também nos é muito útil, pois geralmente passamos por algumas dificuldades na vida: de relacionamento na família ou com os colegas de trabalho; dificuldade de realizar intensamente o trabalho profissional, sem perder tempo com bobagens; não conseguir perdoar; não conseguir deixar de ter ciúmes de um colega que está melhor colocado no mercado de trabalho; não se dar bem com alguma pessoa da família...

Devemos ter a certeza de que na fraqueza é que se revela totalmente a força de Deus. São Paulo escreve: *Por isso, de bom grado, me gloriarei das minhas fraquezas, para que a força de Cristo habite em mim* (2Cor 12,9).

REFLEXÕES SOBRE A GRAÇA

Refletindo sobre esses textos de São Paulo, concluímos que a graça de Deus nos capacita a fazer o bem que não poderíamos fazer sozinhos. Não estamos falando de coisas mirabolantes, de grandes feitos, nem de milagres, embora a graça de Deus possa fazer verdadeiros milagres. S. Paulo diz: *Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero* (Rm 7,19). Santo Agostinho dizia: “Vejo a verdade e não consigo... Vejo o bem, anseio pelo bem, desejo... mas não consigo”. Quantas pessoas poderiam dizer o mesmo?

Mas a graça de Deus nos capacita para fazer o bem: perdoar; não se comparar com os outros; ser amável e simpático com uma pessoa que não nos cai bem... O fundamental na graça de Deus é capacitar-nos para fazermos o bem que só com as nossas forças naturais não seríamos capazes de fazer.

Sem a ajuda da graça de Deus, ninguém pode ser profundamente humilde, ninguém pode ser suficientemente generoso, ou ser santamente paciente, não ter inimigos, perdoar de todo coração e, mais ainda, dar a vida pelos outros, como Cristo nos ensinou.

A graça de Deus nos capacita a superarmos barreiras que humanamente não poderíamos transpor ou que seria muito difícil superar. Nesses casos, Deus nos diz: *lute apoiado em Mim, na minha graça. Só a graça pode te dar a força que precisas para vencer, para conseguires. Por isso, não sucumbas diante das dificuldades.*

A GRAÇA PARA UMA NOVA CONVERSÃO

Neste Ano da Misericórdia, Ano da graça de Deus, confiemos que temos agora a graça de uma profunda conversão. Vamos dar essa imensa alegria a Deus, de voltarmos a viver de acordo com a dignidade de seus filhos? Reavivemos a fé e a esperança: Ele pode converter-nos! Abramos sinceramente o nosso coração a Deus e digamos do que precisamos que Ele nos cure:

— Senhor, cure-me dessas compensações, dessas fugas, que não compensam nada e me afastam do Senhor!

— Senhor, cure-me o coração desta mágoa que carrego há tempo no meu coração! Não quero mais ter ressentimento ou mágoa de ninguém!

— Senhor, cure-me da minha vaidade, da excessiva preocupação com a minha imagem! Quero trabalhar apenas para a sua Glória e para o bem das almas!

— Senhor, cura-me do desânimo que sinto ao comprovar as limitações e defeitos dos demais e as minhas próprias faltas!

A nossa atitude deve ser de total abertura da alma com Deus. E se não vemos claro o que precisamos mudar, porque a nossa cegueira é ainda mais profunda, peçamos luzes a Deus: *Senhor, que eu veja!* (Lc 18,41).

No nosso encontro pessoal com Cristo, devemos dizer-lhe sinceramente:

— Senhor, se há algo na minha vida que não lhe agrada, me diga...

— Se há algo que me afasta de ti, me afaste disso...

— Há algo no meu dia, na minha vida que ainda não é própria de um católico?

Senhor, me dê a graça de uma sincera contrição, de uma dor pelos meus pecados que me leve a reagir, a mudar, a me converter. Ilumina com a sua Luz a minha vida para que eu veja o que ainda não está bem, o que preciso melhorar, a conversão que, agora, o Senhor espera de mim neste Ano Santo.

Esse comprometimento com Deus nos conduzirá a uma profunda alegria. São Josemaria nos aconselhava: “Vivamos contentes. Eu estou contente. Não o deveria estar, olhando para a minha vida. (...) Mas sinto-me contente porque vejo que o Senhor me procura uma vez mais, que o Senhor continua a ser meu Pai. Sei que vós e eu, decididamente, com o resplendor e a ajuda da graça, veremos que coisas temos que queimar, e as queimaremos; que coisas temos que arrancar, e as arrancaremos; que coisas temos que entregar, e as entregaremos”¹².

O termo “jubileu”, por sinal, indica júbilo, alegria... Quem experimenta uma profunda conversão, sente ao mesmo tempo uma grande alegria! A Alegria que sentia Maria, pois Maria estava repleta da graça de Deus, ao cantar o hino Magnificat: *Minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu salvador* (Lc 1,47).

PROPOSTAS DA 1ª MEDITAÇÃO

1. A mãe de Santo Agostinho, Santa Mônica, rezou intensamente pela conversão de seu filho e Deus escutou as suas preces. Eu rezo pela conversão de meus parentes e amigos, com intensidade e

12 São Josemaria Escrivá. *É Cristo que Passa*, n.66.

constância? Confio na graça de Deus do Ano da Misericórdia para a minha conversão pessoal e dos meus conhecidos?

2. Sou consciente de que todos nós, cristãos, precisamos de conversão, mesmo que não sejamos grandes pecadores? Entendo que a conversão é a decisão de viver com integridade a doutrina de Cristo e os mandamentos de Deus e da Igreja? Há algum mandamento que ainda não vivo integralmente?

3. Conheço o meu defeito dominante (um dos 7 pecados capitais: soberba ou amor próprio desordenado, avareza ou apego aos bens materiais, luxúria ou sensualidade, ira ou raiva, gula, inveja e preguiça)? Luto por crescer na qualidade oposta ao meu defeito dominante (humildade, desprendimento, castidade, mansidão, sobriedade, benignidade e diligência)?

4. Sou consciente de que terei que lutar muitos anos para, pouco a pouco, superar o meu defeito dominante? Procuo concretizar algum pequeno propósito de melhora para vencer o meu defeito dominante? Examino-me, diariamente, em como vivi esse propósito de melhora?

5. Agora que entendi melhor o que vem a ser o jubileu da Misericórdia e as imensas graças que teremos nesse ano, não poderia explicá-lo para mais pessoas?



CAPÍTULO 2

JESUS CRISTO, O ROSTO DA MISERICÓRDIA

A PERSONALIDADE MARCANTE DE JESUS CRISTO

Como dizíamos no capítulo anterior: Jesus Cristo, no início da sua vida pública, anunciou um Ano da Misericórdia do Senhor e promoveu inúmeras conversões. Ao conhecerem-no, as pessoas se impressionavam profundamente com a sua personalidade. Era praticamente inevitável sentir-se tocado, comovido e experimentar uma profunda conversão interior.

Algumas pessoas percebiam a sua infinita bondade, a ausência completa de malícia, estampada no seu sorriso inocente e limpo. Saboreavam toda a candura e pureza que o coração humano é capaz quando está repleto do amor a Deus. E desejavam levar uma vida casta também.

Outras pessoas se maravilhavam com a ternura de Jesus. Ao mesmo tempo que seus gestos humanos eram rijos e viris, estavam impregnados de carinho, de compreensão e perdão, de amor profundo e íntimo por cada pessoa. Seria emocionante observar:

— como Jesus acolhia as crianças que corriam para estar com Ele! E orientava os apóstolos: *Deixai as crianças, e não as impeçais de virem a mim* (Mt 19,14). E as abraçava e as beijava.

— como Jesus tocava e curava os enfermos, livrando-os das suas enfermidades e sofrimentos! Tanto do corpo, como da alma. Cegos, paralíticos, leprosos... gananciosos, arrogantes, desonestos...

— como os seus olhos transbordavam compaixão, compreensão, misericórdia pelos pecadores!

Quantas pessoas se sentiram acolhidas, profundamente entendidas, ilimitadamente desculpadas... Quantas pessoas diante deste olhar tomaram forças para voltar a Deus! Sentiram que seu coração endurecido, petrificado, voltava a ser um coração de carne, voltava a pulsar, voltava à vida... Tornava-se novamente um coração sensível, capaz de derramar lágrimas por seus pecados e de saborear novamente o amor de Deus.

Outras pessoas se impressionaram com as palavras e ensinamentos de Jesus Cristo, seja pela autoridade e firmeza com que falava, seja pela força que suas palavras tinham: suas palavras penetravam a fundo na alma, inflamavam e faziam arder o coração; e ao mesmo tempo saciavam a sede de Deus, de felicidade; confortando as pessoas, serenando-as de suas aflições, enchendo-as de alegria e paz, erguendo-as dos seus frequentes desânimos.

Recordamos que o apóstolo Pedro disse certa vez: *A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna* (Jo 6,68); e os discípulos de Emaús comentaram entre si: *Não estava ardendo o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?* (Lc 24,32).

Com o olhar fixo em Jesus e no seu rosto misericordioso, podemos individualizar o amor de Deus, da Santíssima Trindade (MV n.8) por nós.

JESUS CONVERSA COM FAUSTINA KOWALSKA

Para aprofundarmos na misericórdia divina, podemos considerar a vida de uma freira, Santa Faustina Kowalska, a quem Jesus apareceu diversas vezes na vida.

Aos 18 anos, Faustina manifestou o desejo de ingressar em um convento, porém seus pais não permitiram. Aos 19 anos, ao ir a um baile com sua irmã Josefina, teve uma experiência que mudaria sua vida. Estava dançando quando viu Jesus coberto de chagas parado junto a si. Então, Ele lhe disse: “Até quando hei de ter paciência contigo e até quando tu me desiludirás?”¹³. Faustina abandonou discretamente o baile e dirigiu-se até a Catedral. Lá ela pediu ao Senhor, em profunda oração, que lhe mostrasse o caminho a ser seguido, ao que escutou uma voz que lhe dizia: “Vai imediatamente a Varsóvia, e lá entrarás no convento” (n. 10).

Tentou ingressar em vários conventos, porém sempre era recusada devido às suas condições financeiras e à sua pouca escolaridade. Depois de várias semanas de busca, a Superiora do convento das Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia decidiu dar-lhe uma chance, com a condição de que pagasse para entrar, o que a levou a trabalhar como doméstica por um ano.

Aos 20 anos, ingressou no convento. Segundo seus diários, poucas semanas depois de seu ingresso no convento, teve a tentação de abandoná-lo. Estando no seu dormitório, teve uma visão de Jesus, com seu rosto desfigurado por conta das chagas. Ela questionou-O: “Jesus, quem vos infligiu tanta dor? E Jesus respondeu: “Tu me infligirás tamanha dor se saíres desta congregação! Chamei-te para este e não para outro lugar e preparei muitas graças para ti” (n. 19). Ela compreendeu que o plano de Deus para ela era que ficasse ali.

Em abril de 1928, fez votos como freira. Em 22 de fevereiro de 1931, Irmã Faustina relatou (n. 47 a n. 49) ter tido a primeira revelação de Jesus enquanto Rei da Divina Misericórdia em seu quarto. Segundo ela, Jesus apareceu vestido de branco e de seu coração emanavam feixes de luz vermelhos e brancos. Entre outras coisas, pediu-lhe que pintasse uma imagem sua, fiel à imagem que

13 Santa Faustina, *Diário*, n. 9. Todas as citações do *Diário* da Santa serão feitas apenas com a referência do seu respectivo número.

se mostrava a ela. Tal imagem deveria conter a inscrição “Jesus, eu confio em vós”.

Faustina também escreveu a respeito de uma visão envolvendo o Terço da Divina Misericórdia (n. 476), cujo propósito é triplo: obter misericórdia, confiar na misericórdia de Cristo, e mostrar misericórdia para com os outros.

Foi aconselhada por um padre a escrever um diário para que registrasse as mensagens que recebia e conversas que tinha com Jesus. São impressionantes as suas frases sobre a Misericórdia, como as seguintes: “Ó Jesus, pelo Vosso Coração tão compassivo, como por um cristal, passaram a nós os raios da Misericórdia de Deus” (n. 1553); ou outra, tão simples como bela: “O amor de Deus é a flor e a misericórdia o fruto” (n. 949).

No seu diário também estão registradas as palavras que Jesus lhe dirigia. Entre elas, essa frase: “Eu sou o puro Amor e a própria Misericórdia. Quando uma alma se aproxima de Mim com confiança, encho-a de tantas graças, que ela não a pode encerrá-las todas em si mesma e as irradia para as outras almas” (n. 1074).

Vamos aprofundar na vida de Cristo para entendermos melhor porque *Jesus é o rosto da misericórdia*.

A MISERICÓRDIA DE DEUS NA ENCARNAÇÃO DE CRISTO

A missão, que Jesus recebeu do Pai foi a de revelar o mistério do amor divino na sua plenitude. Com a Encarnação, a Misericórdia tornou-se visível e palpável. *A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o*

sinal da misericórdia. Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão (MV n.8).

Como é importante encontrarmos a Cristo para experimentarmos a misericórdia de Deus. Para isso é preciso contemplar o Rosto de Cristo. Sua infinita misericórdia já se revela na própria Encarnação. O verdadeiro Deus assume a nossa natureza humana, ao fazer-se criança. Deus vem roubar o nosso coração, vem dar-lhe ternura, fazendo-se uma criança necessitada do nosso carinho, amparo e proteção. Deus, puro espírito *se fez Carne* (Jo 1,4), igual a nós em tudo, exceto no pecado, para nos compreender. Quis viver a nossa vida e vir ao nosso encontro.

Com a vinda de Jesus Cristo à Terra, tudo se transforma. O nosso mundo passa a ser lugar de encontro com Deus, pois Deus está no meio de nós, está presente no nosso mundo. Já não caminhamos sozinhos, pois Ele se coloca ao nosso lado. Torna-se um companheiro de viagem, o Amigo. E mais do que isso, abre-nos o caminho que nos leva ao Pai.

Jesus nos ensina que mesmo nós, sendo de carne e ossos, podemos viver já, nesse nosso mundo, não como pessoas carnais, mas como pessoas espirituais, que colocam o seu coração nas coisas do alto e não se apegam às coisas da terra. Todas as coisas boas e nobres da Terra se transformam em ocasião de encontro com Deus.

Nosso Senhor assumiu a nossa humanidade para mostrar-nos que nós podemos, pela graça divina, viver a vida maravilhosa de um filho de Deus. Podemos viver as virtudes de Cristo, como o despreendimento das coisas materiais, a mansidão profunda de coração, a compreensão e a misericórdia para com todos, a pureza virginal de corpo e alma, a completa aversão ao pecado, semeando paz e alegria ao nosso redor, na nossa casa, na nossa família... Como Jesus que passou pelo mundo fazendo o bem a todos. Jesus assumiu a nossa humanidade, a curou, a elevou. E com a sua graça nos possibilitou viver uma vida humana e divina ao mesmo tempo.

Antes da Encarnação a misericórdia era prometida, mas não vista nem sentida, e por isso muitos não acreditavam. Agora, pela Encarnação, Jesus é a misericórdia em Pessoa.

A MISERICÓRDIA NA VIDA PÚBLICA DE CRISTO

Fica mais fácil entender a misericórdia de Deus se penetramos no Coração de Cristo. E observamos os sentimentos do seu coração através dos Santos Evangelhos.

Como Jesus é bom! Como Jesus é misericordioso! Como se compadece diante das misérias alheias, diante das enfermidades e doenças corporais, e principalmente como reage diante da miséria espiritual dos pecados de seus irmãos, os homens.

Diante do parálítico de Cafarnaum, Jesus em primeiro lugar perdoa os seus pecados, pois era o mais importante a ser feito, e só depois cura os seus membros paralisados: *Levanta-te, pega a tua maca e anda* (Jo 5,8).

Diante da mulher adúltera, pega em flagrante adultério, enquanto os demais queriam apedrejá-la, Jesus é clemente: *Mulher, ninguém te condenou? Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais* (Jo 8,10-11). Deus não quer a morte do pecador, mas que ele se converta e viva. Por sinal, a esse respeito Jesus disse a Santa Faustina: Os maiores pecadores poderiam converter-se em grandes santos se confiassem na minha Misericórdia... O meu prazer é agir na alma humana, enchê-la da minha Misericórdia e santificá-la (n. 1784).

É bonito ver como Jesus se compadece diante do pranto da viúva de Naim e lhe devolve o seu filho único, ressuscitando-o (Lc 7,11-16); ele chora junto com Maria, irmã de Lázaro, pela morte do seu amigo e principalmente pela dor de Maria (Jo 11,32-36); se compadece da multidão, porque estava perdida, desorientada como

ovelhas que não tem pastor para as guiar (Mc 6,34); Jesus chora sobre Jerusalém e, manifesta o porquê: *Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como a galinha reúne os pintainhos debaixo das asas, mas não quiseste!* (Lc 13,34). *Se tu também compreendesses hoje o que te pode trazer a paz! Agora, porém, está escondido aos teus olhos!* (Lc 19,42).

Encontrar-se com Cristo era, normalmente, a ocasião de uma profunda conversão, uma mudança radical na vida. É isso o que aconteceu, por exemplo: com a mulher samaritana que encontrou Jesus na beira do poço e saciou a sua profunda sede de Deus e chamou os demais do seu povoado para conhecerem Jesus (Jo 4,4-26); com Zaqueu, que aceitou a solicitação de Jesus de entrar na sua casa e deu uma guinada impressionante na vida, deixando de desviar dinheiro e devolvendo quatro vezes mais do que tinha lesado (Lc 19,1-10); e com os apóstolos, que deixaram tudo – casa, barcos, redes – para viverem com Jesus, e ajudá-lo na sua missão redentora (Lc 5).

Não foi por acaso que Jesus se encontrou com essas pessoas, mas por providência divina. Encontrou-as para convertê-las. Jesus esperava esses momentos, tinha-os preparado desde toda a eternidade e sabe aproveitá-los.

Deus está passando uma vez mais na nossa vida. Não podemos desaproveitar as imensas graças que Deus preparou para nós neste Ano da Misericórdia.

MONUMENTOS DA MISERICÓRDIA: EUCARISTIA E CRUZ

Para entendermos até onde chega a misericórdia de Jesus, devemos considerar os últimos momentos da sua vida, em que *tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o extremo* (Jo

13,1), a ponto de instituir a Eucaristia e viver a sua Paixão e Morte por nós.

São Josemaria Escrivá via a Eucaristia como a grande loucura de amor de Jesus: Deus que se faz comida, se faz pão, para alimentar a nossa vida espiritual. E depois, a sua Paixão, em que dará a maior prova de amor possível: de dar a vida pelos seus amigos (cf. Jo 15,13).

Como sabemos, *antes da Paixão, Jesus rezou ao Pai o Salmo da misericórdia (salmo 136). Assim o atesta o evangelista Mateus quando afirma que “depois de cantarem os salmos” (Mt 26, 30), Jesus e os discípulos saíram para o Monte das Oliveiras. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz* (MV n.7).

Mas Jesus, na Cruz não nos perdoou simplesmente: Ele mesmo se ofereceu em sacrifício pelos nossos pecados. Ele assumiu o peso e as ofensas dos nossos pecados, para nos livrar deles. Com a dor física e moral, com o preço de seu sangue e da sua vida, quis desterrar a nossa miséria. Ele assumiu a miséria e se tornou miserável.

O Papa João Paulo II escreveu que a Cruz de Cristo é “uma revelação radical da misericórdia, ou seja, do amor que sai ao encontro do que constitui a raiz mesma do mal na história do homem: sai ao encontro do pecado e da morte”¹⁴.

Consideramos que Cristo se ofereceu como um cordeiro imolado que tira os pecados do mundo, até os fins dos tempos?

Ao mesmo tempo que a paixão de Cristo nos faz considerar a gravidade do pecado, também nos faz considerar a grandiosidade, a magnitude do amor e do perdão de Deus. A Santa Faustina, Jesus disse: “Pelos pecadores, desci à Terra... E por eles derramei todo meu Sangue” (n. 1275). E em outra ocasião: “Sou três vezes Santo, e abomino o menor pecado... Mas quando os pecadores se arre-

14 São João Paulo II, Encíclica *Dives in Misericordia*, n. 8.

pendem, minha Misericórdia não tem limites... Diga aos pecadores que sempre espero por eles” (n. 1728).

Vemos a misericórdia de Deus como algo pessoal? Consideramos que a maldade e a ofensa dos nossos pecados pessoais, foram assumidas por Cristo? Considero que foi Ele quem pagou pelos meus pecados, assim como dizia São Paulo: *Ele me amou e se entregou por mim* (Gl 2,20)?

Santa Faustina disse a nosso Senhor: “Vós morrestes, Jesus, mas uma fonte de vida jorrou para as almas e abriu-se um mar de misericórdia para o mundo” (n. 1319).

A MISERICÓRDIA DE JESUS RESSUSCITADO

Depois da sua ressurreição, fica patente a extrema Misericórdia de Jesus com os seus apóstolos e discípulos. Nosso Senhor sabia que os discípulos de Emaús estavam desanimados e voltavam para a sua casa, para a sua terra, pois não entendiam e não aceitavam a Paixão e a Cruz de Cristo. Os discípulos estavam abatidos, por pensarem haver acabado o sonho do estabelecimento do reino de Deus. Jesus sabia disso, aproximando-se deles no caminho de Emaús, estabeleceu um diálogo, provocando a confiança dos discípulos. Aproveitou a ocasião para explicar-lhes o valor da Cruz, profetizada nas Sagradas Escrituras e o coração deles voltou a arder outra vez no caminho.

Nosso Senhor sabia que Tomé tinha perdido a visão da fé, e andava “cabisbaixo” pelas ruas de Jerusalém. Precisaria vê-lo, tocá-lo, apalpá-lo, para crer. Jesus lhe aparece, censura a sua incredulidade, mas deixa que Tomé o toque: *Tomé, põe o dedo nas minhas chagas, e a mão no meu lado aberto*. E Tomé acaba fazendo o ato de fé mais claro de todo o Novo Testamento: *Meu Senhor, e meu Deus* (Jo 20,28).

Jesus conhecia bem a Pedro. Embora Pedro tivesse se arrependido e chorado pelas suas três negações, ainda não estava completamente recuperado, pois tinha necessidade de declarar, de reafirmar o seu amor novamente, e ainda não tinha tido essa oportunidade. Jesus dá essa chance, chamando-o à parte e perguntando-lhe se ele o amava, por três vezes. Pedro pode acabar de se levantar, reafirmando o seu amor por três vezes: *Senhor, tu sabes que eu te amo...* Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo. E voltou a respirar aliviado.

Impressiona como Nosso Senhor conhece o que cada pessoa precisa, e sai ao seu encontro. Devemos colocar-nos diante de Jesus Ressuscitado, com esta certeza: “Nosso Senhor sempre vem ao meu encontro quando me extravio. Sabe quando eu também preciso reagir em algum ponto, sabe quando também preciso me converter”. Sabe quando precisamos enfrentar a vida com maior otimismo e alegria como os discípulos de Emaús; quando precisamos ter uma fé mais firme, como Tomé, para transmiti-la às pessoas à nossa volta; quando necessitamos voltar a viver mais próximo de Jesus, com uma piedade mais profunda, como Maria Madalena, que abraçava os pés de Jesus Ressuscitado; quando o nosso amor precisa ser reacendido, expressamente declarado, como o amor de Pedro, renovando a disposição de evitar todas as possíveis negações e ofensas a Deus na vida.

Também devemos ter a certeza que, graças à sua infinita misericórdia, o Senhor nos diz o que disse a Pedro: *uma vez tu convertido, confirma os teus irmãos* (Lc 22,32)

Termino este capítulo com duas frases de Cristo a Santa Faustina: “As chamas da Misericórdia me queimam, desejo derramá-las sobre as almas dos homens. Oh, que dor me dão quando não as querem aceitar” (n. 50). “Diz à humanidade sofredora que se abraçe ao meu Coração misericordioso e Eu a encherei de Paz” (n. 1074).

PROPOSTAS DA 2ª MEDITAÇÃO

1. Leio diariamente os Evangelhos, pelo menos alguns minutos, para conhecer a infinita misericórdia do Sagrado Coração de Jesus? Procuo reproduzir os mesmos sentimentos de Cristo na minha vida?

2. Procuo meditar na Via Sacra, que narra a Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo? Não poderia fazer a Via Sacra em algumas sextas-feiras do ano, principalmente no tempo da Quaresma?

3. Digo jaculatórias (pequenas orações) invocando a Misericórdia de Deus? Algumas jaculatórias adequadas para o Ano da Misericórdia seriam:

- “Jesus, eu confio em vós”
- “Coração sacratíssimo e misericordioso de Jesus, dai-nos a Paz”
- “Pela sua dolorosa Paixão, tende misericórdia de nós e do mundo inteiro”¹⁵

4. Faço visitas a Jesus no Sacrário? Comungo assiduamente? Preparo-me espiritualmente para comungar, com orações e com a confissão frequente?

5. Procuo levar o Crucifixo comigo e olhá-lo ou beijá-lo? Peço a Jesus que eu saiba tomar a minha pequena cruz de cada dia, para ser corredentor com Ele?

¹⁵ Jaculatória do terço da Misericórdia.



CAPÍTULO 3

AS PARÁBOLAS DA MISERICÓRDIA

AS PARÁBOLAS DA OVELHA EXTRAVIADA E DA MOEDA PERDIDA

No capítulo anterior, considerávamos o tema “*Jesus, o rosto da Misericórdia*” e falávamos como Nosso Senhor ressuscitado se dedica a ir atrás de cada pessoa para dar-lhe o remédio necessário, para conhecer muito bem a cada uma. Esta atitude de Cristo nos faz recordar a alegoria do *Bom Pastor*, que Jesus Cristo aplica a si mesmo, ao declarar *Eu sou o bom pastor* (Jo 10,11).

O bom pastor conhece bem as suas ovelhas, a ponto de colocar um nome familiar em cada uma delas. Por exemplo, Maria Madalena reconheceu Jesus Ressuscitado quando o Mestre pronunciou o seu nome. As ovelhas conhecem o bom Pastor, tanto que o seguem quando as retira do aprisco e caminha à sua frente. O bom Pastor cuida de cada uma delas levando-as a pastos em que possam se alimentar e descansar; e as protege: defende-as dos inimigos, enfrentando um lobo que as quer devorar, e vai atrás da que se extraviou.

Esta atitude de Jesus Cristo Ressuscitado também nos faz recordar uma parábola que o Senhor mesmo nos contou: a da ovelha extraviada. *Quem de vós que tem cem ovelhas e perde uma, não deixa as noventa e nove no deserto e vai atrás daquela que se perdeu, até encontrá-la? E quando a encontra, alegre a põe nos ombros e, chegando em casa, reúne os amigos e vizinhos, e diz: ‘Alegrai-vos comigo! Encontrei a minha ovelha que estava perdida!’ Eu vos digo: assim haverá no céu*

alegria por um só pecador que se converte, mais do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão (Lc 15,4-7).

Um dos ensinamentos que podemos tirar da parábola da ovelha extraviada é o de que para Deus não há nenhuma ‘pessoa perdida’, pois Deus vai atrás dela até encontrá-la. Tal atitude do Bom Pastor nos enche de esperança de que Jesus sempre sai em busca de nós, quando nos extraviamos, e também daquela pessoa amiga que se afastou da fé cristã e da Igreja.

A parábola da ovelha extraviada trata-se de uma das três parábolas da Misericórdia recolhidas no capítulo 15 do Evangelho de São Lucas. O Papa Francisco nos ensina: ***Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia. Conhecemos estas parábolas, três em especial: a da ovelha extraviada, a da moeda perdida e a do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15,1-32). Nestas parábolas, Deus é apresentado sempre cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão (MV n.9).***

Consideremos, agora, as outras duas parábolas da Misericórdia.

A parábola da dracma ou moeda perdida é bem curta e podemos lê-la rapidamente: *Qual é a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma delas, não acende a lâmpada, varre a casa e a busca diligentemente, até encontrá-la? E tendo-a encontrado, reúne as amigas e vizinhas, dizendo: Regozijai-vos comigo, achei a dracma que tinha perdido. Digo-vos que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um só pecador que se arrependa (Lc 15,8-10).*

As moedas, quando caíam nas casas da Palestina, às vezes entravam nas frestas do chão, frequentemente feito de pedras justapostas, e era difícil de se encontrar a moeda, até mesmo pela areia que se

acumulava nas frestas do chão. Mas a moeda de prata, no tempo de Jesus, valia o mesmo que um denário ou o salário de um dia de trabalho, e devia ser achada.

Podemos salientar nessa parábola a seguinte frase: *varre a casa e busca diligentemente* (Lc 15, 8). A mulher busca diligentemente: não se cansa, não desiste, insiste até encontrar a moeda. Como o Papa Francisco disse no primeiro *Angelus* do seu pontificado: “Deus jamais se cansa de nos perdoar. Nós é que nos cansamos de pedir perdão”¹⁶. Podemos dizer que Deus nos procura, diligentemente. O verbo *diligo* em latim significa amar. Portanto, podemos dizer que Deus nos busca amorosamente e por isso se empenha em achar-nos.

“O RETORNO DO FILHO PRÓDIGO”: QUADRO DE REMBRANDT E LIVRO DE HENRI NOUWEN

Antes de considerarmos a Parábola do Filho Pródigo, gostaria de relatar como o quadro “O retorno do Filho Pródigo”, de Rembrandt, baseado nessa parábola de Jesus, teve uma influência espiritual marcante na vida do sacerdote, professor e escritor Henri Nouwen. O próprio autor narra no seu livro “A volta do Filho Pródigo” como a pintura de Rembrandt fez-lhe reavaliar a sua vocação e deu-lhe um novo alento para vivê-la.

Henri Nouwen ficou impressionado, primeiro, por um pôster do quadro, colocado atrás de uma porta da sala de sua amiga Simone:

Eu não conseguia desviar os olhos do quadro. Senti-me atraído pela intimidade entre os dois personagens; o vermelho cálido do manto, o amarelo dourado da túnica do rapaz, e a luz misteriosa envolvendo ambos. Mas, acima de tudo, foram as mãos – as mãos do homem

¹⁶ Papa Francisco, *Angelus*, de 17 de março de 2013.



idoso –, a maneira com que tocava os ombros do jovem, que me sensibilizaram, como jamais acontecera...¹⁷.

Depois teve a oportunidade de observar o quadro original, pessoal e detidamente, exposto em um museu em São Petersburgo. Quando fez a viagem à União Soviética, já estava decidido a deixar de lecionar em Harvard para ir à Arca “O amanhecer”, em Toronto, passando a viver com deficientes mentais. Quando chegou ao “O amanhecer”, uma das primeiras coisas que fez foi pendurar um pôster do “O retorno do Filho Pródigo” no seu escritório. “Aquele misterioso abraço de pai e filho” tornaram-se parte da sua jornada espiritual.

Logo ao chegar ao ‘O amanhecer’, Linda, uma bonita jovem portadora de síndrome de Down, pôs seus braços em volta do meu pescoço e me disse: ‘Bem-vindo!’. Mas como receber esse abraço? Linda nunca me havia encontrado. Nada sabia dos meus antecedentes antes de chegar a ‘O amanhecer’. Jamais conheceu o meu lado sombrio, nem pudera visualizar aspectos menos favoráveis. Ela nunca lera nenhum dos meus livros, nunca me ouvira pregar, ou sequer tinha tido uma conversa comigo... Linda estava dizendo com seu gesto: ‘Venha, não seja tímido, seu Pai também quer abraçá-lo’... Eu não sabia como seria difícil participar do grande acontecimento que o quadro de Rembrandt retrata¹⁸.

Henri Nouwen mais adiante explica o que representou para ele essa experiência:

Durante a minha estada aqui no ‘O Amanhecer’, fui conduzido a um lugar dentro de mim onde ainda não estivera. É um recanto muito íntimo que Deus escolheu para fazer a sua morada. É aí que me sinto

17 Henri Nouwen, *A volta do filho pródigo*, Ed. Paulinas, p. 9.

18 *Ibidem*, pp. 20-21.

seguro, sendo envolvido pelo abraço do Pai amoroso que me diz: 'Você é o meu filho querido, que tem todo o meu carinho'. É nesse local seguro que encontro toda a alegria e a paz que não são desse mundo¹⁹.

Henri Nouwen percebeu que Deus lhe era muito íntimo, que estava presente nele:

Quando vi pela primeira vez o quadro de Rembrandt, essa noção da presença de Deus em mim não era tão nítida quanto agora. Entretanto, a reação intensa ao abraço do pai e filho mostrou quão ansiosamente eu buscara aquele lugar secreto onde eu também pudesse me sentir tão amparado quanto o jovem do quadro. Devo me ajoelhar diante do Pai, colocar os ouvidos no seu peito e ouvir, sem interrupção, os batimentos do seu coração de Deus... Coloquei-me no lugar do filho Pródigo, de volta à Casa, antegozando o momento de ser afetuosamente recebido por meu Pai²⁰.

A INGRATIDÃO DO FILHO PRÓDIGO

Henri de Nouwen, através do quadro de Rembrandt, entrou na parábola, como o filho pródigo. E é exatamente isso o que faremos agora. Meditaremos nas palavras iniciais da parábola do Filho Pródigo, por partes.

Certo homem tinha dois filhos. O mais moço deles disse ao pai: '*Pai, dá-me a parte da herança que me cabe*'. E o pai dividiu os bens entre eles. Poucos dias depois, o filho mais moço, *ajuntando todos os seus haveres, partiu para um país distante, e ali dissipou sua herança numa vida devassa* (Lc 15,11-13).

¹⁹ *Ibidem*, p. 23.

²⁰ *Ibidem*, pp. 24-25.

Que filho mais ingrato! Suas atitudes são de um tremendo egoísmo, de uma incrível arrogância, que se manifesta na falta de consideração e desprezo por seu pai. Reparem bem: esse filho mais novo pede a sua parte da herança sem que o pai tenha morrido.

Bailey, a esse respeito, escreve:

“Por mais de quinze anos tenho perguntado a pessoas de diferentes camadas sociais, do Marrocos à Índia e da Turquia ao Sudão, sobre as implicações de um pedido como esse – do filho exigir sua herança enquanto seu pai ainda vive. A resposta tem sido sempre a mesma. A conversa se passa assim:

- Alguém na sua cidade já fez um pedido assim?
- Nunca!
- Seria possível alguém fazer um pedido semelhante?
- Impossível.
- Se alguém fizesse isso, o que aconteceria?
- Certamente seu pai o espancaria!
- Por quê?
- O pedido significa: ele quer que o pai morra.”²¹

É como se o filho mais moço dissesse: “Pai, você morreu para mim, mas saiba que quero o teu dinheiro, a tua grana, pois parte dela é minha”; e sem que o pai tivesse feito nada de mal para ele.

A saída da casa do Pai é uma rejeição a seu pai e a sua família. É como se dissesse: “Não quero fazer mais parte da família”. Rejeita a forma de viver, pensar e agir características da sua família. É uma traição à sua família, aos seus valores. O filho mais novo quer uma independência total, quer se ver livre de tudo que o une à família, quer dispor da sua herança como bem lhe apetece, para poder gastar a seu bel prazer. Só pensa em si mesmo.

Examinemo-nos: Não me identifico, às vezes, com o filho pródigo:

- Ao menosprezar os valores cristãos e ensinamentos da Igreja?

21 Bailey, Kenneth E. *Poet and peasant and through peasant eyes: A literary-cultural approach to the parables*. Grand Rapids, Mich., William B. Eerdmans, 1983, pp. 161-162.

— Ao abandonar às vezes a minha Casa espiritual, que é a Igreja?

— Ao negar a família espiritual a que pertencço? Ao rejeitar o amor de meu Pai Deus e da minha mãe, a Igreja?

— Ao desprezar o amor paternal de Deus, que me diz: “Você é meu filho amado, sobre você eu coloco todo o meu carinho”?

— Ao desprezar, às vezes, o amor de meus pais, contentando-me apenas em viver às suas custas?

O filho menor decide até romper os laços que lhe prendiam a seu Pai, pois pensa que estes limitam a sua atuação, impedem-lhe de experimentar novas sensações e curtir os prazeres da vida. Também hoje, por motivos semelhantes, muitas pessoas rompem os possíveis laços com Deus:

— Rompem os laços da vivência da fé cristã, com coerência de vida, e elaboram a sua própria crença, que não exige compromissos com nada ou apenas com o que lhes apetece.

— Abdicam do compromisso afetivo de um namoro sério ou de um casamento, que exige fidelidade e empenho em buscar a felicidade do outro e da sua família, para buscar apenas o seu prazer e a sua satisfação.

— Desprezam o amparo afetivo da vida em família, com as restrições de tempo e de dedicação aos outros, que a convivência familiar impõe. Muitos preferem morar sozinhos e não casar – pelo menos não tão cedo – e preferem já não ter filhos. Parece que só lhes interessam a comodidade, o conforto e o dinheiro.

Querem apenas dispor dos bens e talentos que possuem. Querem aproveitar a vida, curtir-la.

Aquele filho fez uma verdadeira loucura por não reconhecer como era bom estar junto do seu pai: experimentar um amor paternal verdadeiro e imenso; desfrutar da diversão saudável em família, que produz uma alegria que enobrece a existência e não a que degrada; saborear os cuidados e as atenções que tinham com

ele: do alimento farto e saboroso à mesa, do cuidado com a sua saúde e com a sua vestimenta, do verdadeiro interesse por ele.

Nós também, às vezes, não nos damos conta do grande bem que é poder estar junto ao nosso Pai Deus. Ele nos deu tudo: a vida humana e espiritual, o seu infinito amor, o alimento espiritual da Sagrada Eucaristia, os meios para termos uma excelente formação cristã, a fé... Tudo isso para sermos pessoas melhores, cheias de qualidades, para estarmos bem e felizes. Cada um de nós deveria reconhecer e dizer: “eu sou uma pessoa privilegiada!”.

Mas às vezes cometemos a loucura de querer-nos livrar dessa dependência paterna. O filho pródigo preferiu ir para longe do seu bom pai. Nós também nos afastamos com tanta facilidade desse Deus tão bom! Vamos para longe, para uma terra distante: o nosso mundinho sem Deus, as nossas coisas, a correria do dia a dia, a vida afastada de Deus.

A FOME DE DEUS

Tantas pessoas não percebem que o amor próprio desordenado²² é autodestruidor, é a fonte de todos os demais vícios, que não dão a felicidade prometida, mas ao contrário, escravizam, degradam e tornam a pessoa profundamente infeliz.

Na parábola, o filho mais novo levou uma vida devassa; gastando o dinheiro em festas, orgias e bebedeiras. Muitas pessoas que se afastam de Deus acabam cometendo esses mesmos erros e pecados, pois longe da sua família e em más companhias é muito fácil se perverter. Isso acontece, às vezes, com muitos jovens que vão morar em uma cidade distante, longe da família.

²² Os Padres do deserto chamavam o amor próprio desordenado de *filáucia*.

Nós também somos capazes de cometer todos os erros e horrores se nos afastamos de Deus. São Josemaria Escrivá recorda-nos no livro “É Cristo que passa” a possibilidade de todos nós afastar-nos da Casa paterna: “Deus confiou seus dons à frágil e débil liberdade humana e, embora sejamos sem dúvida assistidos pela força do Senhor, a nossa concupiscência, o nosso comodismo e o nosso orgulho repelem por vezes essa assistência e levam-nos a cair em pecado”²³.

O filho pródigo preferiu escolher bens efêmeros, passageiros, limitados e até mesmo falsos. E deixou-se levar pelas paixões desordenadas, iludido pelas aparências, invertendo os seus valores. Experimentou a tristeza interior, a insatisfação, a pobreza de valores, a perda da liberdade. A amável autoridade paterna foi substituída por uma amarga escravidão: primeiro das próprias paixões, depois o domínio das pessoas que não lhe amavam, nem lhe apreciavam.

Continuemos lendo a parábola:

E, havendo ele dissipado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a passar necessidades. Então foi encontrar-se com um dos cidadãos daquele país, o qual o mandou para os seus campos apascentar porcos. E desejava encher o estômago com as alfarrobas que os porcos comiam; e ninguém lhe dava nada (Lc 15,14-16).

É como sempre acontece: distante da Casa do seu pai, começou a passar muito mal. A miséria do pecador está bem representada na parábola, ao dizer que o filho pródigo tinha sido enviado para cuidar dos porcos, desejava comer do alimento dos porcos, mas nem isso lhe davam. Pode parecer dura a parábola, mas é verdadeira: quando nos afastamos de Deus Pai, mesmo sem querer, acabamos “apascentando porcos”. Tudo vira uma “porcaria”: o estudo e a profissão, encarados de forma egoísta, em que se busca apenas o brilho pessoal; a busca do prazer sensual desregrado, que escraviza

23 São Josemaria Escrivá. É Cristo que passa, n. 131.

a pessoa no mau comportamento e a degrada; a busca desenfreada pela vaidade, que torna as pessoas vazias e fúteis; a preguiça, que torna a vida aborrecida e sem graça; o abandono da vivência da fé, que tira a luz da vida e faz perder a dignidade e a alegria com a paz, próprias de quem saboreia o amor de Deus. A fome do filho mais novo é o símbolo da fome da alma quando se afasta de Deus: fica insatisfeita e carente.

O filho pródigo saiu de casa e dissipou os seus bens. Perdeu os maiores dons de Deus: a sua graça, a sua companhia, a herança eterna. Pretendia ser dono de si para gastar as suas riquezas, mas encontrou-se imediatamente pobre e miserável.

Quando se comete um pecado grave se dissipa tudo, nada fica dos bens que se tinha adquirido. Terminam as reservas da sua fé, das suas orações, dos seus esforços, do seu zelo... tudo é arruinado, jogado fora. O pecado é oposto à liberdade, pois escraviza e degrada o homem. O filho pródigo se encontrou triste pela amargura do seu desregramento, pela angústia da fome que sentia, por sua liberdade estar morta. *E ele desejava encher o seu ventre das bolotas que os porcos comiam, e ninguém as dava* (Lc 15,16).

A parábola quer mostrar a solidão do pecador, o seu abandono. Falta-lhe tudo: o pão, a casa, as amizades, o amor, a dignidade, o respeito por si mesmo... e principalmente a esperança. Quando pecamos, não queremos afastar-nos conscientemente de Deus. E às vezes podemos desculpar-nos dizendo: só queria satisfazer uma curiosidade, satisfazer os meus sentidos; queria apenas ir atrás da minha ambição; queria somente aplacar um pequeno desejo de vingança... Mas nunca tive a intenção de ofender a Deus; nem me passou pela cabeça... Aí está o problema e muito bem dito: nem passou pela sua cabeça. Deus estava esquecido.

Não seria mais correto dizer: “empurrei Deus para o esquecimento” ou “evitei a sua presença para pecar”, ou ainda “abusei da sua misericórdia para pecar e fazer o que me apetecia no momento”?

A DECISÃO DE VOLTAR À CASA DO PAI

Mas, graças a Deus, o filho que é pródigo, gastador e esbanjador, depois acaba caindo em si. *Caindo, porém, em si, disse: Quantos empregados de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e dir-lhe-ei: 'Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'* (Lc 15,17-19).

O pecador, muitas vezes, acaba percebendo o mesmo: “Estou longe de meu Pai. E na sua casa era feliz e não sabia. Estou me portando de forma indigna, não como um filho de Deus. Estou passando fome espiritual: da graça de Deus, da amizade de Deus, do seu amor”.

O filho mais novo descobriu logo a tremenda enganação em que tinha caído, ao experimentar a infelicidade de uma vida longe de Deus. Tudo lhe parecia definitivamente perdido, até que reconsidera a sua vida.

Henri de Nouwen, ao se fixar no Filho Pródigo da pintura de Rembrandt, comenta:

Rembrandt deixa pouca dúvida sobre a sua condição. Sua cabeça está raspada. Não possui mais o cabelo comprido e encaracolado com o qual Rembrandt se retratou como o Filho Pródigo no bordel, arrogante e soberbo. A cabeça é a de um prisioneiro cujo nome foi substituído por um número. Quando a cabeça de um homem é raspada, quer seja na prisão ou no exército, num trote de calouros ou em um campo de concentração, ele é despojado de um dos traços da sua personalidade. As roupas com que Rembrandt o veste são roupas íntimas, que mal cobrem o seu corpo extenuado. O pai e o homem alto que observam a cena usam amplos mantos carmim, que lhes conferem status e dignidade. O filho ajoelhado não tem agasalho. A roupa parda e em frangalhos mal cobre o seu corpo cansado do qual

toda a força se esvaiu. As solas dos pés narram uma história de uma jornada longa e penosa. O pé esquerdo, por fora da sandália muito usada, está arranhado. O pé direito, somente calçado numa sandália arrebitada, também aponta para sofrimento e miséria. Eis um homem despojado de tudo... a não ser da sua espada. O único sinal de dignidade que resta é a pequena espada presa ao quadril – emblema da sua nobreza. Mesmo em meio à sua degradação, ele se apegou ao fato de que era ainda filho do seu pai. De outra forma ele teria vendido sua preciosa espada, símbolo da sua filiação...

Vejo diante de mim um homem que se afundou numa terra estranha e perdeu tudo o que levou consigo. Vejo derrota, humilhação, vazio. Ele, que era tão semelhante ao pai, agora está em pior situação que os empregados de seu pai. Tornou-se um escravo²⁴.

Mas graças a Deus, ele resolve voltar para a casa do seu pai. A sua conversão se dá quando pensa na Casa do Pai e na abundância dos bens que havia perdido, no amor e cuidado que gozava. Arrepende-se e decide de voltar. Nós também sentimos frequentemente a necessidade de voltar ao Pai, de revitalizar a nossa vida cristã, de experimentarmos sua presença amorosa, de comportarmos como seus filhos.

E como termina a parábola para o filho mais novo? Veremos o fim da parábola no próximo capítulo.

PROPOSTAS DA 3ª MEDITAÇÃO

1. Percebo que o amor próprio desordenado, o egoísmo, impede que eu veja as necessidades e carências dos demais, voltando-me apenas para os meus desejos, necessidades, sonhos e projetos? Sou consciente de que o amor próprio desordenado é fonte de todos os

24 Henri Nouwen. *A volta do filho pródigo*. Ed. Paulinas, pp. 50-51.

demais vícios, e de que eles me escravizam? Luto por me libertar dos meus pecados e me tornar profundamente feliz?

2. Esforço-me por ser generoso com os demais? Procuo rezar pelos outros, ajudá-los nas suas dificuldades, servi-los nas suas necessidades? Penso em como alegrar a vida dos meus conhecidos e parentes? Tenho detalhes de carinho, diariamente, com eles?

3. Sou agradecido por tudo que recebo em casa? Lembro-me de fazer elogios e agradeço às pessoas pelos serviços que me prestam?

4. Agradeço diariamente o Amor paternal de Deus? Faço “ações de graças” pelos tesouros que recebo de Deus através de sua Igreja, como a participação nos sacramentos da Igreja (Eucaristia, confissão sacramental, etc.) e os ideais belíssimos que Jesus Cristo nos deixou? Saboreio a presença íntima de Deus na minha alma em graça?

5. Procuo-me confessar com frequência, reconhecendo os meus pecados diante do meu Pai Deus: *Pai, pequei contra o céu e contra ti, não sou digno de ser chamado seu filho...*? Percebo que o Ano Santo é uma excelente ocasião para voltar para a Casa do Pai, através da confissão sacramental?

CAPÍTULO 4

O FINAL DA PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

O ABRAÇO DA MISERICÓRDIA

No capítulo anterior, consideramos as três parábolas da misericórdia, embora não tenhamos terminado de meditar sobre a parábola do Filho Pródigo. Tínhamos parado no momento em que o filho cai em si e decide voltar para a casa de seu pai. Continuemos a meditar na parábola:

Levantou-se, pois, (o filho pródigo) e foi para seu pai. Ele estava ainda longe, quando seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos. (Lc 15,20)

O filho pródigo provavelmente treme ao dirigir-se à sua casa, pois teme a repreensão do seu pai. Uma angústia devia lhe invadir o peito, ao pensar: “como meu pai me receberá depois de tudo que eu fiz? E se eu for rejeitado, expulso da sua presença?”

Mas o pai nunca agiria dessa forma, pois nunca se conformou com a partida do filho, com a sua perda. A cada fim da tarde, o pai subia ao terraço da sua casa, onde podia ver a redondeza, sonhando que, em uma dessas subidas, poderia avistar o seu filho, que regressava ao lar. E rezava para que esse dia chegasse. Tanto que, quando o filho volta, o pai pôde avistá-lo de longe e sair ao seu encontro.

Embora o filho pareça mais um mendigo, o pai consegue reconhecê-lo pelo modo de andar. O pai não espera que o filho chegue em casa. Não aguenta esperar, sai-lhe ao encontro. E ao alcançá-lo, o pai se joga no pescoço do filho, aperta-o de encontro ao peito,

sem se importar com o mau cheiro, com o fedor de chiqueiro que exala das suas roupas, e cobre-o de beijos.

São Josemaría Escrivá comenta: “Deus espera-nos como o pai da parábola, de braços estendidos, ainda que não o mereçamos. O que menos importa é a nossa dívida. Como no caso do filho pródigo, basta simplesmente abrirmos o coração, termos saudades do lar paterno, maravilhar-nos e alegrar-nos perante o dom divino de nos podermos chamar e ser verdadeiramente filhos de Deus, apesar de tanta falta de correspondência da nossa parte”²⁵.

O Senhor tem sempre abertos os braços da sua misericórdia.

O filho, provavelmente, chora ao mesmo tempo de remorsos e de alegria pela recepção do pai, e diz-lhe: *Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado seu filho. Trata-me como um dos seus empregados. Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também o bezerro, cevado e matai-o; comamos, e regozijemo-nos, porque este meu filho estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado’. E começaram a regozijar-se.* (Lc 15,22-24)

Santo Ambrósio dirige ao filho pródigo as seguintes palavras: “Tu ainda temes pela afronta que lhe causaste, mas Ele te devolve a tua dignidade perdida; tu tens medo do castigo, e Ele, no entanto, beija-te; tu temes, enfim, a repreensão, mas Ele te acode com um banquete”²⁶.

O PAI CELESTE

Se pensamos bem, parece que esse pai da parábola é irreal, que não existe na prática. É um pai sem a mínima preocupação pela sua dignidade, que não exige respeito por parte do filho e não lhe

25 São Josemaría Escrivá. *É Cristo que passa*, n. 64.

26 Santo Ambrósio, *Tratado sobre o Evangelho de São Lucas*, VII, 207-212.

impõe a sua autoridade. Mas o pai se torna totalmente real, ganha vida, quando percebemos que Ele é o Pai celeste.

O Pai, “com P maiúscula”, nunca manda, simplesmente pede, suplica, se rebaixa constantemente, porque nos ama muito. Impõe uma única lei: a do amor. Não quer ver seus filhos junto deles obrigados, mas sim livres e por amor. Na Casa de Deus, cada um tem que estar ali porque tem vontade de amar a Deus, seu pai, e corresponder ao seu amor.

Esta parábola nos ensina que ***a misericórdia de Deus não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta, pela qual Ele revela o seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem pelo próprio filho, até ao mais íntimo das suas entranhas. É verdadeiramente caso para dizer que se trata de um amor “entranhável”. Provém do íntimo como um sentimento profundo, natural, feito de ternura e compaixão, de indulgência e perdão*** (MV n.6).

Desse encontro com o pai, o filho vai se tornar um homem novo. O pai disse aos seus servos: *Trazei depressa a melhor roupa, vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e calçados nos pés* (Lc 15,22). Depois do banho tomado e da roupa trocada, o filho não tem nada a ver com o antigo ‘porqueiro’ que tinha chegado com as vestes em trapos, com a roupa imunda e fedorenta. Agora está limpo, perfumado, vestido com a melhor túnica, com sandálias novas, e no dedo um anel distintivo da sua família.

Isso acontece conosco em cada confissão: recuperamos a nossa dignidade de filhos de Deus, ao estarmos novamente com a alma limpa.

A OBEDIÊNCIA SEM AMOR DO FILHO MAIS VELHO

Mas a parábola não termina aí. Continuemos a leitura:

Ora, o seu filho mais velho estava no campo; e quando voltava, ao aproximar-se de casa, ouviu a música e as danças; e chamando um

dos servos, perguntou-lhe que era aquilo. Respondeu-lhe este: 'Chegou teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo'. Mas ele se indignou e não queria entrar. Saiu então o pai e insistiu com ele. Ele, porém, respondeu ao pai: 'Há tantos anos que te sirvo, e nunca transgredi um mandamento teu; contudo nunca me deste um cabrito para eu me regozijar com meus amigos; vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as prostitutas, e para ele matas o bezerro cevado' (Lc 15,22-30).

O irmão mais velho reflete também outra situação de pessoas necessitadas de conversão. Este filho nunca desobedeceu a seu pai. Os vizinhos deviam até citá-lo como exemplo, procurando consolar o pai na sua desgraça, quando o outro filho mais novo tinha sumido: “Pense no mais velho, que é fiel, que sempre está do teu lado, com quem você sempre poderá contar”. Mas de uma forma inesperada, surpreendente, vemos o filho mais velho maltratar o seu pai, quando seu irmão mais novo volta para casa.

O filho mais velho, embora permaneça em casa, não é amigo do seu pai. Queria um cabrito para festejar com os amigos e nunca disse. Se dissesse, seu pai certamente o daria. Poderia até pegá-lo sem dizer, pois seu pai considerava que tudo o que era dele era também do seu filho. Mas age como um empregado: obedece e espera o pagamento. E fica revoltado porque o pagamento não chega. Era um empregado, mais do que um filho: fazia as coisas por obrigação e guardava imensa mágoa do seu pai.

Também não tinha bons sentimentos no seu coração. Deixa escapar os sentimentos que vinha reprimindo. Chega a ser duro com seu pai: “Há tantos anos que te sirvo... e nada”. Ele contabilizava os serviços que prestava a seu pai, e esperava a recompensa algum dia. E ao ver que o seu irmão, que não fez nada por merecer, recebe aquilo que achava que ele deveria receber, reage muito mal. Ele deveria alegrar-se com a alegria de seu pai, mas não, pois tem um coração duro.

O filho mais velho também se comporta mal. Enquanto o mais novo quer uma liberdade sem obediência, o filho mais velho obedece sem liberdade. O filho mais velho, tornou-se um servo distante. Um mau filho e um péssimo irmão. Tornou-se crítico e invejoso. A bondade e a misericórdia do pai o irritam e o repugnam, a felicidade do seu irmão achado tem para ele um sabor amargo. Faltava o Amor ao fazer as coisas. Atuava bem, simplesmente por rotina ou por interesse, mas não por bondade, por amor.

O mesmo acontece com alguns cristãos. Às vezes vive-se algumas práticas de piedade, frequenta-se os sacramentos, vive-se de acordo com o que seus pais ensinaram, ou mesmo de acordo com a moral cristã. Mas não se coloca o coração no que se faz. Não se ama a Deus profundamente. As pessoas que assim se comportam, normalmente, em determinado momento mostram que faziam as coisas apenas por conveniência, exteriormente, pois passam a se comportar mal, de uma forma incompatível com tudo que viviam.

Mostram com as suas atitudes que não haviam assimilado como próprios os ideais cristãos. E ao mudarem de situação, ou sofrerem uma pequena contradição ou dificuldade na vida, abandonam a Deus, as práticas de piedade, os meios de formação cristã.

Não podemos cair na atitude desse irmão mais velho: de ir cumprindo as coisas apenas por obrigação, sem amor: rezar com má vontade, viver os mandamentos de Deus por medo de se dar mal na vida, etc. Precisamos deixar de ser como empregados, ou escravos, e passar a ser filhos.

No caso do filho mais velho também o Pai lhe fala carinhosamente, de coração a coração, convidando-o à conversão. No seu caso, a conversão passa pela compreensão fraterna, pela abertura do seu coração ao pai e a seu irmão.

Replicou-lhe o pai: Filho, tu sempre estás comigo, e tudo o que é meu é teu; era justo, porém, regozijarmo-nos e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha-se perdido, e foi

achado (Lc 15,31-32). Se o filho mais novo caiu na escravidão das suas paixões desordenadas, o mais velho caiu na escravidão, ou servilismo, da falta de amor.

Ao refletir na escravidão dos dois filhos, podemos recordar que, surpreendentemente, São Paulo nos oferece o remédio que poderia ser aplicado às pessoas que caem na escravidão de um dos filhos da parábola:

...não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Abba! Pai! O Espírito mesmo dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, contanto que sofram com ele, para que também com ele sejamos glorificados. (Rm 8,15-17).

O remédio é entendermos com profundidade a nossa filiação divina e vivê-la bem: sem medo da repreensão e sem medo de não sermos retribuídos pelo bem que fizemos. Aprofundemos nas palavras de São Paulo, na epístola aos Romanos, para compreendemos melhor a filiação divina e a sua relação com cada uma das pessoas da Santíssima Trindade.

A FILIAÇÃO DIVINA E NOSSO RELACIONAMENTO COM DEUS PAI

Não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adoção pelo qual clamamos: Abba! Pai! (Rm 8,15).

São Paulo nos ensina que a filiação divina nos conduz a um relacionamento filial, amoroso, confiante e carinhoso com Deus Pai, como as crianças pequenas que tratam os seus pais: “*Abba, Pater*”, isto é, Papai, pai.

São Paulo refere-se à filiação divina como a uma adoção, em que Deus Pai nos toma como seus filhos. A adoção humana já é maravilhosa: é um casal que recebe um filho como se fosse seu e lhe dá um lar, educação, formação, carinho e o considera e trata como filho (“filho do seu coração”, como muitas mães dizem a seus filhos adotados). Mais maravilhosa ainda é a adoção divina: é surpreendente que Deus nos adote – pobres criaturas – como seus filhos e nos trate de acordo com essa filiação.

Deus tem para conosco um amor infinito e paternal. Deus, o criador do universo, tem postas em nós as suas atenções, nós lhe interessamos profundamente. Deus sente ternura por nós quando manifestamos o nosso amor por Ele, mesmo que seja de uma forma imperfeita, pois somos limitados. Deus deseja o nosso bem acima de tudo. Se compreendemos isso, em consequência nos sentiremos seguros no Amor: acompanhados por Deus Pai e amados com um amor de predileção.

“É preciso convencer-se de que Deus está junto de nós continuamente... sempre ao nosso lado... quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos”²⁷. É um amor sem defeito, sem falhas, incondicional. Ele nos quer com mais loucura do que as nossas mães, que não medem esforços para ajudar-nos, para que estejamos bem... Que segurança e que alegria a de saber-nos protegidos, amparados, queridos pelo próprio Deus, que é o Amor com maiúscula.

Como é bom saber que Deus é um Pai, que nos olha com carinho, que sente orgulho de nós! Para quem somos importantes, únicos, insubstituíveis! Como é bom saber que Deus nos ama, com todas as nossas falhas e defeitos! Não olha com repugnância para os nossos defeitos (nós sim que às vezes olhamos para nós mesmos

27 São Josemaria Escrivá. *Caminho*, n. 267.

com repugnância). Deus nos perdoa sempre, nos espera sempre! É o pai da parábola do filho pródigo.

Como Deus nos adotou como filhos, já que é um Pai terno, espera que o tratemos com a simplicidade e a ternura de uma criança com seu pai, chamando-o: pai, papai, paizinho... E como nos faz bem colocarmo-nos assim diante de nosso Pai Deus: como uma criança de no máximo dois anos, necessitada de carinho e proteção.

A FILIAÇÃO DIVINA E SUA RELAÇÃO COM O ESPÍRITO SANTO

O Espírito mesmo [com maiúscula, portanto o Espírito Santo] dá testemunho ao nosso espírito *de que somos filhos de Deus* (Rm 8,16). A adoção por parte de Deus Pai não é simplesmente externa. O Espírito de Deus, o Espírito Santo, passa a estar na nossa alma em graça. A vida divina torna-se presente em nós. Somos filhos de Deus, pois Deus nos gera para sua própria vida divina. Deus Pai nos diz, com palavras do Salmo II: *Tu és o meu filho... Eu te gerei* (para a vida da graça) (Sl 2,6).

São Paulo escreve aos Gálatas: *E a prova que sois filhos é que Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama Abba, ó Pai* (Gl 4,6).

Na nossa alma humana há vida divina, como acontecia na alma humana de Cristo. Temos a mesma graça, a mesma vida divina, de que a alma de Cristo está repleta e da qual recebemos a graça como de uma fonte.

A graça nos identifica interiormente com Cristo, e nesse sentido somos *Cristos*, ungidos pelo Espírito Santo, nesse sentido somos verdadeiramente filhos de Deus. É impressionante que nós cristãos estejamos chamados a ser outros Cristos! Deus Pai trata-nos como a seu Filho, ao ver uma pessoa que está com a alma em graça, e

atuando para agradá-lo e fazer a sua vontade, vê em nós Cristo, o seu Filho.

A NOSSA IDENTIFICAÇÃO COM CRISTO

E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, contanto que soframos com ele, para que também com ele sejamos glorificados (Rm 8,17). Nós estamos chamados a identificar-nos com Cristo, a reproduzir na nossa vida a vida de Cristo, os seus sentimentos:

— Quando sorrimos no final da tarde, quando estamos cansados, ao chegar em casa.

— Quando ouvimos com interesse as demais pessoas à nossa volta.

— Quando nos submetemos a um horário de estudo e trabalho intenso.

Somos Cristo que passa na vida dos outros, que caminha no nosso mundo. É algo para se admirar, para se impressionar, para não se acostumar nunca com a possibilidade de viver uma vida divina, ser outro Cristo, o próprio Cristo, a cada dia.

Hoje, nós podemos sacrificar-nos como Cristo, através das nossas mortificações: trabalhar como Cristo, que fazia tudo bem feito e redimia a humanidade; servir como Cristo, que dizia que veio à terra para servir, e não para ser servido, etc. Devemos viver a filiação divina, identificando-nos cada vez mais com Cristo.

A consciência de que somos filhos de Deus, de que somos Cristo, deve manifestar-se em todo o nosso agir. Impregnar a nossa inteligência, a nossa vontade, os nossos sentimentos e todo o nosso ser. E isso fará com que mudemos de atitude, pois pensaremos: um filho de Deus não se comporta assim! Procuraremos manter sempre a dignidade de um filho de Deus no meio do mundo. Assim nos esforçaremos para que a nossa vida seja um prolongamento da vida terrena de Cristo. E passaremos a ser a sua presença viva

no nosso mundo. Devemos refletir Cristo nos nossos gestos, em nossas palavras, no modo como tratamos os demais.

SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ RECEBE O DOM DA PIEDADE

São Josemaria recebeu muitas luzes potentes de Deus que iluminaram aspectos da vida cristã esquecidos ou velados durante séculos: a chamada universal à santidade, a busca da santidade no meio do mundo, a unidade de vida, etc. Uma dessas luzes novas foi a da filiação divina, não como uma verdade teórica, conhecida por todos cristãos, mas como verdade contemplada e vivida como alicerce, fundamento, de toda a existência cristã.

Embora durante cerca de um mês, no final do ano 1931, São Josemaria estivesse contemplando a filiação divina de forma mais intensa, houve um momento marcante na sua vida: ia num bonde pelas ruas de Madrid e saboreou no seu interior, no seu coração, que Deus lhe dirigia ternas palavras: “Tu és meu filho, Tu és Cristo”.

Recebeu o dom da Piedade de forma muito elevada. Deixou registrado a sua experiência nos seus apontamentos íntimos: “Senti a ação do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: *Abba! Pater!* Estava na rua, num bonde... Provavelmente fiz aquela oração em voz alta. E andei pelas ruas de Madri, talvez uma hora, talvez duas, não sei dizer, o tempo passou sem eu o sentir. Devem ter me tomado por doido. Estive contemplando com luzes, que não eram minhas, essa verdade maravilhosa, que ficou acesa como uma brasa na minha alma, para nunca mais se apagar”²⁸.

Foi uma experiência espiritual marcante, uma descoberta de um querer de Deus, que ficará gravada para sempre na sua alma e que

28 A. Vázquez de Prada. *O Fundador do Opus Dei*, vol. I, p. 356.

mudará o seu modo de ver as coisas. E às pessoas do Opus Dei, escreveu: “Naquele dia, [Deus] quis de uma maneira explícita, clara, terminante, que comigo vós vos sintais sempre filhos de Deus...”²⁹.

Cada cristão deve ter isto claro: preciso ter consciência de que sou Cristo, em quem Deus põe todas as suas complacências. Nós somos amados pelo próprio Deus, somos amados pelo Amor.

São Josemaria depois confidenciava-se com seus filhos: “... a minha vida me levou a saber-me especialmente filho de Deus e saboreei a alegria de meter-me no coração de Meu Pai, para me purificar, para o servir, para compreender e desculpar a todos, à base do seu amor e da minha humilhação. Por isso desejo agora insistir na necessidade de que vós e eu nos refaçamos e despertemos desse sono de fraqueza que tão facilmente nos amodorra, e voltemos a perceber, de uma maneira mais profunda e ao mesmo tempo mais imediata, a nossa condição de filhos de Deus”³⁰.

A piedade é a virtude própria dos filhos de Deus que, sobrenaturalmente, é aperfeiçoada pelo dom do Espírito Santo, de mesmo nome que nos facilita reconhecer-nos como filhos de Deus e agir em consequência em todos os momentos da nossa vida.

São Josemaria nos diz: “A piedade que nasce da filiação divina é uma atitude profunda da alma que acaba por informar a existência inteira: está presente em todos os pensamentos, em todos os desejos, em todos os afetos”³¹.

Pela filiação divina devemos viver metidos em Deus, em constante diálogo filial com Deus. Devemos estar sempre na presença de Deus e transformar toda nossa vida em oração. Devemos nos entreter confiadamente com Deus como um filho que conversa com seu Pai, como Cristo fazia. Este era um conselho que dava São Josemaria: “Descansa na filiação divina. Deus é um Pai – o teu

29 *Ibidem*, p. 357.

30 São Josemaria Escrivá. *Amigos de Deus*, n. 143.

31 São Josemaria Escrivá. *Amigos de Deus*, n. 146.

Pai – cheio de ternura, de infinito amor. Chama-Lhe Pai muitas vezes, e diz-Lhe – a sós – que O amas, que O amas muitíssimo! Que sentes o orgulho e a força de ser seu filho”³².

Um filho de Deus sente a necessidade de dialogar com seu Pai. Sente como se o Senhor dissesse para ele: “Filho meu, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu”, e tudo o que é teu é meu. Todas as nossas coisas interessam a Deus: nossas necessidades, tristezas, preocupações, alegrias... E podemos e devemos falar de tudo isso com Deus.

Uma consequência importante da filiação divina é a alegria e o otimismo, mesmo nas dificuldades e nas cruzes da vida. Como dizia São Paulo: *Tudo concorre para o bem dos que amam a Deus* (Rm 8,28). São Josemaria resumia essa ideia de São Paulo na jaculatória “*Omnia in Bonum*”, tudo é para bem. Pois nada nem ninguém nos pode separar do amor de Deus, se nós não permitimos (necessidades, problemas familiares, doenças, calúnias ou quaisquer outras dificuldades). Devemos ter fé de que se não pudéssemos tirar um bem de algo que nos acontece, se não pudéssemos aprender algo e aproximarmos mais dEle, Deus não o permitiria.

Sem dúvida uma das maiores manifestações da misericórdia de Deus é a paternidade divina. Vivamos como filhos amadíssimos de Deus.

PROPOSTAS DA 4ª MEDITAÇÃO

1. O filho mais velho teve inveja do seu irmão mais novo, em vez de se alegrar com a sua volta à Casa do Pai. Procuro olhar as pessoas com benignidade, evitando qualquer sentimento de inveja? Alegro-me com o bem dos outros e compadeço-me dos seus problemas e pecados?

32 São Josemaria Escrivá. *Forja*, n. 331.

2. Procuo fazer as minhas práticas de piedades e orações com amor? Evito a rotina ao rezar, sabendo que “a rotina é o sepulcro da piedade”?

3. Recordo todos os dias que Deus é um Pai amoroso, que me ama mais do que meu pai e minha mãe, mais do que todos os pais e mães da terra juntos? Não poderia recordar a mais pessoas a maravilhosa doutrina da filiação divina, que nos identifica com Jesus Cristo, o “Filho de Deus vivo”?

4. Chamo a Deus de Pai muitas vezes ao dia, e agradeço-lhe o seu amor paterno? Recorro ao Espírito Santo para que me conceda o dom da Piedade, para viver com a consciência de que sou filho de Deus? Procuo rezar algumas vezes ao dia a oração do Pai-nosso?

5. Mantenho a alegria e a paz, próprias de um filho de Deus, que sabe que “todas as coisas concorrem para o bem de quem ama a Deus”? Semeio paz e alegria ao meu redor? Mantenho o bom-humor e procuro sorrir sempre para tornar amável a vida dos meus parentes e conhecidos?



CAPÍTULO 5

AS PORTAS DA MISERICÓRDIA

ABERTURA DAS PORTAS SANTAS

O Papa Francisco na festa da Imaculada Conceição de 2015, dando início ao Ano Santo da Misericórdia, abriu a Porta Santa na Basílica de São Pedro. E no domingo seguinte, abriu outra Porta Santa na Catedral de Roma, a Basílica de São João de Latrão. Estabeleceu que, no mesmo domingo, em cada diocese do mundo se abrisse uma Porta Santa na Catedral e, seguindo a indicação do bispo do lugar, também se abrissem portas Santas em Santuários de cada diocese.

Cada porta santa aberta poderia ser chamada também de *Porta da Misericórdia*.

O Jubileu inclui também a referência à indulgência. Esta, no Ano Santo da Misericórdia, adquire uma relevância particular. O perdão de Deus para os nossos pecados não conhece limites... Apesar do perdão, carregamos na nossa vida as contradições que são consequência dos nossos pecados. No sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso. Ela torna-se indulgência do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequên-

cias do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor em vez de recair no pecado (MV n. 22).

A Igreja, nesse Ano Santo, concede indulgência plenária a todos aqueles que fizerem uma peregrinação e passarem através de uma Porta Santa, desde que também rezem pelo papa, se confessem e comunguem proximamente ao dia que irão passar na porta Santa, e tenham uma aversão a todo pecado. Assim as pessoas se purificam completamente das penas que mereceriam pelos seus pecados, e estão preparadas para irem ao céu imediatamente após a morte, no caso de morrerem neste estado.

Conheço uma moça que quando soube da indulgência plenária ao se atravessar a Porta Santa, começou a fazer o “apostolado da Porta Santa”. A cada semana, ela convidava uma amiga para passar pela Porta da Misericórdia, explicando para ela as condições necessárias para se lucrar indulgência plenária. Na semana anterior, levava a amiga a seu confessor, ajudando-a a se preparar para a confissão e marcando um horário para ela com o padre.

Devemos passar pela Porta Santa com a atitude do filho pródigo que retorna a casa e atravessa a porta de entrada da casa do Pai, ***onde experimenta o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança*** (MV n.3).

Ao ouvir falar da Porta Santa, muitos de nós nos lembramos da porta para se entrar no reino dos céus, mencionada por Jesus Cristo. Naquela ocasião perguntaram a Cristo: *Senhor, são poucos os homens que se salvam? E ele respondeu: Procurai entrar pela porta estreita, porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão* (Lc 13,23-24).

É estreita a porta de entrada no Céu, pois a atravessam apenas as pessoas puríssimas. O Papa Emérito Bento XVI descrevia essas pessoas: “...podem existir pessoas puríssimas, que se deixaram penetrar inteiramente por Deus e, conseqüentemente, estão totalmente abertas ao próximo – pessoas em quem a comunhão com

Deus orienta desde já todo o seu ser e cuja chegada a Deus apenas leva a cumprimento aquilo que já são”³³.

Essas pessoas poderão ver a Deus logo após a sua morte. Contemplarão a suma bondade, a extrema beleza da Santíssima Trindade, que lhes dará a plena felicidade para sempre, por toda a eternidade. Entenderão o refrão do Salmo 136, que diz: *Eterna é a sua misericórdia*.

O fato do Salmo 136 repetir continuamente “eterna é a sua misericórdia”, parece querer romper o círculo do espaço e do tempo, para inserir tudo no mistério eterno do amor. É como se se quisesse dizer que o homem, não só na história, mas também pela eternidade, estará sempre sob o olhar misericordioso do Pai (MV n.7).

O JUÍZO DE DEUS APÓS A NOSSA MORTE

Tomaremos conhecimento do nosso futuro por toda a eternidade, no juízo de Deus, logo após a nossa morte. No juízo de Deus tomaremos também conhecimento perfeito do que somos e do que valemos aos olhos de Deus. Conheceremos o valor de cada uma das nossas ações. E que muitas vezes nem percebíamos. Nosso Senhor nos mostrará:

— as faltas de amor que supunham as nossas imperfeições: as distrações consentidas nas normas de piedade.

— os apegos inconscientes que às vezes tínhamos, que estavam por trás das polarizações com certos temas ao longo do dia, e que ocupavam com frequência a nossa cabeça: o trabalho, as dificuldades a resolver, a nossa imagem.

— os nossos defeitos, que julgamos tantas vezes serem apenas modos de ser: revelará como fomos poucos delicados, e mesmo

33 Papa Bento XVI. *Encíclica Spe Salvi*, n. 45.

grosseiros, no trato com os demais, quando levantamos a voz, ou mesmo sem levantar a voz, jogamos os defeitos na cara dos outros, através de uma ironia ou de um comentário fora de hora

— como fomos egoístas quando nos fechávamos aos outros quando estávamos preocupados, nervosos ou chateados com algo.

Mostrará também o bem que fizemos sem que muitas vezes o notássemos. Uma graça que alcançamos para alguém com nossa oração e nem sabíamos. O apoio que demos ao Papa com a mortificação e oração por sua pessoa e intenções. O bem que supôs para um irmão nosso um bom exemplo na conduta. O empenho na luta por ser pontuais na missa, ou o cuidado dos pequenos detalhes de ordem em casa. O valor das horas e horas de estudo e trabalho oferecidas a Deus. O imenso valor de colocar intensidade nos minutos finais de um trabalho quando já estávamos cansados.

E não chamará a atenção apenas para alguns momentos, nem apenas para algum detalhe... mas sobre toda a vida. Toda a nossa vida está nas mãos de Deus, no livro da vida.

Às vezes podemos queixar-nos que as outras pessoas não nos conhecem bem, que fomos mal interpretados, que estão com preconceito com relação a nós, que não nos entendem, etc. No nosso Juízo particular, não precisamos ter receio disso. Jesus Cristo, com toda a justiça, nos julgará. No Juízo final, tomaremos conhecimento da vida de todos os homens.

Ao pensarmos no nosso juízo tenhamos presente o que nos diz o Papa Francisco a respeito do julgamento de Deus: ***O Senhor Jesus indica as etapas da peregrinação através das quais é possível atingir esta meta: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados. Dai e ser-vos-á dado: uma boa medida, cheia, recalcada, transbordante será lançada no vosso regaço. A medida que usardes com os outros será usada convosco” (Lc 6,37-38). Ele começa por dizer para não julgar nem condenar. Se uma pessoa não quer incorrer***

no juízo de Deus, não pode tornar-se juiz do seu irmão. É que os homens, no seu juízo, limitam-se a ler a superfície, enquanto o Pai vê o íntimo. Que grande mal fazem as palavras, quando são movidas por sentimentos de ciúme e inveja! Falar mal do irmão, na sua ausência, equivale a deixá-lo mal visto, a comprometer a sua reputação e deixá-lo à mercê das murmurações. Não julgar nem condenar significa, positivamente, saber individuar o que há de bom em cada pessoa e não permitir que venha a sofrer pelo nosso juízo parcial e a nossa pretensão de saber tudo (MV n.14).

O PURGATÓRIO É UMA IMENSA PORTA DA MISERICÓRDIA

É certo que no céu não pode entrar nenhuma pessoa com alguma mácula de pecado ou pena a ser paga. E, portanto, se alguém morre em estado de graça e de amizade com Deus, mas não está totalmente limpo, tem que passar pela purificação. Não está de acordo com a Justiça que nos apresentemos diante d'Ele sem recuperarmos a inocência total.

Embora a porta do Céu seja pequena, Deus, na sua misericórdia, abriu duas grandes portas para que tenhamos acesso ao Céu. Uma delas é a Porta Santa, como se fosse uma grande porta do Céu, que só se abre nos anos santos. E a outra imensa porta, que dá a uma antessala do céu, é a Porta do Purgatório. No purgatório, podemos esperar a nossa hora de passar pela porta estreita do céu.

Na primeira vez que Nossa Senhora apareceu para os três pastorezinhos de Fátima, eles perguntaram de onde ela vinha, e ela disse que vinha do céu. Eles, com simplicidade, fizeram algumas perguntas.

Lúcia perguntou:

— E eu também vou para o céu?

— Sim, vais.

— E a Jacinta?

— Também.

— E o Francisco?

— Também, mas terá que rezar muitos terços.

Nessa hora Lúcia lembrou-se de duas amigas que tinham morrido há pouco tempo.

— E Maria das Neves, já está no Céu?

— Sim, está.

— E a Amélia?

— Está no purgatório, até o fim do mundo³⁴.

Impressiona pensar que alguém possa esperar séculos e séculos para se purificar!

SANTA CATARINA DE GÊNOVA E AS SUAS VISÕES DO PURGATÓRIO

Neste capítulo, gostaria de falar sobre Catarina de Gênova, que é particularmente notável por suas visões do purgatório.

Ela nasceu em Gênova, em 1447, em uma família cristã. Era a última de cinco filhos e perdeu o pai em sua infância. Catarina foi casada com Giuliano Adorno. A sua vida conjugal não foi fácil, especialmente pelo temperamento do marido, que gostava de jogos de azar. A própria Catarina foi induzida, no começo, a levar uma vida mundana, na qual não conseguiu encontrar a serenidade. Depois de dez anos, em seu coração havia um profundo sentimento de vazio e amargura.

Sua conversão começou em 20 de março de 1473, graças a uma insólita experiência. Catarina foi confessar-se e, ajoelhando-se no

34 William Thomas Walsh. *Nossa Senhora de Fátima*. Quadrante, pp. 65-66.

confessionário, diante do sacerdote, “recebi – escreve ela – uma ferida no coração, do imenso amor de Deus”; e foi tão clara a visão de suas misérias e defeitos, e ainda, da bondade de Deus, que ela quase desmaiou.

A partir dessa experiência, nasceu a decisão que orientou toda a sua vida e que, expressa em palavras, foi: “Não mais mundo, não mais pecado”³⁵. Catarina, então, interrompeu a confissão e foi embora. Em casa, refletiu por um longo tempo. Teve consciência do amor de Deus por ela e de que era pecadora. Foi nesse momento que Jesus lhe apareceu como sofredor, carregando a cruz. Poucos dias depois, ela voltou a buscar o sacerdote para realizar, finalmente, uma boa confissão. Começou aí a “vida de purificação” e de penitência.

O lugar da sua ascensão mística aos cumes foi o hospital de Pammatone, do qual foi diretora e promotora. Ela conseguiu que seu próprio marido, Giuliano Adorno, deixasse a vida dissipada, se tornasse terciário franciscano e se transferisse para o hospital para ajudar sua esposa. Cuidou dos doentes até os últimos dias de sua vida, em 15 de setembro de 1510.

Nos livros o “Tratado sobre o purgatório” e o “Diálogo entre a alma e o corpo”, Catarina apresenta o purgatório como um fogo interior, não exterior... Fala do caminho de purificação da alma até a comunhão com Deus, partindo de sua própria experiência de profunda dor pelos pecados cometidos, em contraste com o amor infinito de Deus³⁶.

O FOGO DO PURGATÓRIO

A alma – diz Catarina – é apresentada a Deus ainda vinculada aos desejos e dores decorrentes do pecado, e isso lhe torna impos-

35 Cf. Santa Catarina de Gênova. *Vita mirabile*, 3rv.

36 Cf. Santa Catarina de Gênova, *Vita mirabile*, 171v.

sível gozar da visão beatífica de Deus. Catarina afirma que Deus é tão puro e santo, que a alma, com as manchas do pecado, não pode se encontrar na presença da divina majestade³⁷. “E também nós percebemos quão afastados nos encontramos, como estamos cheios de muitas coisas, de modo que não podemos ver Deus. A alma é consciente do imenso amor e da perfeita justiça de Deus e, portanto, sofre por não ter correspondido correta e perfeitamente a esse amor e, por isso, o próprio amor a Deus torna-se uma chama, o próprio amor a purifica das suas escórias de pecado”³⁸.

Esta visão de Catarina coincide com o texto de São Paulo: *Pelo fogo será revelada, e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída subsistir, o construtor receberá a paga. Se a obra de alguém se queimar, sofrerá a perda. Ele, porém, será salvo, como que através do fogo* (1Cor 3,12-15)³⁹. E tudo o que não é feito por amor de Deus se derreterá...

“Alguns teólogos recentes são de parecer que o fogo que simultaneamente queima e salva é o próprio Cristo, o Juiz e Salvador. O encontro com Ele é o ato decisivo do Juízo. Ante o seu olhar, funde-se toda a falsidade. É o encontro com Ele que, queimando-nos, nos transforma e liberta para nos tornar verdadeiramente nós mesmos. As coisas edificadas durante a vida podem então revelar-se palha seca, pura fanfarronice e desmoronar-se. Porém, na dor deste encontro, em que o impuro e o nocivo do nosso ser se tornam evidentes, está a salvação. O seu olhar, o toque do seu coração cura-nos através de uma transformação certamente dolorosa ‘como pelo fogo’⁴⁰.

Essa purificação pelo fogo é o que denominamos “purgatório”.

37 Cf. Santa Catarina de Gênova, *Vita mirabile*, 177r.

38 Papa Bento XVI. *Audiência Geral de 12 de Janeiro de 2011*.

39 Papa Bento XVI. *Encíclica Spe Salvi*, n. 46.

40 Papa Bento XVI. *Encíclica Spe Salvi*, n. 47.

DO QUE NOS PURIFICAMOS NO PURGATÓRIO?

A alma que morre em amizade com Deus, mas com pecados leves ou veniais, sente um imenso desejo de purificação. É preciso afastar da nossa cabeça a ideia de que o purgatório é algo imposto por Deus à pessoa. Ela mesmo sente a necessidade de purificar-se para poder estar com Deus.

Santa Catarina de Gênova, sobre uma visão do purgatório, dizia: “O ser de Deus é tão puro que a alma justa, ao sair do seu corpo, vendo em si mesma alguma coisa que turva a sua inocência primitiva e se opõe à sua união com Ele, experimenta uma aflição incomparável; desce até lá imediatamente e com plena vontade. Sabendo que o purgatório é o banho destinado a lavar estas espécies de manchas, corre para lá, (...) pensando muito menos nas dores que a esperam do que na alegria de reencontrar ali a sua primitiva pureza”⁴¹.

Algumas pessoas morrem sem ter podido satisfazer totalmente a penitência devida aos seus pecados, dos quais já se arrependeram. Como sabemos, na confissão se perdoam também os pecados veniais, mesmo os que esquecemos de dizer, se estamos arrependidos deles. Mas aqueles pecados veniais dos quais não estamos arrependidos, que não estamos dispostos a evitá-los, não:

- A gula em uma determinada sobremesa, que não se está arrependido.
- A crítica que não estamos dispostos a cortar.
- A preocupação com a imagem, que não só não cortamos, mas alimentamos.

Tudo isso deve ser limpo antes de se ir para o Céu.

Além disso, mesmo os pecados que foram totalmente perdoados e apagados pelo sacramento da penitência necessitam, por justiça, uma reparação, uma expiação, que se chama “satisfação”. Na ordem material, quando alguém pratica um roubo, deve restituir integral-

41 S. Catarina de Gênova. *Trat. sobre o Purgatório*, n. 12.

mente, antes ou depois de ter sido perdoado, aquilo que roubou. Se difamamos outra pessoa, também devemos reparar o prejuízo causado. Com relação a Deus, também é necessário uma satisfação.

Além disso devemos purificar-nos também das más inclinações (vícios) que deixaram em nós os diversos pecados que cometemos: a preguiça, a sensualidade, o orgulho, etc.

O SOFRIMENTO DA ESPERA

A principal pena do purgatório é a privação da visão de Deus, é não poder ver quem amamos, por nossa culpa.

Santa Catarina de Gênova dizia: “Sentir o ímpeto de ir para Deus sem o poder satisfazer é o maior sofrimento que se possa imaginar, é propriamente o purgatório. Esse estado é um estado de morte, uma angústia inenarrável. É um sofrimento tão extremo que não há língua que o possa contar, nem inteligência que possa compreender sequer um milésimo, se Deus por uma graça especial não o mostrar”⁴². E além disso, a alma já não tem nenhuma consolação: nem do céu e nem da terra, a que já não pertence.

Santa Catarina de Gênova chega a dizer: “Que coisa terrível! Confesso que nada posso dizer e nem conceber que se aproxime sequer da realidade. As penas que lá padecem as almas são tão dolorosas como as penas do inferno”⁴³. Mas há uma enorme diferença: as penas do purgatório purificam a alma, as do inferno não.

Chama-se o purgatório de antessala do Céu – pois há a esperança certa de ver a Deus. As almas do purgatório estão cheias de esperança pois têm a certeza de que um dia chegarão ao Céu. Santa Catarina de Gênova afirma: “Tenho por certo que em nenhum outro lugar, excetuando o Céu, o espírito pode achar-se numa paz semelhante

⁴² Santa Catarina de Gênova. *Traité du Part.*, II.

⁴³ *Ibidem*.

à paz que gozam as almas do purgatório⁴⁴. Sofrem muitíssimo, mas amorosamente e em paz.

PURIFICAÇÃO NA TERRA

Podemos tirar algumas conclusões para a nossa vida. Enquanto encontramos-nos na Terra, podemos satisfazer pelas nossas ofensas, podemos procurar pagar todas as nossas dívidas. Os meios à nossa disposição são: a oração, a mortificação, o dever cumprido por amor e perfeição, a aceitação da dor, a esmola e outras obras de misericórdia, sempre que as pratiquemos com espírito de expiação. O que sobrar da nossa dívida na hora da morte será pago no purgatório.

Santa Teresa d'Ávila nos diz: “Esforcemo-nos por fazer penitência nesta vida. Que doce será a morte de quem de todos os pecados já fez penitência, e não há de ir ao purgatório⁴⁵”.

Devemos pensar que muitas almas estão no purgatório hoje. Elas não podem fazer nada para merecer, só esperar. E estão esperando a nossa ajuda para sair de lá. Podem estar lá pessoas conhecidas e mesmo parentes... É um dever de caridade rezar pelas pessoas da nossa família. Nós podemos ajudar a tirá-las de lá, principalmente com as Missas que assistimos.

O PRIVILÉGIO SABATINO

Antes de concluirmos esse capítulo, vale a pena recordar o chamado “privilégio sabatino”. Por este privilégio, a pessoa que usar piedosamente o escapulário de Nossa Senhora do Carmo, Nossa

44 *Ibidem*.

45 Santa Teresa d'Ávila. *Caminho de perfeição*, cap. 40, n. 9.

Senhora a tirará do Purgatório, se lá estiver, e a levará para o Céu no sábado seguinte após a morte.

Nossa Senhora apareceu ao futuro papa, que terá o nome de João XXII, anunciou-lhe a sua eleição e lhe ordenou que, uma vez eleito, promulgasse uma nova graça para a ordem do Carmelo. São estas as suas palavras:

“João, Vigário do meu Filho, espero de ti uma ampla e favorável confirmação da Sagrada Ordem dos Carmelitas que sempre me foi muito cara... Se entre os religiosos ou confrades desta ordem houvesse algum que ao morrer tenha que pagar seus pecados no cárcere do Purgatório, Eu, que sou a Mãe de Misericórdia, desce-rei ao Purgatório no primeiro sábado após morte e o livrarei para conduzi-lo ao Monte Santo da Vida Eterna”⁴⁶.

Esta graça foi expandida a todos os cristãos que usem o escapu-lário do Carmo, se este tiver sido imposto em cerimônia específica.

PROPOSTAS DA 5ª MEDITAÇÃO

1. Já me dispus a atravessar alguma Porta Santa na minha diocese, para assim lucrar a indulgência plenária?

2. Não poderia convidar algum parente ou amigo para atravessar a Porta Santa comigo, animando que se confesse e comungue para também lucrar a indulgência plenária?

3. Fomento na minha vida o desejo de ser santo e de ir ao Céu, imediatamente após a minha morte? Sou consciente de que para ser santo preciso cumprir a minha missão nesse mundo? Procu-ro, em cada atividade que realizo, fazê-la bem e intensamente, colocando nela a cabeça e o coração?

4. Tenho consciência de que Deus é remunerador, isto é, que irá me remunerar por todas as obras boas que realizei na vida?

46 N. Calciuri, *Vita fratrum de sancto Monte Carmelo*, 1461, “*Ephemerides Carmeli-ticae*”, 1955, pp. 405-406.

Procuro a glória de Deus em todas as minhas ações? Procuro fazer tudo por amor a Deus?

5. Já participei de uma cerimônia de imposição do escapulário de Nossa Senhora do Carmo? Se já o fiz, procuro usá-lo sempre?



CAPÍTULO 6

O QUE É SER MISERICORDIOSO?

Até o momento, consideramos principalmente o tema da misericórdia de Deus. Nas quatro próximas meditações consideraremos como nós podemos ser misericordiosos.

Henri Nouwen disse que passou por três etapas na sua vida: a de ser o filho pródigo, a de ser o filho mais velho da parábola, até entender que ele deveria ser como o pai da parábola. O Papa Francisco nos dizia: *Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: Misericordiosos como o Pai. O evangelista se refere ao ensinamento de Jesus, que diz: “Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). É um programa de vida tão empenhativo como rico de alegria e paz. O imperativo de Jesus é dirigido a quantos ouvem a sua voz (cf. Lc 6,27) (MV n.13).*

Mas, afinal de contas, o que é ser misericordioso? O que é a misericórdia?

A misericórdia é uma atitude profundamente humana, que vai além da simples compaixão. A compaixão já é um sentimento nobre: é o sentimento de tristeza que surge em nós quando temos notícia do sofrimento de alguém. Sentimo-nos arrastados a sofrer junto com a pessoa. É o sentimento que pode surgir e nos afetar, por exemplo, quando vemos um bêbado jogado numa calçada, ou quando vemos no noticiário um homem chorando a morte de seus parentes na guerra, ou quando sabemos que um conhecido nosso está com câncer. Sofremos com essa situação. O próprio nome “compaixão” indica o seu significado: o substantivo com-

paixão ou o verbo com-padecer, indicam “padecer com”, “junto com quem sofre”.

A palavra misericórdia provem do latim *miseri cor*, que significa literalmente ter a miséria no coração. Não, porém, as próprias misérias, o que apenas nos tornaria pessoas “miseráveis”, mas sim as misérias alheias, como se fossem próprias.

A misericórdia também é um sentimento: sentir como próprias as misérias dos outros. Sentimos um “aperto no coração” diante dos sofrimentos dos outros, especialmente das pessoas que amamos. Mas a misericórdia vai além da compaixão, porque não se contenta em sofrer passivamente, mas atua. A misericórdia é um tipo especial de amor: um amor que vê a miséria alheia e a sente como própria. Um amor que deseja remediá-la da melhor forma possível.

É bonito ver que as pessoas misericordiosas acham que não estão fazendo nada de mais, pois seu amor desinteressado as leva a ajudar os demais. Lembro-me, por exemplo, de quando o Papa João Paulo II foi visitar os desabrigados do terremoto de Assis, na década de 90. Os seus assessores não queriam que o Papa fosse a Assis, pois começavam a diminuir o ritmo das suas atividades, dada a sua idade e o seu estado de saúde. Mas o Papa insistiu que gostaria de ir: não era possível visitar todas as pessoas do mundo que sofriam pelas catástrofes naturais, mas Assis estava a apenas duas horas de Roma.

As redes de televisão italianas estavam lá para cobrir a matéria sobre o terremoto, e puderam gravar quando o Papa chegou no acampamento dos desabrigados e bateu à porta de um container que servia de abrigo. Abriu a porta uma senhora idosa, que chamou imediatamente o seu marido. O papa João Paulo II entrou no container e conversou um pouco com o casal. A senhora comentou, depois, que havia sido o dia mais feliz da sua vida, pois o Papa tinha se preocupado com ela e lhe tinha vindo visitar.

A pessoa misericordiosa, mesmo sem querer, passa a ser maior beneficiada pela sua misericórdia, pois essa virtude enriquece espiritualmente a pessoa, enobrece os seus sentimentos, torna a pessoa generosa. E depois a pessoa experimenta a alegria que é fruto da doação aos demais, da satisfação pelo bem que faz.

Seria bom que todos nós fizessemos sempre essa experiência. Assim, cresceremos espiritualmente e ficaremos muito mais felizes.

O PROGRAMA DO CRISTÃO: O DO BOM SAMARITANO DA PARÁBOLA

Misericórdia é a atitude do Bom Samaritano, descrita em outra parábola, que também pode ser considerada como uma das parábolas da misericórdia contidas no evangelho.

Um homem descia de Jerusalém a Jericó⁴⁷ e caiu nas mãos de ladrões que o despojaram⁴⁸; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto. Por acaso, desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e também passou adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão (Lc 10,30-33).

Jesus faz desfilar por esta parábola dois personagens que passam ao lado sem se compadecerem da situação dramática daquele homem: um sacerdote e um levita. O primeiro personagem era um sacerdote judaico, portanto, um hebreu bem formado, que realizava as cerimônias públicas, principalmente os sacrifícios previstos na lei. O segundo personagem era um levita: um membro da tribo de Levi, que tinham como função cuidar de todo o

47 Entre as duas cidades há um desnível de quase 1000m e uma distância de uns trinta e poucos quilômetros.

48 Boa parte do seu trajeto era desabitada e inóspita: lugar ideal para os assaltantes agirem.

serviço divino, da manutenção do Templo. Ambos muito unidos a Deus pelas suas funções.

Mas esses dois homens, vendo o homem ferido, passaram adiante. Provavelmente voltavam do seu trabalho no Templo. Havia terminado o seu turno e se dirigiam às suas casas para descansar. Passaram adiante porque não tinham tempo e não queriam complicar a vida. Talvez pensassem: “Se eu tiver que ajudá-lo, chegarei tarde em casa. Se eu me entretiver com este homem, terei meu descanso recortado. Prefiro não complicar a minha vida”. Eles não fizeram nada para ajudar este sujeito ferido. Talvez pensassem: “eu não tenho nada a ver com isso”.

É verdade que não pioraram a situação do homem, pois não o feriram mais, nem o insultaram, mas não ajudaram um homem extremamente necessitado. Omitiram-se. Eles iam para as suas coisas, sem complicações. Deram mais importância ao pessoal, aos seus assuntos do que aos do outro. Além de que, um judeu não podia tocar num morto: ficaria impuro. Pensariam: “Vai que este homem já está morto e eu fico impuro!”.

O Samaritano não! Viu, mas não ficou indiferente. Vale a pena recordarmos quem era o samaritano. Samaritano é aquele que nasceu numa região da Palestina, chamada Samaria. Por vários motivos históricos, os judeus não se relacionavam com os samaritanos. Para um judeu, a palavra samaritano equivalia a pagão, e até mesmo gente possuída pelo demônio.

O seu olhar para o judeu ferido não foi um olhar frio, superficial, mas afetuoso. O Samaritano viu a “pessoa” e se sentiu próximo, ficou tocado com seus sofrimentos e decidiu remediar aquela situação lamentável.

O samaritano, que era mal visto e desprezado, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montaria, levou-o a uma hospedaria e tratou dele. No

dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta te pagarei (Lc 10,34-35).

O Beato Álvaro del Portillo comenta: “Deteve a sua viagem, mudou seus planos, dedicou-lhe o seu tempo, empregou os meios à sua disposição. Também o samaritano é imagem de Cristo..., porque a dor não é apenas meio de santificação em quem a padece, mas também em quem se compadece do que sofre e se sacrifica por atendê-lo”⁴⁹.

O Papa emérito Bento XVI explana: “O programa do cristão – o programa do bom Samaritano, o programa de Jesus – é “um coração que vê”. Esse coração vê onde há necessidade de amor e atua em consequência”⁵⁰.

O CORAÇÃO MISERICORDIOSO DE SÃO JOÃO PAULO II⁵¹

Vale a pena recordarmos agora dois exemplos do coração misericordioso de São João Paulo II. O primeiro episódio ocorreu quando Karol Wojtyła era ainda um jovem sacerdote.

Uma judia israelense revelou como foi socorrida pelo Papa, no final do Holocausto nazista: “Lembro-me perfeitamente. Encontrava-me ali, era uma menina de treze anos, sozinha, doente, fraca. Tinha passado três anos em um campo de concentração alemão, a ponto de morrer.

49 Beato Álvaro del Portillo. Carta Pastoral de 9 de janeiro de 1993, n. 19.

50 Papa Bento XVI. *Encíclica Deus caritas est*, n. 31.

51 É interessante observar que o domingo da Misericórdia, que acontece todo Segundo Domingo da Páscoa, foi estabelecido precisamente pelo Papa João Paulo II de acordo com um pedido de Jesus a Santa Faustina Kowalska em uma revelação. O papa João Paulo II instituiu a festa no ano 2000, por ocasião do jubileu da encarnação de Jesus, onde afirmou que o homem pós-moderno seria evangelizado pela misericórdia. São João Paulo II morreu na noite de 2 de Abril de 2005, domingo da Misericórdia, foi beatificado pelo papa emérito Bento XVI, no domingo da Misericórdia de 2011, e canonizado pelo Papa Francisco no domingo da misericórdia do ano de 2014.

E Karol Wojtyla salvou minha vida, como um anjo, como um sonho vindo do céu: deu-me de beber e de comer e depois me carregou em suas costas uns quatro quilômetros, na neve, antes de tomar o trem para a salvação”.

Edith Zirer narra o episódio como se tivesse acontecido ontem. Era uma fria manhã no início de fevereiro de 1945. A pequena judia, que ainda não era consciente de ser o único membro de sua família que sobreviveu ao massacre nazista, deixou-se levar nos braços de um sacerdote de 25 anos, alto, forte, que sem lhe pedir nada, simplesmente lhe deu um raio de esperança.

A narração fala por si mesmo.

“Em 28 de janeiro de 1945, os soldados russos libertaram o campo de concentração de Hassak, onde tinha estado presa durante quase três anos trabalhando em uma fábrica de munições. Sentia-me confusa, estava debilitada por causa da doença. Dois dias depois, cheguei a uma pequena estação ferroviária entre Czestochowa e Cracóvia”⁵².

Precisamente em Cracóvia, Wojtyla acabava de ser ordenado sacerdote. “Estava convencida de chegar ao final de minha viagem. Caí por terra, no canto de uma grande sala onde se reuniam dezenas de prófugos que, em sua maioria, ainda vestiam os uniformes com os números dos campos de concentração. Então Wojtyla me viu. Veio com uma grande xícara de chá, a primeira bebida quente que tinha podido provar nas últimas semanas. Depois me trouxe um sanduíche de queijo, feito com pão preto polonês, divino. Mas eu não queria comer, estava muito cansada. Ele me obrigou. Depois me disse que tinha que caminhar para pegar o trem. Tentei, mas caí no chão. Então, tomou-me em seus braços, e me carregou durante muito tempo. Enquanto isso, a neve continuava caindo. Lembro-me da sua jaqueta marrom, a voz tranquila que me revelou a morte de seus pais, de seu irmão, a solidão em que se encontrava e a necessidade de não deixar-se levar

52 ACI digital, Zenit (6/02/2004), em www.acidigital.com/joaoapauloii/salvovida.htm

pela dor e de combater para viver. Seu nome se gravou indelevelmente em minha memória.”

Edith Zirer – hoje casada e com 2 filhos, vive em Haifa, em uma colina do Monte Carmelo – quis estar com o Papa (59 anos depois do ocorrido) em sua histórica viagem à Terra Santa, para lhe agradecer pessoalmente justamente no Memorial do Holocausto Yad Vashem. Foi um dia inesquecível para ela e para toda a população judaica, assim como uma lição universal de humanidade.⁵³

O segundo episódio ocorreu quando Karol Wojtyla já era Papa. Um sacerdote norte americano da diocese de Nova York se dispunha a rezar em uma das paróquias de Roma quando, ao entrar, se encontrou com um mendigo. Depois de observá-lo durante um momento, se deu conta de que conhecia aquele homem. Era um companheiro do seminário, ordenado sacerdote no mesmo dia que ele. Agora mendigava pelas ruas.

O padre, depois de identificar-se e cumprimentá-lo, escutou dos lábios do mendigo como tinha perdido sua fé e sua vocação. Ficou profundamente estremecido. No dia seguinte, o sacerdote vindo de Nova York tinha a oportunidade de assistir à Missa privada do Papa e poderia cumprimentá-lo no final da celebração, como é de costume. Ao chegar sua vez, sentiu o impulso de ajoelhar-se frente ao Santo Padre e pedir que rezasse por seu antigo companheiro de seminário, e descreveu brevemente a situação ao Papa.

Um dia depois, recebeu o convite do Vaticano para cear com o Papa, e que levasse consigo o mendigo da paróquia. O sacerdote voltou à paróquia e contou ao seu amigo o desejo do Papa. Uma vez convencido o mendigo, o levou a seu lugar de hospedagem, ofereceu-lhe roupa e a oportunidade de assear-se.

53 *Ibidem*.

O Papa João Paulo II, depois da ceia, indicou ao sacerdote que os deixasse a sós e pediu ao mendigo que escutasse sua confissão. O homem, impressionado, respondeu-lhe que já não era sacerdote, ao que o Papa respondeu: “uma vez sacerdote, sacerdote para sempre”. “Mas estou fora de minhas faculdades de presbítero”, insistiu o mendigo. “Eu sou o Bispo de Roma, posso me encarregar disso”, disse o Papa.

O homem escutou a confissão do Santo Padre e pediu-lhe que, por sua vez, escutasse sua própria confissão. Depois dela, chorou amargamente. Ao final, João Paulo II lhe perguntou em que paróquia tinha estado mendigando, e o designou assistente do pároco da mesma e encarregado da atenção aos mendigos⁵⁴.

A PARÁBOLA DO PERDÃO

Antes de apresentar outro exemplo de misericórdia na vida do Papa João Paulo II, em que ele nos dá um exemplo de homem que sabia perdoar, vale a pena considerarmos outra parábola da Misericórdia: a parábola do perdão, conhecida também como parábola do servo sem compaixão.

Quando Jesus Cristo foi interpelado por Pedro sobre quantas vezes era necessário perdoar, respondeu-lhe: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete (Mt 18,22) e contou a parábola do “servo sem compaixão”. Este, convidado pelo senhor a devolver uma grande quantia, suplica-lhe de joelhos e o senhor perdoa-lhe a dívida. Mas, imediatamente depois, encontra outro servo como ele, que lhe devia poucos centésimos; este suplica-lhe de joelhos que tenha piedade, mas aquele recusa-se e fá-lo meter na prisão. Então o senhor, tendo sabido do fato, zanga-se muito e, convocando aquele servo, diz-lhe: “Não devias também ter piedade do teu

54 Cf. www.acidigital.com/joaopauloii/men-papa.htm

companheiro, como eu tive de ti?” (Mt 18,33). E Jesus concluiu: “Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do íntimo do coração” (Mt 18, 35) (MV n.9).

A parábola contém um ensinamento profundo para cada um de nós. Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: “Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento” (Ef 4,26). E sobretudo escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7) é a bem-aventurança a que devemos inspirar-nos, com particular empenho, neste Ano Santo (MV n.9).

Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança (MV n.10).

O PAPA JOÃO PAULO II E O SEU TESTEMUNHO DE PERDÃO

O Papa João Paulo II sofreu um atentado na tarde de 13 de maio de 1981, na Praça São Pedro, no Vaticano, onde dez mil pessoas estavam presentes. Enquanto cumprimentava os fiéis presentes na Praça, o pontífice foi atingido por três projéteis. O Papa foi levado imediatamente para o Hospital, submeteu-se a uma operação de emergência e ficou internado por 22 dias.

Os disparos do atentado foram feitos pelo turco Ali Agca. O autor do atentado já havia anunciado a intenção de matar João Paulo II durante a visita do pontífice à Turquia, em novembro de 1979. Ali Agca foi detido imediatamente pela polícia italiana e condenado à prisão perpétua.

Impressionou o mundo a reação imediata do Papa João Paulo II. Perdoou Ali Agca, logo após o atentado na Praça de São Pedro, dentro da ambulância que o transportava a alta velocidade até ao Hospital Gemelli, pouco antes de perder os sentidos e quando julgava que ia morrer.

O papa, em seu livro “Memória e Identidade”, dedicou um capítulo, o epílogo, sobre o atentado e contou que na ambulância falou ao cardeal Dom Stanislaw que tinha perdoado o autor do atentado.

“Agca disparou para matar, um tiro que devia ser mortal. Ele era um assassino profissional, não foi uma iniciativa sua. Alguém o encarregou de me matar. Não tenho a menor dúvida. Disse ao meu secretário, D. Stanislaw, ainda no carro, que tinha perdoado o autor do atentado. Sabia e sentia como era gravíssima a minha situação, sabia que tinha sido ferido na barriga, doía muito... Praticamente já estava do outro lado... Mas senti que me iria salvar...”, escreve o Papa.

Após 19 anos do atentado, em 2000, João Paulo II se encontrou com Ali Agca na prisão. “Na visita à prisão, no Natal de 1983, encontrei-me a sós com Ali Agja. Ele queria saber por que tinha

falhado o tiro. E esta inquietude levou ao problema religioso. O que era esse segredo de Fátima? Foi a única coisa que lhe interessou saber e perguntar”, escreve João Paulo II.

No mesmo ano em que o Papa João Paulo II se encontrou com o autor do atentado, a Igreja revelou o terceiro segredo de Fátima. Segundo a análise do Vaticano, o segredo estaria relacionado ao atentado contra o Papa. Curiosamente, os disparos contra o Santo Padre foram feitos em 13 de maio. Nossa Senhora de Fátima teria feito uma de suas aparições às crianças neste dia. Pouco tempo depois de sua recuperação, João Paulo II foi até Fátima agradecer por ela ter salvado sua vida.

Conforme divulgou o secretário de Estado do Vaticano, Ângelo Sodano, o terceiro mistério anunciado pela Virgem aos pastores era a imagem de um bispo vestido de branco que caminhava entre os corpos de mártires caídos ao chão, aparentemente mortos, sob uma chuva de disparos. A Praça de São Pedro é rodeada de imagens de santos e mártires.

São João Paulo interceda por nós para que saibamos perdoar nosso irmão de todo o coração, como ele o fez.

PROPOSTAS PARA A 6ª MEDITAÇÃO

1. Imito e agradeço a misericórdia de Deus, estando sempre disposto a desculpar, perdoar e tolerar com paciência os defeitos ou as ofensas das demais pessoas?

2. Procuo ter um coração misericordioso para com todos, fazendo o que posso para ajudá-los? Ou fico apenas compungido com diversas situações de miséria ou de graves dificuldades pelas quais as pessoas passam, sem atuar para pelo menos atenuar as suas misérias e dificuldades?

3. Percebo que a maior parte das minhas mágoas e ressentimentos pode proceder muito mais do meu orgulho, do meu egoísmo, do que das faltas dos outros?

4. Esforço-me por compreender e relevar as pequenas falhas dos outros, sem permitir que o orgulho avolume os problemas cotidianos do convívio familiar e profissional?

5. Estou sempre pronto(a) para a reconciliação, com a grandeza de alma que esquece mágoas e supera divergências? Procuo ser eu quem dá o primeiro passo em direção à reconciliação?

CAPÍTULO 7

CHAMADA UNIVERSAL À SANTIDADE E À MISERICÓRDIA

No capítulo anterior, consideramos o que vem a ser a misericórdia e o exemplo maravilhoso de São João Paulo II, que nos anima a sermos *Misericordiosos como o Pai*. Esse precisamente foi o lema escolhido para o Ano da Misericórdia e trata-se de um resumo da frase com que Jesus encerra o sermão das bem-aventuranças, segundo São Lucas: *Sede, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso* (Lc 6,36).

O sermão das bem-aventuranças, verdadeiro programa de santidade, encontra-se também presente no Capítulo 5 do Evangelho de São Mateus e é encerrado com as seguintes palavras de Cristo: *Portanto, sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito* (Mt 5,48).

Pode parecer, à primeira vista, que os dois evangelistas encerram o Sermão das bem-aventuranças de forma distinta: Mateus coloca na boca de Jesus Cristo a expressão *sede perfeitos* e Lucas emprega a expressão *sede misericordiosos*, embora concluam a frase da mesma forma: *como vosso Pai*. Mas a contradição é só aparente, pois Deus é perfeito e misericordioso. E a perfeição e a misericórdia se identificam em Deus.

O teólogo Scott Hahn comenta: “A misericórdia de Deus é o seu maior atributo, porque é a soma e a essência do seu poder, da sua sabedoria e da sua bondade. A misericórdia é o poder, a sabedoria e a bondade de Deus manifestados na unidade. Deus ensinou a Moisés que a Misericórdia estava unida ao seu nome,

nome que para os israelitas significa identidade pessoal: *Vou fazer passar diante de ti toda a minha bondade, e pronunciarei diante de ti o meu nome, Javé, pois dou a minha graça a quem quero, e uso de misericórdia com quem me apraz* (Ex 33,19)⁵⁵. São Tomás de Aquino afirma que “é próprio de Deus usar de misericórdia e nisto se manifesta de modo especial a sua onipotência”⁵⁶.

E Deus nos chama à santidade, à busca da perfeição da misericórdia, assim como ele é perfeito e misericordioso.

CHAMADA UNIVERSAL À VIDA DE ORAÇÃO, À PENITÊNCIA E À CARIDADE

Mas como conseguir essa perfeição da misericórdia?

São Mateus, logo após dizer *sede perfeitos*, apresenta-nos, no início do capítulo 6 do seu evangelho, um discurso do Senhor sobre a oração, o jejum e a esmola. Esse discurso é uma continuação do que ele vinha falando. Portanto, podemos dizer que a chamada universal à santidade e à misericórdia só é possível através da oração, da penitência (representada pela palavra jejum) e da caridade, através das obras de misericórdia (representada pela palavra esmola). Neste texto, Jesus nos chama a praticar essas obras, de forma que podemos dizer que há uma vocação à oração, à penitência e à caridade.

Leiamos algumas frases do texto:

Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário, não tereis recompensa junto de vosso Pai que está no céu. Quando, pois, dás esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens.

⁵⁵ Scott Hahn. *Senhor, tende piedade de mim*, p.39.

⁵⁶ São Tomás de Aquino. *Summa Theologiae*, II-II, q.30, a.4.

Quando orardes, não façais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo. Nas vossas orações, não multipliqueis as palavras, como fazem os pagãos.

Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam. Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai (Mt 6,1-2; 5,16-18).

O Senhor nos adverte que não devemos fazer as obras boas: dar esmola, orar e jejuar, para sermos vistos pelos homens; pois assim não receberemos a recompensa de nosso Pai Deus. Devemos buscar a glória de Deus e não a nossa glória pessoal, o que seria “vanglória”. Jesus no mesmo Sermão da montanha disse: *Assim, brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus (Mt 5,16).*

ORAÇÃO SINCERA E SIMPLES

Consideremos em primeiro lugar o chamado à oração que Nosso Senhor nos faz: *E, quando orares, não sejais como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam sua recompensa (Mt 6,5).* E acrescentou: *E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos (Mt 6,7).*

Jesus nos pede que não sejamos de forma alguma hipócritas e loquazes na oração, pede-nos uma oração sincera e simples, cara a cara, sem anonimato, de um filho com seu Pai. Para isso, a primeira condição é dirigir-nos a Deus. Oração não é monólogo interior,

mas diálogo com Deus. Tenhamos presente as palavras do Senhor: *Quando orardes a mim, eu vos ouvirei* (Jr 29,12).

Temos que dirigir-nos a Deus. Se não entendemos algo na nossa vida, devemos perguntar a Deus; se algo nos faz sofrer, queixemo-nos com Deus; se precisamos de algo, peçamos a Deus... Que pena que existam temas sobre os quais não falamos com nosso Pai Deus; acontecimentos que não levamos à oração.

A segunda condição para uma boa oração é escutar a Deus. Muitas pessoas não conseguem fazer uma boa oração, pois não querem ouvir o que Deus tem a dizê-las, são autossuficientes, pensam que já sabem o que tem que fazer, ou têm medo de ouvir algo que lhes comprometa demais.

Devemos, na oração, compartilhar a nossa vida com Deus.

ORAÇÃO: DIÁLOGO COM DEUS

Há uma oração anônima, cujo título é “Quinze minutos em companhia de Jesus Sacramentado”⁵⁷, que pode ajudar-nos a ser sinceros e simples na oração. Essa oração nos propõe pensar que Jesus Cristo, o próprio Deus, nos fala com simplicidade, utilizando frases diretas, tais como:

Fala-me com simplicidade, como falarias com teu Pai, com o teu irmão, com o teu melhor amigo, que é isso que sou para todos, principalmente para aqueles que escolho para me seguirem de perto, e o que quero ser para ti. Não te acanhes em pedir algo para ti mesmo e para as pessoas que amas.

E que o Senhor nos insista para conseguir que dividamos as nossas preocupações:

⁵⁷ Cf. *Seleção de Orações*. São Paulo: Cultor de Livros p. 109.

“Diz-me os seus nomes, diz-me em seguida que o gostarias que Eu fizesse hoje por cada um deles. Pede-me muito, sem receio, pois gosto que me peçam... Principalmente que me peçam o bem para os outros, que Eu atenda às necessidades dos outros. Fala-me das almas que queres ajudar, das pessoas que gostarias de consolar, das pessoas que gostarias de ter ao teu lado, para que eu faça ainda mais do que tu poderias fazer por elas. Não te preocupes de que me peças exigindo, entendo que peças assim por aqueles que levas no seu coração.

“Mas não me fales somente dos outros, fala-me das tuas deficiências, das tuas limitações, das tuas necessidades, dos teus pecados... Fala-me também dos teus maus desejos, das tuas más inclinações, dos teus apegos. Que não gostarias de sentir aquilo que ainda sentes, e que te custa aceitar: os ataques de soberba, os apegos mesmo que inconscientes à sensualidade, o desejo de conforto e de ter uma vida mansa. Que por tudo isso acabas sendo egoísta, ou inconstante ou até negligente. Não tenhas vergonha de colocar-te diante de mim com todos os teus defeitos. Estou aqui para curar-te, para te livrar deles pouco a pouco.

“Conta-me também as tuas preocupações, o que está ocupando a tua cabeça? Os bens dos quais sentes falta: tanto materiais como espirituais. Conta-me quando te encontrares triste ou de mau humor. Quem te feriu? Quem te desprezou?

“Não deixes de contar-me também os teus bons desejos, o desejo de que toda a tua vida seja para o meu serviço e para a minha glória. Não tens a alguma alegria para me contar?”

Podemos pensar que, ao terminar a oração, Jesus nos diz palavras carinhosas: “Volte logo!”, “Até mais!”, “Lembre-se de mim”...

É fundamental na nossa vida que cuidemos muito da oração, para ser um momento de intimidade com Deus, em que fazemos a nossa experiência pessoal de estar com Ele.

SANTA TERESA DE JESUS, DOUTORA DA ORAÇÃO ⁵⁸

Consideremos o que nos diz Santa Teresa d'Ávila, que ficou conhecida como a Doutora da oração. Para Santa Teresa a oração “significa frequentar com amizade, porque frequentamos face a face Aquele que sabemos que nos ama”⁵⁹.

Orar é um aprofundar-se gradual da relação com Deus que envolve toda a vida. Teresa, nas suas obras, ensina a rezar. Com efeito, frequentemente interrompe a narração ou a exposição para irromper em oração.

Santa Teresa ensina-nos a sentir realmente essa sede de Deus que existe na profundidade do nosso coração, esse desejo de ver Deus, de O procurar, de dialogar com Ele e de ser seu amigo. Essa é a amizade necessária para todos nós e que devemos buscar de novo, dia após dia.

Que o exemplo dessa santa leve-nos também a dedicar cada dia o justo tempo à oração, a esta abertura a Deus, a este caminho para procurar Deus, para O ver, para encontrar a sua amizade e assim a vida verdadeira.

Vejamos brevemente o que Santa Teresa nos diz sobre a oração e como a faz: “A oração consiste em tratar a Deus como um pai, um irmão, um Senhor e um Esposo”⁶⁰. “O Senhor quer mostrar à

58 Vale a pena relatar que na Quaresma de 1554, com 39 anos, Teresa encontra a imagem de “um Cristo muito chagado” que marca profundamente a sua vida (cf. Livro da Vida, capítulo 9, n.1). “Aconteceu-me que, entrando um dia no oratório – escreve –, vi uma imagem que haviam trazido para guardar ali [...]. Era de Cristo muito chagado, tão devota que, só de pôr nela os olhos e vê-lo em tal estado, fiquei toda perturbada, porque representava bem ao vivo o que passou por nós. Foi tanto o que senti por ter-lhe agradecido tão mal aquelas chagas, que parecia partir-se-me o coração. Lancei-me a seus pés, derramando muitíssimas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse de uma vez para não o ofender mais”. Santa Teresa empreendeu a reforma da Ordem carmelita.

59 Santa Teresa d'Ávila. *Livro da Vida*, capítulo 8, 5.

60^a Santa Teresa d'Ávila. *Caminho de Perfeição*, cap. 28, n.3.

alma que Ele pretende unir-se a ela numa amizade tão íntima de modo que, entre eles, não exista coisa alguma dividida⁶¹.

Impressiona a simplicidade de Santa Teresa, na sua amizade com Jesus. É significativo o seguinte episódio da sua vida:

Numa de suas viagens para a fundação de um mosteiro, diante de um obstáculo quase intransponível, a Madre insistiu que se devia seguir viagem. Tratava-se de uma cheia, um imenso lençol d'água, sobre o qual mal se distinguia a ponte (tão estreita que, ao menor desvio, lá se ia carroça, mulas, frades, freiras, criados e fundadora para a água). Mas mesmo assim ela quis arriscar. Todos os presentes puderam ver o resultado: a carroça derrapou e ficou suspensa sobre a corrente. Teresa saltou com a água pelos joelhos, e lançou a Deus seu apelo:

— Senhor, no meio de tantos males, e ainda por cima isto?

Respondeu-lhe o Senhor:

— Teresa, assim trato meus amigos.

— É por isso que tens tão poucos!, respondeu ela⁶².

Santa Teresa nos convida a não sermos hipócritas na oração, ao ensinar-nos a ter desejos sinceros de conhecer-nos e conhecer a Deus, de cumprir a vontade de Deus para nós, de enfrentar com coragem as dificuldades e transpor os obstáculos no cumprimento de nossa missão na terra.

Veremos a seguir algumas frases de Santa Teresa que nos propõem a sinceridade na oração, evitando o perigo da hipocrisia, e como a oração conduz, por sua vez, à sinceridade de vida.

Santa Teresa nos instrui que no trato de amizade íntima com Jesus, própria de uma oração sincera, recebemos muitas graças, principalmente a de conhecermos a nós mesmos, conhecermos a Deus:

61 *Novena de Santa Teresa d'Ávila*, quarto dia, no site www.carmelitasmensageiras.com.br
62 Cf. Marcelle Auclair. *Teresa de Ávila*, Quadrante, S. Paulo 1995, p.363

“A oração é onde o Senhor ilumina para entender as verdades”⁶³.

Descobrimos a sua vontade a nosso respeito:

“Como são tão poderosas estas palavras de Deus, que não só a inteligência as entende, mas que também iluminam para entender a verdade e dispõe a vontade para querer realizá-las...”⁶⁴.

“Pois de agora em diante, Senhor, quero me esquecer de mim e ver só em que vos posso servir e não ter vontade a não ser a vossa”⁶⁵.

E obtemos muitas graças para cumprir a vontade de Deus para nós.

“O único desejo ardente de quem quer entregar-se à oração deve ser o de fazer todo o possível para decidir-se e melhor dispor-se para conformar a sua própria vontade àquela de Deus”⁶⁶.

“Almejemos e pratiquemos a oração já não para desfrutar, mas para ter a força de servir ao Senhor”⁶⁷.

Santa Teresa mostrou-nos com a sua vida como a oração permite transpor dificuldades que humanamente parecem insuperáveis, realizar certos “impossíveis” que algumas vezes o Senhor nos pede.

Mais de uma vez, ao longo da sua vida, escutou estas palavras do Senhor: “Que temes?”. E aquela mulher – já avançada em anos, doente, cansada – cobrava forças para lançar-se aos seus empreendimentos e voltava à luta superando todos os obstáculos. Um dia, depois da Comunhão, quando o seu corpo parecia resistir a estabelecer novas fundações, ouviu Jesus dizer-lhe no seu interior: “Que temes? Quando te faltei eu? O mesmo que fui, sou-o ainda agora; não deixes de fazer essas duas fundações”⁶⁸. A Madre Teresa exclamou: “Ó grande Deus! Como são diferentes as vossas palavras das dos homens! E assim – prossegue Santa Teresa – fiquei tão

63 Santa Teresa d'Ávila. *Fundações*, cap. 10, 13.

64 *Ibidem*, cap. 28, n. 16.

65 Santa Teresa d'Ávila. *Os conceitos do Amor de Deus*, cap. 6, n.4.

66 *Novena de Santa Teresa D'Ávila*, segundo dia.

67 Santa Teresa d'Ávila. *Fundações*, Cap. 29, n.6.

68 O Senhor referia-se a Palência e Burgos.

resolvida e animada que o mundo inteiro não bastaria para me opor obstáculos”⁶⁹.

Através da oração passamos a ver a nossa vida sob os olhos de Deus, descobrimos o que nos falta para parecermos mais a Cristo e a termos um coração mais misericordioso. E recebemos graças para cumprir a vontade de Deus.

VOCAÇÃO À PENITÊNCIA

Passemos a considerar, brevemente, a segunda condição para sermos misericordiosos: a penitência.

Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido para manifestar aos homens que jejuam. Em verdade eu vos digo: já receberam sua recompensa. Quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto. Assim, não parecerá aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está presente ao oculto; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á (Mt 6,16-18).

Nosso Senhor continua pedindo uma profunda retidão de intenção, também na prática da penitência, para que sejamos misericordiosos. Chama-nos à penitência, como fará mais claramente ainda, quando disser: *Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me (Mt 16,24).*

Para identificarmos o nosso coração com o coração misericordioso Jesus Cristo, precisamos seguir o conselho de São Paulo: *Precisais deixar a vossa antiga maneira de viver e despojar-vos do homem velho, que vai se corrompendo ao sabor das paixões enganadoras. Precisais renovar-vos, pela transformação espiritual de vossa*

69 Francisco Fernandez Carvajal. *Falar com Deus*, volume 7, meditação do dia 15 de outubro, I.

mente, e vestir-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, na verdadeira justiça e santidade (Ef 4,22-24).

Para despojarmos-nos do homem velho é necessário sacrifício: contra a preguiça, é preciso aproveitar o tempo no trabalho; para vencer o egoísmo, é preciso dedicar mais tempo aos outros; contra a ira, é preciso muitas vezes calar, sorrir mais, etc.

Ajudaremos mais os outros e serviremos melhor em casa e no ambiente de trabalho, se vencermos a preguiça. E para vencermos a preguiça precisamos nos mortificar, colocando-nos propósitos de melhora, como, por exemplo, não dormir à tarde; não perder tempo na televisão ou na internet; ter um horário para dormir e para acordar, etc.

Para tratar a todos com a máxima caridade, precisamos nos mortificar para evitar apegos afetivos e desafetos; não dar tanta importância a simpatias e antipatias.

Para não humilhar os demais, precisamos mortificar o nosso orgulho e não nos impor de maus modos aos outros. Precisamos aprender a ouvir até o final o que cada pessoa tem a nos dizer.

Para sermos mais agradáveis aos demais, temos que coibir o nosso egoísmo, evitando falar muito de nós mesmos, sem necessidade alguma.

Para sermos mais amáveis e cordiais, devemos ser mais sorridentes, precisamos evitar as críticas e ironias.

Para vencermos os ressentimentos e as mágoas, precisamos mortificar a imaginação e a memória para não trazer de volta as ofensas sofridas no passado.

Somente através da cruz o nosso coração se tornará misericordioso e poderemos chegar à santidade.

PROPOSTAS DA 7ª MEDITAÇÃO

1. Procuo conversar, diariamente, com meu Pai Deus? Reservo todos os dias um tempo determinado, para refletir sobre a vida diante de Deus?

2. Quando faço oração, procuro acima de tudo descobrir qual é a Vontade de Deus em relação a cada um dos meus deveres, a cada um dos meus problemas ou dúvidas?

3. Compreendo que todo tipo de oração deve ser uma conversa sincera com Deus? *Falo* com Deus quando rezo? Procuo ter muita intimidade com Ele, sobretudo na hora da Comunhão?

4. Tenho uma pequena lista de mortificações que me ajudam a vencer o homem velho, para parecer-me mais ao homem novo, Jesus Cristo?

5. Tenho mortificações que me ajudem a servir mais os outros, a tornar a vida dos demais mais amável, a evitar palavras agressivas ou iradas, a realizar o meu trabalho com competência profissional?



CAPÍTULO 8

OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

VIVER A SOLIDARIEDADE EM UM MUNDO CHEIO DE MISÉRIAS

Neste capítulo, iremos considerar a caridade e, de forma mais concreta, as obras de misericórdia.

Sigamos os conselhos do Papa Francisco:

Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos.

Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas.

Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habitação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade, e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos

romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo (MV n.15).

LISTA DAS OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

E como podemos ser caridosos? Vivendo as obras de misericórdia, que a Igreja classifica em sete obras de misericórdia corporais e sete obras de misericórdia espirituais.

As sete obras de misericórdia corporais provêm principalmente da narração do Juízo Final por S. Mateus⁷⁰: *Quando o Filho do Homem vier em sua glória, acompanhado de todos os anjos, ele se assentará em seu trono glorioso. Todas as nações da terra serão reunidas diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos, à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu e me vestistes; doente, e cuidastes de mim; na prisão, e fostes visitar-me’. Então os justos lhe perguntarão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Com sede, e te demos de beber? Quando foi que te vimos como forasteiro, e te recebemos em casa, sem roupa, e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?’ Então o Rei lhes responderá: ‘Em verdade, vos digo: todas as vezes que fizestes isso a um destes mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que fizestes!’* (Mt 25,31-36).

Portanto, as sete obras de misericórdias corporais são:

1. Dar de comer a quem tem fome

⁷⁰ Não consta nessa passagem a obra de misericórdia “enterrar os mortos”.

2. Dar de beber a quem tem sede.
3. Dar pousada aos peregrinos.
4. Vestir os nus.
5. Visitar os enfermos
6. Visitar os presos
7. Enterrar os mortos

Nesta meditação iremos recordar exemplos dados pelos santos dessas obras de misericórdia e considerar como nós podemos vivê-las hoje em dia. Mas antes, tenhamos presente que todos esses santos tinham muito claro que cuidaram de Jesus nos pobres.

Leiamos o comentário de Madre Teresa de Calcutá: “Nós somos religiosas, e não assistentes sociais, nem professoras, nem enfermeiras, ou doutoras... A diferença entre nós e os técnicos sociais consiste nisto: eles agem por causa de alguma coisa; nós, pelo contrário, agimos por causa de Alguém. Nós servimos Jesus nos pobres. Tudo o que fazemos – oração, trabalho, sacrifícios –, fazemos por Jesus. As nossas vidas não têm sentido nenhum, nenhuma motivação senão Ele, que nos ama profundamente. Somente Jesus é a explicação da nossa vida”⁷¹.

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME E DE BEBER A QUEM TEM SEDE

Podemos agrupar as duas primeiras obras de misericórdia corporais *dar de comer a quem tem fome e dar de beber a quem tem sede*, pois estas se complementam e referem-se à ajuda que devemos disponibilizar em alimentos e outros bens aos mais necessitados, àqueles que não têm o indispensável para se nutrir a cada dia. Jesus, segundo o Evangelho de S. Lucas, recomenda: *Quem tem*

71 Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Os Santos e a Misericórdia*. Editora Paulus, pp. 42-43.

duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos faça o mesmo (Lc 3,11).

Madre Teresa de Calcutá nos dá um bom exemplo também dessas obras de misericórdia. Em uma de suas orações, dizia ao Senhor: “Meu Deus... não quero voltar atrás. A minha comunidade são os pobres. A segurança deles é a minha. A saúde deles é a minha saúde. O meu teto é o dos pobres. Não o dos simples pobres, mas o daqueles que são os mais pobres entre os pobres. Aqueles de quem evitamos nos aproximar com medo de sermos contagiados, de nos sujarmos. Aqueles que não vão à Igreja porque não têm roupa para vestir. Aqueles que não comem porque perderam as suas forças. Aqueles que se encostam nos caminhos sabendo que vão morrer, enquanto os vivos passam ao lado, ignorando-os. Aqueles que já não são capazes de chorar porque já não têm lágrimas⁷².”

Certa vez Madre Teresa comentou:

Em uma ocasião, pela tarde, um homem veio à nossa casa para nos contar o caso de uma família hindu de oito filhos. Não haviam comido nada já há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles. De modo que tomei um pouco de arroz e fui visitá-los. Vi como, devido à fome, os olhos das crianças brilhavam ao ver a comida.

A mãe tomou o arroz das minhas mãos, dividiu a porção em duas partes e saiu levando uma delas. Quando regressou lhe perguntei o que havia feito com a outra parte do arroz. Ela me respondeu: ‘Eles também têm fome’. Sabia que os vizinhos muçulmanos da casa ao lado tinham fome também.

Fiquei mais surpresa por sua preocupação pelos demais do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade, não pensamos nos demais. Pelo contrário, esta mulher maravilhosa, débil, pois não havia comido nada

⁷² *Ibidem*, pp. 41-42.

há vários dias, havia tido o valor de amar e de dar aos outros, tinha o valor de compartilhar.

Frequentemente me perguntam quando terminará a fome no mundo. Eu respondo: Quando aprendamos a compartilhar. Quanto mais temos, menos damos. Quanto menos temos, mais podemos dar⁷³.

Também nós podemos viver essa obra de misericórdia levando cestas básicas às pessoas mais carentes, às vezes desempregadas; ou ajudar as instituições que se dedicam a preparar refeições para mendigos, financeiramente ou na organização e preparação das refeições, etc⁷⁴.

DAR Pousada aos Peregrinos

Em tempos antigos, dar pousada aos viajantes era um assunto de vida ou morte, pelas dificuldades e riscos das caminhadas e viagens. Não é o normal hoje em dia. Mas, mesmo assim, poderia acontecer recebermos alguém em nossa casa, não por pura hospitalidade de amizade ou família, mas por alguma verdadeira necessidade.

Hoje, encontramos muitas pessoas que não têm um lar e podemos ajudá-las a ter de muitas formas, como, por exemplo, ajudando pessoas menos instruídas a fazerem um financiamento para a compra da casa própria.

Conheço um casal, de posses, que quando a senhora que ajudou na educação dos seus filhos, durante muitos anos, se aposentou,

73 Madre Teresa de Calcutá, *Discurso no National Prayer Breakfast*, em Washington, DC, no dia 3 de fevereiro de 1994.

74 É preciso ponderar a conveniência de dar dinheiro diretamente a pedintes, mesmo quando dizem que é para a alimentação, pois podem utilizar o dinheiro para outros fins ilícitos. Na maioria da vezes, se queremos ajudar pessoalmente uma pessoa faminta, é melhor comprar o alimento e entregar a ela.

comprou uma pequena casa para ela, em gratidão pelos imensos serviços que tinha prestado à família durante tantos anos.

Emocionante é a história do servo de Deus, o irmão Heitor Boschini (1928-2004). Heitor foi um religioso camiliano que dedicou a sua vida aos excluídos de Milão. Primeiro, começou a encontrá-los pelas ruas: vadios, moradores de rua, antigas prostitutas, alcoólatras, toxicod dependentes, oferecendo-lhe o conforto possível. Depois compreendeu que isso era muito pouco e decidiu procurar-lhes um refúgio estável, preparando-lhes dois armazéns desocupados, perto da estação ferroviária...

Desde então, durante noites inteiras, percorreu as ruas e as estradas de Milão, demorando-se ao lado de cada “sem-teto” embrulhado nos seus farrapos e convidando a todos com doçura: “Venha comigo”. E porque esses hóspedes necessitados de um acolhimento especializados se multiplicavam, o irmão Heitor multiplicava também esses “refúgios”, fazendo nascer novos centros em vários países⁷⁵.

Uma outra forma de viver esta obra de misericórdia é a de prevenir que pessoas passem a ser moradores de rua, procurando dar condições para que aprendam alguma profissão e possam trabalhar.

VESTIR OS NUS

Essa obra de misericórdia dirige-se a aliviar outra necessidade básica: o vestuário. Muitas vezes é-nos proporcionada campanhas de coleta de roupas que se fazem nas paróquias e em outros centros, principalmente por ocasião do inverno. Ao entregar a nossa roupa é bom pensar que podemos dar além do que nos sobra ou já não nos serve, também algo de boa qualidade ou mesmo um produto novo.

⁷⁵ Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Os Santos e a Misericórdia*, Editora Paulus, pp. 71-72.

A carta de S. Tiago propõe-nos sermos generosos: *Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento cotidiano, e um de vós lhes disser: 'Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome', mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará?* (Tg 2,15-16).

O Papa Bento XVI na Encíclica *Deus Caritas est* conta o que aconteceu com Martinho de Tours († 397), primeiro soldado, depois monge e Bispo:

Às portas de Amiens, Martinho partilhara metade do seu manto com um pobre; durante a noite, aparece-lhe num sonho o próprio Jesus, trazendo vestido aquele manto, para confirmar a perene validade da sentença evangélica: *Estava nu e destes-Me de vestir (...). Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes* (Mt 25,36-40)⁷⁶.

VISITAR OS ENFERMOS

Trata-se de uma verdadeira atenção para com os doentes e idosos, tanto no aspecto físico, como em lhes proporcionar um pouco de companhia. Muitos de nós temos algum parente idoso ou um amigo que se encontra doente, e podemos dar-lhe a nossa atenção e o nosso cuidado.

São Camilo de Lelis (1550-1614) deixou-nos um exemplo maravilhoso de como cuidar dos doentes. Camilo não só pretendia dar o melhor aos doentes, mas quis inclusive dedicar a suas melhores energias a eles, chegando a dirigir o hospital inteiro. E exigia de si e de seus colaboradores em primeiro lugar “a ternura” com os enfermos.

Cada doente era recebido pessoalmente por ele à porta do hospital com um abraço; era-lhe lavados e beijados os pés; depois, era

⁷⁶ Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas est*, n. 40.

despido dos seus farrapos, revestido com roupa limpa e levado para uma cama bem-feita. Camilo queria pessoas que o ajudassem “não por um salário, mas que voluntariamente e por amor a Deus servissem os doentes com aquele amor com que as mães tratam os próprios filhos enfermos”. Os seus colaboradores observavam-no para aprenderem: “Quando ele pegava em um doente nos braços para lhe mudar os lençóis, fazia-o com tanta afeição e diligência que parecia que estava tocando a própria pessoa de Jesus Cristo”.

Os doentes eram para ele como um prolongamento da humanidade sofredora de Cristo. Isso via-se em certas atitudes que às vezes assumia, quase sem perceber. Um biógrafo seu nos conta:

Numa noite, viram-no de joelhos junto de um pobre enfermo que tinha um tão pestilento e fétido câncer na boca, que não era possível tolerar tanto fedor. E, contudo, Camilo falava-lhe absolutamente perto dele, “respiração com respiração”, e dizia-lhe palavras com tanta afeição, que parecia estar enlouquecido de amor por ele, chamando-o especialmente: “Meu senhor, alma minha, que posso eu fazer em vosso serviço?”. Procedia assim por pensar que ele fosse o seu amado Senhor Jesus Cristo...⁷⁷.

Com relação a essa obra de misericórdia, fiquei edificado quando soube que umas jovens montaram um projeto chamado “Tempo de Alegria”, no qual voluntárias visitarão os doentes de um hospital no final de semana, para proporcionar aos doentes “um tempo de alegria”, cantando músicas, contando histórias, etc; cada uma de acordo com os talentos que possui.

⁷⁷ Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Os Santos e a Misericórdia*, Editora Paulus, pp. 47-49.

VISITAR OS PRESOS

Esta obra de misericórdia consiste em visitar os presos e prestar-lhes não só ajuda material, mas também assistência espiritual, que lhes sirva para melhorar como pessoas, emendar-se, aprender a desenvolver um trabalho que lhes possa ser útil quando terminarem o tempo que lhes foi imposto pela justiça, etc. Significa também resgatar os inocentes e sequestrados. Em tempos antigos, os cristãos pagavam para libertar escravos.

Um servo de Deus alemão, Friedrich Joseph Haas (1780-1853), foi convidado a exercer a sua profissão na Rússia, onde se tornou “médico principal dos hospitais das prisões de Moscou”. Desenvolveu a sua missão com verdadeira e total misericórdia com os encarcerados. Fiodor Dostoevski, que o conheceu em vida, descreve-o desta forma no seu romance *O idiota*:

Havia em Moscou um velho senhor, um general, ou melhor, um conselheiro de Estado, com um nome alemão. Passava a sua vida a visitar os cárceres e a encontrar criminosos. Todos os condenados que partiam para a Sibéria sabiam que fora de Moscou, ao passarem pelos montes Vorobèv, haveriam de receber a visita do velho general. Ele desempenhava a sua missão com a máxima seriedade e piedade: chegava, passava entre as filas dos deportados, parava à frente de cada um e a cada um perguntava pelas suas necessidades. Não dava lição de ‘moral’ a ninguém e dizia a cada um: ‘Meu caro...’ Dava-lhes dinheiro e entregava-lhes roupas de primeira necessidade: peças para os pés, faixas, calças. Às vezes, trazia-lhes livros espirituais e Bíblias, e distribuía-os àqueles que sabiam ler, persuadido de que estes os haveriam de ler também aos outros, em voz alta, durante a viagem. Raramente os interrogava sobre o delito cometido, no máximo ouvia-os se o delinvente lhe falasse. Todos os condenados eram iguais para ele; não fazia distinção alguma. Falava-lhes como a irmãos, e eles acabavam

por o tratar por pai. Se notava entre os deportados alguma mulher com a sua criança nos braços, aproximava-se, acariciava a criancinha e fazia estalar os dedos para que sorrisse. Procedeu sempre assim, durante anos e anos, até a morte. Toda a Rússia e toda a Sibéria, ou pelo menos todos os condenados, o conheciam⁷⁸.

ENTERRAR OS MORTOS

O próprio Jesus Cristo não tinha um lugar onde ser enterrado. Foi um amigo, José de Arimateia, que lhe cedeu o seu túmulo e que teve a valentia para se apresentar ante Pilatos e pedir-lhe o corpo de Jesus. Nicodemos também participou e ajudou a sepultá-lo. (Cf. Jo 19,38-42)

Enterrar os mortos parece um mandato supérfluo, porque, de fato, hoje em dia, quase todos são enterrados. Mas, por exemplo, em tempos de guerra, pode ser um mandato muito exigente. Por que é importante dar sepultura digna ao corpo humano? Porque o corpo humano foi morada do Espírito Santo. Somos templos do Espírito Santo (Cf. 1 Cor 6,19).

Uma jornalista brasileira esteve, há poucos anos, na região mais pobre do Haiti e pôde observar que haviam matado uma criança e jogado o seu corpo em um rio, que mais parecia um esgoto. Ela ficou muito admirada ao ver que umas freiras entraram naquele rio imundo para resgatar o corpo da criança, fazerem um enterro e darem a ela uma sepultura digna.

Outro caso, ainda mais impressionante, ocorreu por volta do ano de 1965, em Molokai, um promontório rochoso e árido do arquipélago do Havaí. Nesta ilha foi construída uma horrível colônia de leprosos, então considerados incuráveis e, por isso,

⁷⁸ *Ibidem*, pp. 59-60.

destinados a um total e perpétuo isolamento. A ilha era chamada “o cemitério dos vivos”, onde não existia qualquer lei ou solidariedade humana. Havia na ilha escravização sexual de mulheres e crianças, abusos de todo o gênero, alcoolismo e drogas, latrocínio generalizado, práticas idolátricas e supersticiosas.

Até que desembarcou voluntariamente na ilha o Padre Damião de Veuster. Resolveu viver santamente entre cerca de 800 intocáveis, para anunciar o evangelho da misericórdia. O apóstolo dos leprosos viveu muitas obras de misericórdia, mas gostaria de destacar agora a de “sepultar os mortos”.

Em Molokai, não havia nada mais humano que se fizesse, dado que as curas eram impossíveis e inúteis; a única coisa certa era a morte. Assim, o padre Damião decidiu inverter o processo normal que se usa em pedagogia. Se para todos os outros cristãos era importante aprender “a viver bem para morrer bem”, para os leprosos de Molokai era necessário “aprender a morrer bem para poder viver bem”. Se pensamos que até a sua chegada os cadáveres eram abandonados ao ar livre e dados de comer aos porcos, pode-se compreender o impacto que teve a decisão do missionário de “celebrar a morte”, dando-lhe plena dignidade humana.

Construiu um bellissimo cemitério, bem perto da sua cabana, e fundou a confraria dos funerais, que se dedicava à confecção de urnas de madeira e a acompanhar, com orações, o defunto até a última morada, ao som de música e ao ritmo de tamborins. Era uma cerimônia que se verificava pelo menos 3 vezes por semana, e a todos solicitava silêncio e oração, e não já barulhos e bebedeiras, a que se tinham habituado. Depois, foi-lhe mais fácil organizar os ilhéus em diversas outras confrarias⁷⁹.

Deste exemplo maravilhoso, podemos tirar como consequência como cuidarmos dos funerais, procurando que realmente seja um

⁷⁹ *Ibidem*, pp. 36-40.

funeral cristão, pela encomendação do corpo, pelo silêncio e clima de oração que reina nele.

Após, recordarmos as sete obras de misericórdia corporais, lembramos *que em cada um destes “mais pequeninos”, está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós* (MV n.15).

São Josemaria Escrivá nos adverte: “Um homem e uma sociedade que não reajam perante as tribulações ou as injustiças, e não se esforcem por aliviá-las, não são nem homem nem sociedade à medida do amor do Coração de Cristo. Os cristãos – conservando sempre a mais ampla liberdade à hora de estudar e de aplicar as diversas soluções, e, portanto, com um lógico pluralismo – devem identificar-se no mesmo empenho em servir a humanidade. De outro modo, o seu cristianismo não será a Palavra e a Vida de Jesus: será um disfarce, um logro perante Deus e perante os homens”⁸⁰.

PROPOSTAS DA 8ª MEDITAÇÃO

1. Sou consciente de que Jesus recebe todas as obras de misericórdia que fazemos para “os mais pequeninos”?
2. Tenho presente que quando morrer serei julgado pelo amor que tenho a Deus e ao próximo, que se manifesta nas obras de misericórdia?
3. Procuo escolher alguma obra de misericórdia para cuidar com maior esmero neste Ano da Misericórdia?
4. Procuo agradecer a todas as pessoas que me prestam um serviço e ajudam diretamente na minha alimentação, conforto, bem-estar físico, etc?

⁸⁰ São Josemaria Escrivá. *É Cristo que passa*, n. 167.

5. Encontro no dia a dia as ocasiões de servir aos demais, tais como, adiantar uma travessa de comida ou uma jarra, ajudar a servir à mesa, lavar as louças após às refeições, colocar o lixo para fora da casa, arrumar o quarto de manhã cedo, ajudar na limpeza da casa, realizar as compras do supermercado, etc?



CAPÍTULO 9

OBRAS DE MISERICÓRDIA ESPIRITUAIS

O Papa Francisco nos dizia: É meu vivo desejo que o povo cristão reflita, *durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporais e espirituais (...). Não nos esqueçamos das obras de misericórdia espirituais:*

- 1. Aconselhar os indecisos*
- 2. Ensinar os ignorantes*
- 3. Admoestar os pecadores*
- 4. Consolar os aflitos*
- 5. Perdoar as ofensas*
- 6. Suportar com paciência as pessoas molestas*
- 7. Rezar a Deus pelos vivos e defuntos* (MV n. 15).

Mesmo quando realizamos as obras de misericórdia corporais, estas devem ser acompanhadas das obras de misericórdia espirituais. Madre Teresa de Calcutá, ao cuidar dos “mais pobres dos pobres”, não ficava apenas no aspecto material, mas se dedicava a aproximá-los de Deus:

Os mais pobres dos pobres, que minhas irmãs ainda hoje atendem, são as crianças ainda não nascidas, as deficientes, as crianças abandonadas, as jovens mães rejeitadas pela família, os leprosos, as prostitutas, os prisioneiros, os sem-teto, os alcoólatras, os aleijados graves, os doentes mentais, as vítimas das várias guerras, os drogados, os doentes de AIDS, os moribundos.

A quem lhe pedia informações mais detalhadas sobre o seu programa e como organizava as suas obras de misericórdia, Madre Teresa respondia que tinha sempre em vista o mesmo início, o mesmo centro e a mesma tarefa. Explicava assim:

- O início: Nós começamos sempre pela limpeza do banheiro: começamos desta forma a abrir os corações.
- O centro: Eu amo Jesus com todo o coração, e com todo o meu ser. Tudo lhe dei, até os meus pecados, e Ele imergiu-me na ternura do seu amor. Agora e para sempre pertenço toda ao meu Esposo Crucificado.
- A tarefa: trabalhar para a santificação dos pobres, para dar a Deus santos...⁸¹.

Madre Teresa tinha como finalidade conduzir os mais pobres dos pobres à santidade, ao céu.

Devemos ter presente que normalmente é possível realizarmos algumas obras de misericórdia espirituais, pois existirão sempre ao nosso redor. Pessoas que não sabem como atuar bem precisam, muitas vezes, do conselho de uma pessoa experiente, que possua bons critérios, de uma orientação espiritual. E nós, se temos boa formação, podemos aconselhá-las; ou senão, podemos propor-lhe que faça uma direção espiritual com um padre.

- crianças que não têm acesso à educação e à formação cristã, que precisariam de aulas de reforço escolar ou de uma catequese.

- conhecidos que precisam ser acudidos, tirados da escravidão do pecado, auxiliados a refazer a própria vida.

- pessoas precisam de consolo por atravessarem crises dos mais diversos tipos, desde financeiras, afetivas e até em relação à perda de entes queridos, que precisam de um ombro amigo para desabafar ou mesmo para chorar.

81 Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Os Santos e a Misericórdia*, Editora Paulus, pp. 43-44.

O mundo precisa aprender a perdoar, como já víamos anteriormente, e nós, cristãos, como fizemos desde o início do cristianismo, devemos ensinar as pessoas a perdoarem as ofensas, principalmente através do nosso exemplo:

– pessoas que por doenças, pela idade avançada ou mesmo pelos seus defeitos precisam de muita paciência e compreensão da nossa parte.

– pessoas que precisam da nossa oração, pois necessitam da graça de Deus, para terem uma conversão ou para enfrentarem uma situação difícil na vida, com ânimo e coragem.

Já víamos que muitas pessoas sofrem no purgatório e podemos ajudá-las a saírem de lá através das nossas orações, principalmente através das Missas oferecidas por elas, e das indulgências que lucraram em seu favor.

A Igreja elaborou a lista das obras de misericórdia espirituais a partir de textos que se encontram ao longo da Bíblia e de atitudes e ensinamentos do próprio Cristo: o perdão, a correção fraterna, o consolo, suportar o sofrimento, etc.

Tenhamos presente que de igual modo seremos julgados não só pelas obras de misericórdia corporais, mas também pelas espirituais. Expliquemos com mais detalhes as Obras de misericórdia espirituais e vejamos alguns testemunhos que nos deram os santos em relação a essas obras.

ENSINAR OS IGNORANTES

Consiste em ensinar os ignorantes em qualquer matéria, incluindo temas religiosos. Este ensino pode ser levado a cabo através de escritos ou da palavra, por qualquer meio de comunicação ou diretamente. Como diz o Livro de Daniel, *os que ensinam a justiça ao povo, brilharão como as estrelas pela eternidade sem fim* (Dn 12,3b).

Um testemunho maravilhoso dessa obra de misericórdia nos deixou São João Bosco:

Calcula-se que São João Bosco tenha assistido e educado, nos seus oratórios, não menos de cem mil jovens abandonados, inventando para eles as primeiras ‘escolas de trabalho’, assinando ele mesmo os primeiros contratos de aprendizagem; as primeiras escolas noturnas e dominicais; as primeiras sociedades de socorro mútuo para trabalhadores; a primeira biblioteca para a juventude italiana, sendo ele mesmo responsável pela publicação de 204 volumes práticos.

João Bosco dizia aos jovens: ‘Prometi a Deus que até o meu último suspiro meu vos pertencia, jovens! Eu por vós estudo, por vós trabalho, por vós estou até disposto a dar a vida. Fazei de conta que tudo o que sou, sou-o todo para vós, dia e noite, manhãs e tardes, em qualquer momento’⁸².

Gostaria de mencionar algumas outras iniciativas desta obra de misericórdia:

— Há anos conheci uma escola localizada em uma região de baixa renda, chamada Pedreira, em São Paulo, que dá curso técnicos e também oferece aulas de reforço escolar. Esta escola permitiu a vários rapazes não só conseguir um bom emprego, mas ingressar em alguma universidade pública, sendo que dois deles, no renomado Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA).

– Em diversas cidades do nosso país, jovens catequistas vão ao encontro de crianças que moram nas periferias para dar-lhes catequese, possibilitando que estas recebam a primeira comunhão.

– Estudantes universitários e colegiais, através da amizade e da confiança com seus colegas, conseguem aproximá-los da Igreja ou mesmo fazer com que voltem a professar a fé. Muitos desses se

82 Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Os Santos e a Misericórdia*, Editora Paulus, pp. 55-56.

empenham em que seus colegas católicos se confessem pelo menos por ocasião da Páscoa.

– Em uma universidade pública de grande prestígio, alunos universitários organizaram um cursinho para o vestibular, em que se dispunham a dar aulas para outras pessoas que não tiveram acesso a uma educação de maior qualidade. Dessa forma, ajudavam a que outros pudessem também ingressar na faculdade.

Também nós podemos de alguma forma viver a obra de misericórdia de ensinar os que não sabem. Quem de nós não pode ensinar algum colega de sala de aula que tem maior dificuldade de aprendizado, pelo menos nas matérias em que temos maior facilidade?

DAR BOM CONSELHO

Um dos dons do Espírito Santo é o dom do conselho. Por isso, quem desejar um bom conselho deve, primeiramente, estar em sintonia com Deus, pois não se trata de dar opiniões pessoais, mas de aconselhar bem a quem necessita de um guia. Como é importante conhecer bem a fé e consultar o Catecismo da Igreja ou um bom diretor espiritual para aconselhar os demais.

O aconselhamento visa a fornecer orientação para as pessoas melhorarem em vários aspectos da sua formação: *formação doutrinal-religiosa*, explicando melhor as verdades de fé; *formação espiritual*, guiando a pessoa a uma vida de piedade mais profunda; *formação humana*, ajudando a pessoa orientada a superar os seus defeitos e potenciando as suas qualidades; *formação profissional*, ensinando como a pessoa pode transformar o seu estudo e trabalho em oferenda grata a Deus; *formação apostólica*, ajudando os outros a se relacionarem melhor com os demais, a crescerem em amizade com os seus parentes, colegas e conhecidos, aproximando-os da fé católica, quando possível.

Essa direção espiritual, normalmente levada por um padre, também pode ser levada por um leigo bem formado, que através da amizade e da confiança orienta os seus conhecidos.

O Beato Álvaro del Portillo orientou muitas pessoas durante a sua vida.

Conservamos alguns testemunhos de pessoas que acudiram ao Beato Álvaro del Portillo em busca de conselho. José Maria Casciaro assinala que Dom Álvaro ‘escutava com atenção, retinha tudo quanto lhe havia dito e, com referência exata ao que lhe havia manifestado, movia-me ao arrependimento, fazia-me ver as causas próximas das minhas falhas e me indicava meios muito concretos para superá-las e para corrigir-me. Tudo isso envolto em compreensão amável e exigente ao mesmo tempo. Eram conselhos sábios e práticos, de modo que a cada confissão, além das graças do Sacramento, era de uma utilidade claríssima no aspecto de direção espiritual’.

Junto à administração do sacramento da reconciliação com Deus, dedicou generosamente seu tempo e energias à direção espiritual das almas... Já antes de sua ordenação sacerdotal havia dado mostras de prudência, humanidade, bondade e simpatia, que o tornavam particularmente idôneo para esta tarefa. Sabia despertar confiança nas pessoas, era compreensivo e, ao mesmo tempo, exigente com amabilidade: misturava as razões teóricas, alentadoras, com a concretização nos possíveis propósitos para melhorar⁸³.

CORRIGIR O QUE ERRA

Esta obra de misericórdia refere-se acima de tudo ao pecado. De fato, outra maneira de formular esta obra é: Corrigir o pecador. A

83 Javier Medina Bayo, Álvaro del Portillo. Un hombre fiel, Editora Rialp, p. 253.

correção fraterna é explicada pelo próprio Jesus no evangelho de São Mateus: *Se teu irmão pecar contra ti, vai corrigi-lo, tu e ele a sós! Se ele te ouvir, terás ganho o teu irmão.* (Mt 18,15).

Devemos corrigir o nosso próximo com mansidão e humildade. Muitas vezes será difícil fazê-lo, mas, nesses momentos, podemos lembrar-nos do que diz o apóstolo São Tiago no final da sua Carta: *aquele que converte um pecador do seu erro salvará da morte a sua alma e obterá o perdão de muitos pecados.* (Tg 5,20)

Na Epístola aos Gálatas, relata-se como São Paulo teve de corrigir a conduta de São Pedro em Antioquia, pois este havia se afastado e se separado dos cristãos gentios e não comia mais com eles. Mesmo reconhecendo que Pedro era a cabeça da Igreja e tendo-o visitado, por consideração, em Jerusalém, não deixa de corrigi-lo quando é necessário.

Na vida do Beato Álvaro del Portillo, também lhe foi confiada uma missão difícil: a de corrigir São Josemaria, fundador do Opus Dei, a quem ele tinha verdadeira veneração.

No dia 22 de agosto de 1956 começou em Einsiedeln (Suíça), o segundo Congresso Geral do Opus Dei. Nele, Dom Álvaro foi nomeado Secretário Geral do Opus Dei e *Custos* de São Josemaria. Com o nome de *Custos* se designa nos Estatutos do Opus Dei às duas pessoas encarregadas de viver junto ao Fundador para ajudá-lo em suas necessidades espirituais e materiais. Dom Álvaro era o Custos para tudo que se referia à vida espiritual do Fundador.

Na realidade, se pode afirmar que desde 1939, ainda que não houvesse nomeação formal, desempenhava essa missão, com atenção e carinho. Mas não se pense que a levava a cabo de um modo “adocicado”, ou como quem cumpre simplesmente um expediente. Sua ajuda ao Fundador estava cheia de respeito e de amor filial, mas também de fortaleza, como mostra este episódio narrado por Pilar Urbano:

“Durante a construção dos edifícios de Villa Tevere, (São Josemaria) vai um dia conversando com várias de suas filhas enquanto lhes mostra os avanços das obras. Acompanha-lhes Álvaro del Portillo. Em um determinado momento, o Padre se detém e, apoiado na varanda de um andaime, faz-lhes esta confidencia: — Hoje Dom Álvaro me fez uma correção. E me custou aceitá-la. Tanto que fui um momento ao oratório e, uma vez ali, disse: ‘Senhor, Álvaro tem razão e eu não’. Mas, em seguida: ‘Não, Senhor, desta vez eu tenho razão. Álvaro não deixa passar nenhuma [correção]... e isso não parece carinho, mas sim crueldade’. E depois: ‘Obrigado, Senhor, por me colocar próximo a meu filho, que tanto me quer e que... não me deixa passar uma!’. E vira-se para Álvaro del Portillo que vem atrás e escutou tudo em silêncio. Sorri para ele e lhe diz: ‘Deus te abençoe, Álvaro, meu filho!’”⁸⁴.

PERDOAR AS OFENSAS

No Pai Nosso dizemos: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”, e o mesmo Senhor esclarece: *se vós perdoardes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos céus também vos perdoará. Mas, se vós não perdoardes aos outros, vosso Pai também não perdoará as vossas faltas* (Mt 6, 14-15).

Perdoar as ofensas, superar a vingança e o ressentimento, significa tratar amavelmente a quem nos ofendeu. O melhor exemplo de perdão no Antigo Testamento é o de José, que perdoou aos irmãos terem tentado matá-lo e depois vendê-lo. *Entretanto, não vos aflijais, nem vos atormenteis por me terdes vendido a este país, pois foi para conservar-vos a vida que Deus me enviou à vossa frente* (Gn 45,5). E o maior perdão do Novo Testamento é o de Cristo na Cruz, que

84 Javier Medina Bayo. Álvaro del Portillo. *Un hombre fiel*, Ed. Rialp, pp. 369-370.

nos ensina que devemos perdoar tudo e sempre: *Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem!* (Lc 23,34).

Já consideramos o maravilhoso exemplo de saber perdoar que nos deixou São João Paulo II, mas podemos citar mais um exemplo emblemático:

Certa vez, um altivo gentil-homem da família Visdomini ia em busca do assassino do seu irmão pelas ruas de Florença. Chamava-se João. O seu coração clamava por vingança. Era Sexta-feira Santa, dia de luto para a cristandade, mas o seu luto familiar pesava ainda mais na sua alma ferida.

A certa altura encontrou o assassino, enfrentou-o com a sua espada e subjugou-o.

Quando estava para dar o golpe fatal, o outro abriu os braços, e isto recordou a João a imagem do Crucificado que naquele mesmo dia vira levado em procissão pelas ruas.

Arrependeu-se, e lançou longe a espada, abraçou aquele que tinha sido inimigo e foi à Igreja lançar-se aos pés do crucifixo.

A partir daquele momento, mudou inteiramente de vida⁸⁵.

CONSOLAR OS AFLITOS

O consolo para o aflito, para aquele que passa por alguma dificuldade é outra obra de misericórdia espiritual. Muitas vezes, irá a par com dar algum bom conselho que ajude a superar essas situações de dor ou tristeza.

Acompanhar os nossos irmãos em todos os momentos, mas principalmente nos mais difíceis, é pôr em prática o comportamento de Jesus que se compadecia com a dor alheia. Um exemplo encontra-se

85 Cf. Mario Sgarbossa e Luigi Giovannini, *Um santo para cada dia*, 12 de julho, João Gualberto.

no evangelho de São Lucas. Trata-se da ressurreição do filho da viúva de Naim: *Quando estavam perto da porta da cidade, viram que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que era viúva; e, a acompanhá-la, vinha muita gente da cidade. Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: 'Não chores'. Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o transportavam pararam. Disse então: 'Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!'. O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus entregou-o à sua mãe (Lc 7,12-16).*

O Santo Cura d'Ars, muitas vezes consolou pessoas cheias de desespero: um ente querido, cuja salvação lhes inspirava inquietação, fora-lhes arrebatado e julgavam-no perdido para sempre. O Cura d'Ars, porém, com o seu olhar misterioso, via mais longe do que elas.

Uma piedosa senhora, conta a baronesa de Belvey, tinha o marido que não praticava a religião. Pedia-lhe muito que se convertesse, pois era cardíaco e podia morrer de repente. Aquela senhora gostava de ornar uma imagem da Virgem que tinha em casa. Seu marido gostava de colher flores e lhe oferecer, não ignorando a quem eram destinadas. Morreu quase repentinamente, sem recobrar, segundo creio, os sentidos e sem receber os últimos sacramentos. A aflição da esposa foi muito atroz; adoeceu e chegou-se a temer por sua vida. Enfim, conseguiu viajar a Ars.

“A senhora não se lembra das flores que oferecia à Virgem?”, perguntou-lhe o Cura d'Ars, quando a viu no primeiro encontro. Essas palavras, que de repente a encheram de admiração, a tranquilizaram e consolaram, restituindo-lhe a saúde do corpo e a paz do espírito⁸⁶. Outro caso surpreendente é o da senhora que se encontrava angustiada porque seu marido havia se suicidado e, na companhia do Pe Guillaumet, se dirigiu a Ars. O cura de Ars, ao se encontrar com ela, que estava ajoelhada, inclinou-se-lhe ao ouvido e disse: “Salvou-se”.

⁸⁶ Francis Trochu. *O Cura d'Ars*. São Paulo: Cultor de Livros, 2015, p.602.

A forasteira teve um sobressalto. O Cura d’Ars repetiu. “Salvou-se”. Um gesto de incredulidade foi a resposta daquela senhora. Então o Santo, acentuando todas as palavras, lhe replicou: “Digo-lhe que está salvo. Está no purgatório e é preciso rezar por ele...

Entre o parapeito da ponte e a água teve tempo de fazer um ato de contrição. “A Santíssima Virgem lhe alcançou esta graça. Lembre-se a senhora do mês de Maria feito em sua casa. Algumas vezes seu marido, ainda que irreligioso, acompanhou as suas orações. Isso mereceu-lhe a graça do arrependimento e o supremo perdão”⁸⁷.

SOFRER COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

A paciência face aos defeitos dos outros é virtude e é uma obra de misericórdia. No entanto, há um conselho muito útil: quando o suportar esses defeitos causa mais dano que bem, com muita caridade e suavidade, deverá fazer-se uma advertência. Meditemos no exemplo de paciência surpreendente da Beata Isabel Canori Mora (1774-1825):

Isabel, de nobre família romana, casou-se com o jovem e rico advogado Cristóforo Mora. No início, seu casamento parecia uma verdadeiro conto de fadas. Mas depois de alguns meses, a fragilidade psicológica de Cristóforo comprometeu a serenidade da família. Transformou uma mulher de mal viver em sua amante e à medida em que passava o tempo, humilhou e abusou de sua esposa de diferentes formas, não exerceu mais a advocacia, e gastou tanto dinheiro em suas aventuras que terminou levando a sua esposa e filhas à extrema pobreza e a uma crescente dívida.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 603.

À violência física e psicológica de seu esposo, Isabel respondeu sempre com a absoluta fidelidade. Nunca pôs desculpas, conveniências ou interesses para justificar um abandono de seu lar, para ela só primava o código de fidelidade de amor de rendição total.

Isabel tratou seu marido com paciência gentil, oferecendo penitências e orações por sua conversão. Nunca pensou em separar-se dele, apesar dos conselhos de familiares e amigos. Em vez disto, sempre amou, apoiou e perdoou a seu esposo esperando sua conversão.

Teve quatro filhos, mas os dois primeiros morreram aos poucos dias de nascer. Com o abandono do marido, foi forçada a viver trabalhando com suas próprias mãos para seguir ao cuidado de suas duas filhas. Dedicou muito tempo à oração, aos pobres e aos doentes. Dedicou-se especialmente a cuidar das famílias em necessidade. A família, para ela, era o templo em que recebia ao “amado Senhor, Jesus de Nazaré” e a todos os que se dirigiam a ela.

Em 1807 Isabel uniu-se à Ordem terceira Trinitária. Respondeu com dedicação à vocação ao matrimônio e à consagração secular.

Em 5 de fevereiro de 1825, enquanto era assistida por suas duas filhas, Isabel faleceu. Pouco depois de sua morte, como ela mesma predisse, seu marido se converteu, unindo-se à Ordem terceira Trinitária e depois ordenando-se sacerdote dos franciscanos conventuais⁸⁸.

REZAR A DEUS POR VIVOS E DEFUNTOS

Santa Teresa de Liseux, quando tinha 14 anos, sentia na sua alma um premente apelo de Jesus, que ela própria assim descreve:

“Ele fez de mim uma pescadora de almas. Senti um grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores. (...) Eu ardia do desejo de arrancar das chamas do inferno as almas dos grandes pecadores”.

88 Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Os Santos e a Misericórdia*, Editora Paulus, pp. 101-110.

Assim estava a santa “pescadora de almas” quando um criminoso, de sobrenome Pranzini, foi condenado à morte, por ter assassinado três pessoas⁸⁹. Em vão vários sacerdotes o visitaram na prisão, mas não dava sinal algum de arrependimento e jactava-se de não temer a condenação eterna.

Ao tomar conhecimento destes fatos, Teresa se pôs a campo para livrá-lo da eterna condenação: rezou, fez sacrifícios e mandou celebrar uma Missa nessa intenção. Sua confiança na misericórdia divina lhe dava a certeza de que esse infeliz seria perdoado, mesmo se ele não se confessasse nem sequer se mostrasse arrependido. Entretanto, diz ela, “pedi a Jesus apenas ‘um sinal’ de arrependimento, simplesmente para minha consolação”.

E esse sinal lhe foi dado! No dia seguinte ao da execução, ela leu no jornal “*La Croix*” a descrição detalhada dos derradeiros minutos de vida do criminoso, no qual dizia: “...talvez um relâmpago de arrependimento tenha atravessado a consciência do criminoso. Pranzini pediu ao capelão o crucifixo e beijou-o duas vezes. Depois, o cutelo caiu, e quando um dos ajudantes agarrou pelas orelhas a cabeça cortada, concluímos que, se a justiça humana estava satisfeita, talvez este derradeiro ósculo tenha satisfeito também a Justiça Divina, a qual pede, sobretudo, o arrependimento”.

Teresa deu graças a Deus por esse seu primeiro pecador convertido, “meu primeiro filho”⁹⁰ – escreveu ela, emocionada, nos Manuscritos Autobiográficos. Durante toda a vida, Santa Teresinha utilizava o dinheiro que ajuntara no seu cofrezinho para encomendar Missas pela alma de Pranzini a cada dia 31 de agosto, aniversário da execução do condenado. Hábito este que, com a devida licença da superiora, conservou também no Carmelo.

89 Pranzini se relacionou com a rica e tristemente célebre Regina de Montille. No intuito de, ao que consta, apoderar-se da fortuna dessa infeliz mulher, estrangulou-a a sangue frio, mais sua filha de doze anos e uma empregada.

90 Santa Teresa de Lisieux. *Manuscrito A*, Capítulo 5, 46r.

Outro fato interessante, com relação a Santa Teresa de Lisieux, foi a de ter sido proclamada padroeira das missões, junto com São Francisco Xavier, pelo Papa Pio XI. O que impressiona é que ela nunca saiu do seu Carmelo. Como exerceu então a sua vocação missionária? Com a sua oração contemplativa e com a correspondência mantida com sacerdotes missionários. Viveu à sua maneira um autêntico espírito missionário, acompanhando com a sua oração cada um no seu serviço ao evangelho.

São Paulo recomenda rezar por todos sem distinção, também por governantes e autoridades, pois Ele quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (Cf. 1Tm 2,2-4).

O Papa Francisco pede a todos os cristãos e às pessoas de boa vontade que rezem especialmente pelos cristãos perseguidos. Podemos examinar-nos como secundamos este desejo do Papa, para que os nossos irmãos na fé sintam o consolo da nossa oração.

PROPOSTAS DA 9ª MEDITAÇÃO

1. Procuro ensinar as pessoas que necessitam de algum conhecimento ou ajuda? Ensino com humildade, sem me impor ou humilhar aos demais?

2. Procuro aconselhar as pessoas para que se comportem de uma forma cristã? Proponho a direção espiritual para colegas e amigos? Faço correções fraternas para ajudar as pessoas a tirarem seus defeitos?

3. Tenho paciência com as pessoas chatas e inoportunas?

4. Consolo as pessoas que passam por angústias, dificuldades e crises?

5. Rezo pelas pessoas na Missa?

CAPÍTULO 10

MARIA, MÃE DE MISERICÓRDIA

MARIA E SEU “RAHAMÎN”

Consideremos, agora, a relação de Maria com a Misericórdia, pois a Misericórdia de Deus se manifesta mais visivelmente *em* Maria e *através* de Maria.

Maria é a Imaculada, ou seja, a Mulher sem mácula ou mancha de pecado. A misericórdia de Deus atingiu o seu ápice em Maria, ao preservá-la de todos os pecados, inclusive o original, e cumulá-la de graças. O Pai mostra mais perfeitamente a sua misericórdia quando se antecipa às possíveis quedas da sua filha pequena e não permite que ela caia, retirando do seu caminho todos obstáculos.

É comum, no pensamento semítico, concretizar conceitos imateriais utilizando uma palavra com que também se denomina algum órgão corporal. No Antigo Testamento, que grande parte foi escrito em hebraico, a misericórdia de Deus é designada pelo termo “*rahamîn*”, utilizada também para o seio materno⁹¹. *Rahamîn* se converte na palavra que designa a misericórdia com o outro, já que no seio materno a pessoa é acolhida, assumida, suportada e nutrida... Neste sentido, Maria foi *rahamîn* para Deus, ao trazer Deus no seu seio⁹².

91 Papa Francisco, Mensagem para a Quaresma 2016, n.1: “Com efeito, na tradição profética, a misericórdia aparece estreitamente ligada – mesmo etimologicamente – com as vísceras maternas (*rahamim*) e com uma bondade generosa, fiel e compassiva (*hesed*) que se vive no âmbito das relações conjugais e parentais.”

92 Cf. Joseph Ratzinger e Hans Urs von Balthasar, *Maria, Igreja nasciente*, meditação

Maria pode ser chamada mãe de misericórdia porque trouxe ao mundo a misericórdia de Deus (*rahamîn*). ***Ninguém, como Maria, conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado e Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor*** (MV n. 24).

Maria foi, durante toda a vida, a Mãe misericordiosa de Jesus, mas de forma mais patente na Sua paixão e morte. A imagem da “*Pietà*”, a Mãe que padece com o Filho morto em seus braços, plasma a *misericórdia de Deus*, pois nela fica patente o padecer maternal de Deus, a sua misericórdia entranhável. Deus Pai não abandonou Jesus na cruz, pois enviou Maria para consolar o seu Filho.

Ao dar-nos Maria como nossa mãe, no Calvário, através do apóstolo São João, Jesus quis que todos nós experimentássemos a misericórdia de sua Mãe. E Maria assumiu plenamente a missão de ser mãe de todos os cristãos.

“Maria vem ao nosso encontro como mãe, sempre disponível às necessidades dos seus filhos. Através da luz que emana do seu rosto, transparece a misericórdia de Deus. Deixemo-nos envolver pelo seu olhar: este diz-nos que somos todos amados por Deus, que jamais nos ***abandona!***”⁹³.

O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. A doçura do seu olhar nos acompanhe neste Ano Santo, para poderemos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus (MV n.24).

O seu cântico de louvor, no limiar da casa de Isabel, foi dedicado à misericórdia que se estende de geração em geração (Lc 1,50). Também nós estávamos presentes naquelas palavras proféticas da Virgem Maria (MV n.24).

⁹³ *“María en el misterio de la cruz y la resurrección”, pp. 57-60. 93 Bento XVI, homilia de 14 de Setembro de 2008.*

A MISERICÓRDIA DE MARIA

Maria, sempre em oração, consegue realizar em todos os momentos da sua vida a vontade de Deus. Jesus sempre pôde ter em Maria um coração sensível e amável, misericordioso, em perfeita sintonia com o dEle.

Maria estava continuamente atenta a todas as necessidades de Jesus: desde as necessidades básicas de um bebê, que não sabe nem manifestá-las, até os cuidados necessários com a sua saúde, com a sua educação e sustento, quando criança. Maria sempre o acompanhava com oração e com o coração, mesmo quando Jesus já havia saído de casa, no período da sua vida pública.

Vemos Nossa Senhora aos pés da Cruz sendo o consolo que Jesus precisava naquele momento de imenso abandono. Jesus teve a melhor mãe que poderia ter. Maria tinha um coração maternal e misericordioso com todas as pessoas necessitadas à sua volta:

- quando sabe da gravidez de sua prima Isabel, de idade avançada, Maria sobe às montanhas para ajudá-la nos três últimos meses da sua gravidez;

- nas bodas de Caná, ela se põe a ajudar servir as mesas e, por isso, é a primeira a perceber que vai faltar vinho. Decide pedir que o seu Filho faça algo e adianta o tempo do primeiro milagre de Cristo: de transformar a água em vinho.

- Já recebida a sua missão de mãe da Igreja, Nossa Senhora é quem fortalece e une os apóstolos na fé, quando Jesus já subiu aos céus.

Maria torna-se para todos nós a “Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa”.

MARIA, MANIFESTAÇÃO DA MISERICÓRDIA DE DEUS POR NÓS

Na sua primeira aparição ao índio Juan Diego, no México, Nossa Senhora disse-lhe umas palavras muito bonitas, de uma forma muito simples. Ao lê-las, podemos pensar que Maria se dirige a nós:

“Sabe e tem por certo, meu filho o mais pequeno, que eu sou a perfeita Virgem Santa Maria, Mãe do verdadeiríssimo Deus, por quem se vive, o Criador das pessoas, o dono dos arredores e das imediações, o dono do céu, o dono da terra. Muito quero, muito desejo que aqui me seja erigido um templo, em que mostrarei e me darei às pessoas em todo o meu amor, no meu olhar compassivo, no meu auxílio, na minha salvação: porque em verdade Eu sou a vossa Mãe compassiva, tua e de todos os homens que nesta terra estais reunidos, e de todas as estirpes de homens, dos que me amam, dos que chamam por mim, dos que me buscam, dos que confiam em mim, porque ali escutarei o seu pranto e a sua tristeza para remediá-los, para curar as suas diversas penas, as suas misérias e as suas dores...”⁹⁴.

Devemos considerar-nos filhos pequenos de Maria para experimentar todo o cuidado de nossa Mãe. Apesar de toda a sua perfeição e beleza não podemos ver Maria distante. Embora possua uma dignidade tão excelsa, Maria é uma criatura como nós. Do céu, se ocupa infatigavelmente de cada um de nós. É a nossa mãe, nos tomou como filhos. Como nossa mãe nos entende! Quem nos entende tão bem como nossa mãe? Basta um olhar para ver que alguma coisa não está bem: “O que está acontecendo menino, que cara é essa?”. Não dá para esconder nada de nossa mãe.

Maria compreende as nossas fraquezas e nos anima todas as vezes que nos preocupamos com algo. Às vezes somos como uma criança

94 Cf. *Nican Mopohua. A Virgem de Guadalupe*, Ed. Loyola, primeira aparição, p. 14-15.

pequena que se dirige à mãe e lhe diz: “quebrei o vaso”. Para nós o “vaso quebrado” pode ser: “respondi para uma pessoa”; “fiz um gasto supérfluo e extraordinário, por puro capricho”; “não fui sincero como devia com meus pais”; “descuidei da oração”; etc. Ficamos preocupados com a coisa em si, com o estrago que provocamos, mas Nossa mãe fica preocupada conosco, e nos pergunta: “Você se machucou?” e depois nos consola, dizendo: “isso se arruma facilmente”; e nos aconselha: “pede desculpas e termina com esta bobagem”, “o importante é recomeçar a viver a pobreza”; “revela a verdade dos fatos”; “volte a cuidar da oração”; “assim você ficará bem, e isso é o mais importante”. Nossa Senhora nos alenta, nos desculpa, facilita o nosso caminho de volta a Deus.

Maria nunca se afasta de nós pelos nossos defeitos e pecados; ao contrário, vem em nosso auxílio. São Josemaria é quem nos diz: “Se eu fosse leproso, minha mãe me abraçaria. Sem medo nem repugnância alguma, beijar-me-ia as chagas. Pois bem, e a Virgem Santíssima? Ao sentir que temos lepra, que estamos chagados, temos de gritar: Mãe! E a proteção da nossa Mãe é como um beijo nas feridas, que nos obtém a cura”⁹⁵.

Nossa Senhora é a boa mãe, solícita e atenciosa, que tem sempre o remédio preparado: caseiro, mas eficaz. Quando pensamos que algo não tem mais jeito, que não tem cura, Maria oferece o “remédio milagroso”.

Na qualidade de Nossa Mãe espiritual, como a melhor mãe do mundo, está atenta a tudo de que precisamos. Conhece todas as nossas necessidades materiais e espirituais. Sabe exatamente o que nos convém sem que o peçamos. Sabe melhor do que nós mesmos. Uma senhora, sabendo disso, gostava de rezar assim: “Nossa Senhora, me dê a graça de que mais necessito, pois a Senhora sabe melhor que eu qual é”.

95 São Josemaria Escrivá. *Forja*, n.190.

Na nossa vida espiritual, devemos estar confiantes dessa sua proteção. Na oração tradicional do “Lembraí-vos”, recordamos à Virgem Maria: “nunca se ouviu dizer que algum daqueles que tivesse recorrido à sua intercessão fosse desamparado...”.

Um exemplo surpreendente da confiança na proteção de Nossa Senhora, nos deixou Santa. Bernardette Soubirous, a vidente de Lourdes: Certa vez, “encontrou-se com uma amiga sua, irmã do convento, que estava chorando porque havia recebido uma carta que contava que sua mãe, depois do parto do nono filho, estava muito mal e podia morrer a qualquer instante. Depois de contar-lhe o que acontecia, diz a moça: Bernardette olhou-me com um sorriso e com uns olhos que nunca mais poderei esquecer: ‘Não chore. A Virgem curará a sua mãe. Vou rezar por ela.’ Uns dias depois ela recebeu uma carta de que a mãe estava muito melhor, e que o momento em que havia melhorado tinha sido justo no instante em que ela tinha dito “*ne pleurez pas...*” [Não chores...]. A mãe viveu mais 38 anos depois”⁹⁶.

Nossa Senhora não apenas intercede como os demais santos. Deus quis que fosse a Medianeira de todas as graças. Maria apresenta constantemente a Deus as nossas necessidades e entrega a nós todas as graças que Deus nos concede. São Bernardo dizia: “Deus quis que não conseguíssemos nada que não nos viesse pelas mãos de Maria”⁹⁷.

Nossa Senhora alcança sempre a graça para as pessoas, não obstinadas no mal, quando querem de verdade mudar. Recorrendo a Maria, alcançamos a graça de uma nova conversão.

⁹⁶ Francis Trochu. *Bernardette Soubirous*. Aster, Lisboa 1958, p.452.
⁹⁷ S. Bernardo, *Sermo in Nativitatem B.*, in *MV*, n.7

COM NOSSA SENHORA, O QUE É DIFÍCIL SE TORNA FÁCIL

São Josemaria nos diz: “Antes, sozinho, não podias... – Agora recorreste à Senhora e, com Ela, que fácil!”⁹⁸.

Antes, não conseguias ser constante nos seus propósitos, nas suas orações pelos demais; *antes*, não conseguias viver com uma pureza total de coração, pois pensamentos ruins te assaltavam a toda hora; *antes*, não conseguias ser profundamente humilde, sempre querendo brilhar e aparecer; *antes* não conseguias perdoar uma ofensa. *Agora*, que recorreste à Senhora: lembras-te de rezar diariamente para teus parentes e amigos; *agora*, afastas com prontidão os pensamentos sensuais; *agora*, até gostas de passar despercebido; *agora*, vives sem nenhuma mágoa do passado...

Nossa Senhora nos facilita o Caminho para Deus, nos leva pela mão, sempre nos aconselha: *fazei o que Ele (meu Filho) vos disser* (Jo 2,5). Maria é uma mãe com dois filhos frente a frente: Jesus e cada um de nós. Ela faz com que olhemos para Jesus e Jesus para nós. A Virgem fiel nos ajuda a tirar as resistências interiores para cumprirmos a vontade de Deus na nossa vida, para respondermos como Ela respondeu: *Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra* (Lc 1,38), segundo a Vossa vontade.

Para crescermos na devoção mariana, é importante termos consciência de que nossa Senhora nos leva no coração. Assim, o nosso amor a Nossa Senhora será um amor de correspondência. Na nossa vida são incalculáveis as manifestações do carinho maternal de Nossa Senhora, pelas quais deveríamos agradecer-lhe muitíssimo!

O problema está em que muitas vezes nos distraímos e não percebemos a sua presença ao nosso lado. Somos como uma criança que brinca em um parque de diversão, cheio de gente, e começa a correr de um lado para o outro. Sua mãe a acompanha com o olhar.

⁹⁸ São Josemaria Escrivá. *Caminho*, n. 513.

Mas de repente a criança para de correr e olha para as pessoas que tem a sua frente, e pensa: “não é a minha mãe. Não conheço essa pessoa”. E depois de olhar para algumas pessoas, começa a chorar, abre o “berreiro”, pois não está vendo a sua mãe. E sua mãe, que o acompanha com o olhar, sai em sua direção e a pega nos braços. A criança, pouco a pouco, vai parando de chorar. Se é um pouco maior, ainda dá uma bronca na sua mãe: “Mãe, porque você me deixou?”. O que não é verdade, pois nossa mãe nunca nos deixa.

Teremos confiança em Maria se realmente nos relacionamos de forma filial com Ela. Tratamos realmente Maria como nossa mãe? Temos afetos de um filho com sua mãe?

São Josemaria tinha detalhes de afeto e confiança, como se observa nas suas palavras: “Tinha eu uma imagem da Virgem, que os comunistas me roubaram durante a guerra de Espanha, e a que chamava a “Virgem dos beijos”. Não saía nem entrava nunca, na primeira Residência que tivemos, sem ir ao quarto de trabalho do Diretor, onde estava aquela imagem, para beijá-la. Penso que não o fiz nunca maquinalmente: era um beijo humano, de um filho que tinha medo... Mas disse tantas vezes que não tenho medo de ninguém, nem de nada, que não vamos dizer medo. Era um beijo de filho que estava preocupado com a sua excessiva juventude, e que ia buscar em Nossa Senhora toda a ternura do seu carinho. Toda a fortaleza de que necessitava, ia eu buscá-la em Deus através da Virgem”⁹⁹.

São Josemaria Escrivá, principalmente na hora da tentação, recorria mais fortemente à Nossa Senhora. Sentia-se protegido nos braços da Virgem Maria. São palavras suas: “Não estás só. – Aceita com alegria a tribulação. – Não sentes na tua mão, pobre criança, a mão de tua Mãe: é verdade. – Mas... não tens visto as mães da terra, de braços estendidos, seguirem os seus meninos quando se

⁹⁹ Salvador Bernal. *Apuntes sobre la vida del Fundador del Opus Dei*, 6ª edição, Ed. Rialp, p. 240.

aventuram, temerosos, a dar os primeiros passos sem ajuda de ninguém? – Não estás só; Maria está junto de ti”¹⁰⁰.

Muitas vezes, na nossa vida, podemos ser como uma criança agitada e “levada”, que escapa dos braços de sua mãe e, com suas perninhas que mal a sustentam, vai em busca de aventura; correndo entre as pessoas, e com o perigo de ir parar no meio da rua. Mas a mãe sai correndo atrás dela, pega, abraça e aperta a criança contra o seu coração.

Com que confiança recorreremos a Nossa Senhora e lhe chamamos? É o mais natural, principalmente quando nos encontramos em perigo. Quantas vezes você grita “mãe!”? Quando se encontra em alguma tentação, pelo menos?

“Mãe! – Chama-a bem alto, bem alto. – Ela, tua Mãe Santa Maria, te escuta, te vê em perigo talvez, e te oferece, com a graça de seu Filho, o consolo de seu regaço, a ternura de suas carícias. E te encontrarás reconfortado para a nova luta”¹⁰¹.

Sigamos aquele conselho tão belo de São Bernardo a respeito da proteção mariana no “mar” das nossas vidas, em que Maria é considerada *Stella Maris*, a Estrela que guia os navegantes:

Se se levantarem os ventos das provações, se tropeçares com os escolhos da tentação, olha para a estrela, chama por Maria.

Se te agitares as ondas da soberba, da ambição ou da inveja, olha para a estrela, chama por Maria.

Se a ira, a avareza ou a impureza arrastarem violentamente a nave da tua alma, olha para Maria.

Se, perturbado com a memória dos teus pecados, confuso ante a fealdade da tua consciência, temeroso ante a ideia do juízo, começares a afundar-te no fosso da tristeza ou no abismo do desespero, pensa em Maria.

100 São Josemaria Escrivá. *Caminho*, n.900.

101 São Josemaria Escrivá. *Caminho*, n.516.

Nos perigos, nas angústias, nas dúvidas, pensa em Maria, invoca Maria. Não se afaste Maria da tua boca, não se afaste do teu coração. E, para conseguires a sua ajuda intercessora, não se afaste tu do exemplo da sua virtude.

Não te extraviarás se a segues, não desesperarás se a invocas, não te perderás se nEla pensas. Se Ela te sustiver entre as suas mãos, não cairás; se te proteger, nada terás a recear; não te fatigarás, se Ela for o teu guia; chegarás felizmente ao porto, se Ela te amparar”¹⁰².

Rezemos com amor e confiança, a famosa oração da Salve-Rainha:

Salve Rainha,
 Mãe de misericórdia,
 vida, doçura e esperança nossa, salve!
 A vós bradamos os degradados filhos de Eva.
 A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas.
 Eia pois, advogada nossa,
 esses vossos **olhos misericordiosos** a nós volvei.
 E depois deste desterro,
 mostrai-nos Jesus,
 bendito fruto de vosso ventre.
 Ó clemente! Ó piedosa! Ó doce sempre Virgem Maria!”

PROPOSTAS DA 10ª MEDITAÇÃO

1. Relaciono-me com Nossa Senhora, realmente, como a minha mãe espiritual? Tenho detalhes de afeto filial para com ela, tais como: levar uma imagem sua na minha carteira; colocar um quadro de Nossa Senhora no meu quarto? Procuro dizer-lhes frases carinhosas e reverenciar as suas imagens?

¹⁰² São Bernardo de Claraval. *Hom. II super “Missus est”*, 17: PL 183, 70-71.

2. Confio na mediação de Nossa Senhora para alcançar grandes graças para meus parentes e amigos? Sei as orações tradicionais da Igreja, dirigidas a Maria, como a *Ave-Maria*, a *Salve-Rainha*, o *Lembraí-vos*, *Bendita seja a tua pureza*, etc?

3. Rezo o terço, frequentemente? Contemplo os mistérios do Rosário de Nossa Senhora?

4. Na oração, além de falar com meu Pai Deus, procuro às vezes conversar com Nossa Senhora? Conto-lhe tudo que me acontece? Procurando fazer as minhas “descobertas pessoais” de Maria?

5. Levo a vida de Nossa Senhora à oração, para aprender das suas qualidades e imitá-la?



APÊNDICE 1

O SACRAMENTO DA MISERICÓRDIA

O LEMA DO PAPA FRANCISCO: *MISERANDO ATQUE ELIGENDO*

O lema do pontificado do papa Francisco – *Miserando atque eligendo* – nos fala de misericórdia e pode ser traduzido por “Tendo misericórdia e escolhendo”. A frase completa, que impressionou muito o papa Francisco, é de uma homilia de São Beda sobre a vocação do apóstolo Mateus: “Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e escolheu-o: *miserando atque elegendo*”¹⁰³.

O Papa Francisco comenta:

A própria vocação de Mateus se insere no horizonte da misericórdia. Ao passar diante do posto de cobrança dos impostos, os olhos de Jesus fixaram-se nos de Mateus. Era um olhar cheio de misericórdia que perdoava os pecados daquele homem e, vencendo as resistências dos outros discípulos, escolheu-o, a ele pecador e publicano, para se tornar um dos Doze (MV n.8).

Esta frase descreve também o sentimento do Papa Francisco em uma confissão na qual Deus o tocou profundamente. Em uma entrevista, o então Cardeal Bergoglio, comentou:

“Nessa confissão aconteceu-me algo estranho, não sei o que foi, mas mudou a minha vida; eu diria que fui surpreendido com a ‘guarda baixa’ (...). Foi uma surpresa, uma estupefação de um encontro; caí na conta de que (Deus) estava me esperando. Isso é

103 Cf. São Beda, *Homilia* 21: CCL 122, 149-151.

a experiência religiosa: a estupefação de encontrar-se com alguém que está esperando por você. A partir deste momento, Deus é aquele que ‘se antecipa’ a você. A pessoa o está buscando, mas Ele o busca primeiro. Queremos encontrá-lo, mas Ele encontra-nos primeiro”¹⁰⁴.

Dentro desta perspectiva, parece que se entende melhor porque o papa Francisco foi o romano pontífice a estabelecer o ano Santo da Misericórdia.

O PAPA FRANCISCO DESEJA QUE NOS APROXIMEMOS DA CONFISSÃO

O Papa Francisco, que teve uma experiência privilegiada da misericórdia de Deus em uma confissão, nos pede: *Com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque nos permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia. Será, para cada penitente, fonte de verdadeira paz interior* (MV n.17).

Graças a Deus, *há muitas pessoas – e, em grande número, jovens – que estão se aproximando do sacramento da Reconciliação e que frequentemente, nesta experiência, reencontram o caminho para voltar ao Senhor, viver um momento de intensa oração e redescobrir o sentido da sua vida* (MV n. 17).

Aos confessores, o Papa Francisco aconselha: *celebrem o sacramento da Reconciliação para o povo, para que o tempo de graça, concedido neste Ano Jubilar, permita a tantos filhos afastados encontrar de novo o caminho para a casa paterna. Os pastores, especialmente durante o tempo forte da Quaresma, sejam solícitos em convidar os fiéis a aproximar-se “do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça” (Hb 4,16)* (MV n.18).

104 Rubin e Ambrogetti, *El Jesuíta. Conversaciones con el Cardenal Bergoglio*, p. 45

O Papa Francisco resolveu estabelecer *Missionários da Misericórdia*, para que todos, mesmo os que se encontram mais afastados de Deus, possam obter o perdão de Deus nesse Ano Santo:

Na Quaresma deste Ano Santo, é minha intenção enviar os Missionários da Misericórdia. Serão um sinal da solicitude materna da Igreja pelo povo de Deus, para que entre em profundidade na riqueza deste mistério tão fundamental para a fé. Serão sacerdotes a quem darei autoridade de perdoar mesmo os pecados reservados à Sé Apostólica, para que se torne evidente a amplitude do seu mandato. Serão sobretudo sinal vivo de como o Pai acolhe a todos aqueles que andam à procura do seu perdão. Serão missionários da misericórdia, porque se farão, junto de todos, artífices de um encontro cheio de humanidade, fonte de libertação, rico de responsabilidade para superar os obstáculos e retomar a vida nova do Batismo. Na sua missão, deixar-se-ão guiar pelas palavras do Apóstolo: “Deus encerrou a todos na desobediência, para com todos usar de misericórdia” (Rm 11,32). Na verdade, todos, sem excluir ninguém, estão chamados a acolher o apelo à misericórdia... (MV n.18).

Peço aos irmãos bispos que convidem e acolham estes Missionários, para que sejam, antes de tudo, pregadores convincentes da misericórdia. Organizem-se, nas dioceses, “missões populares”, de modo que estes Missionários sejam anunciadores da alegria do perdão (MV n.19).

O Papa Francisco, consciente das imensas graças desse Ano Santo, convida todos à conversão, principalmente os que estão mais afastados de Deus:

Que a palavra do perdão possa chegar a todos e a chamada para experimentar a misericórdia não deixe ninguém indiferente. O meu convite à conversão dirige-se, com insistência ainda maior, àquelas pessoas que estão longe da graça de Deus pela sua conduta de vida. Penso de modo particular nos homens e mulhe-

res que pertencem a um grupo criminoso, seja ele qual for. Para vosso bem, peço-vos que mudeis de vida. Peço-vos-lo em nome do Filho de Deus que, embora combatendo o pecado, nunca rejeitou qualquer pecador. Não caiais na terrível cilada de pensar que a vida depende do dinheiro e que, à vista dele, tudo o mais se torna desprovido de valor e dignidade. Não passa de uma ilusão. Não levamos o dinheiro conosco para o além. O dinheiro não nos dá a verdadeira felicidade. A violência usada para acumular dinheiro que transuda sangue não nos torna poderosos nem imortais. Para todos, mais cedo ou mais tarde, vem o juízo de Deus, do qual ninguém pode escapar.

O mesmo convite chegue também às pessoas fadoras ou cúmplices de corrupção. Esta praga putrefata da sociedade é um pecado grave que brada aos céus, porque mina as próprias bases da vida pessoal e social. A corrupção impede de olhar para o futuro com esperança, porque, com a sua prepotência e avidez, destrói os projetos dos fracos e esmaga os mais pobres. É um mal que se esconde nos gestos diários para se estender depois aos escândalos públicos. A corrupção é uma contumácia no pecado, que pretende substituir Deus com a ilusão do dinheiro como forma de poder. É uma obra das trevas, alimentada pela suspeita e a intriga. “Corruptio optimi péssima”: dizia, com razão, São Gregório Magno, querendo indicar que ninguém pode sentir-se imune desta tentação. Para erradicá-la da vida pessoal e social são necessárias prudência, vigilância, lealdade, transparência, juntamente com a coragem da denúncia. Se não se combate abertamente, mais cedo ou mais tarde torna-nos cúmplices e destrói-nos a vida.

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crimes graves, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afetos, da própria vida. Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza.

A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir, e eu também estou, tal como os meus irmãos bispos e sacerdotes. Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia (MV n.19).

A esse respeito, penso que vale a pena, registrar duas frases de Jesus a Santa Faustina Kowalska: “Nenhum pecado, ainda que seja um abismo de corrupção, esgotará minha Misericórdia. Ainda que a alma seja como um cadáver em plena putrefação, e não tenha humanamente nenhum remédio, ante Deus, sim o tem” (n. 1447). “Diga a meus Sacerdotes que os pecadores empedernidos se derreterão por causa de suas palavras, quando falem sobre minha insondável Misericórdia e sobre a compaixão que meu Coração tem para com eles” (n. 1521).

O SACRAMENTO QUE NOS LIVRA DOS PECADOS COMETIDOS APÓS O BATISMO

Aprofundemos no Sacramento da confissão.

Entre as definições de misericórdia, a Bula *Misericordiae Vultus* apresenta a seguinte: ***Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado*** (MV n.2). ***Depois do pecado de Adão e Eva, Deus não quis deixar a humanidade sozinha e à mercê do mal. Enviou o seu próprio Filho como Redentor do homem*** (MV n.3).

Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa (MV n.3) os nossos pecados.

A graça da nossa redenção, alcançada por Jesus Cristo com a sua morte na Cruz, se aplica a nós através dos sacramentos. Através

dos “sacramentos de cura”, Deus nos sana das feridas dos pecados, cometidos após o batismo.

“No sacramento do Batismo são perdoados os pecados, o pecado original e todos os nossos pecados pessoais, assim como todas as penas dos pecados. Com o Batismo, abre-se a porta a uma novidade de vida concreta, que não é oprimida pelo peso de um passado negativo, mas já pressente a beleza e a bondade do reino dos Céus. Trata-se de uma intervenção poderosa da misericórdia de Deus para nos salvar. Esta intervenção não priva a nossa natureza humana da sua debilidade – todos nós somos frágeis, todos nós somos pecadores – e também não nos priva da responsabilidade de pedir perdão cada vez que erramos”¹⁰⁵.

Para nos purificar dos pecados cometidos depois do batismo, Jesus Cristo instituiu o sacramento da Confissão. O Papa Francisco explica: “Não posso me batizar várias vezes, mas posso me confessar, e deste modo renovar a graça do Batismo... O Senhor é deveras bondoso e nunca se cansa de nos perdoar. Inclusive quando a porta que se abriu no batismo se fecha um pouco, por causa das nossas fraquezas e pecados, a Confissão volta a abri-la, porque nos perdoa de tudo...”¹⁰⁶.

Como esse sacramento nos livra da pior miséria, que é o pecado, pode ser chamado de Sacramento da Misericórdia.

O SACRAMENTO DA PAZ INTERIOR

Jesus Cristo instituiu o sacramento da Confissão no dia da sua ressurreição. *No fim desse dia, que era o primeiro da semana, estando trancadas as portas do lugar onde estavam os discípulos com medo*

105 Papa Francisco. *Audiência geral de 13 de novembro de 2013.*

106 Papa Francisco. *Audiência geral de 13 de novembro de 2013.*

dos judeus, chegou Jesus. Colocou-se no meio deles e disse: “A paz esteja convosco” (Jo 20,19).

A saudação de Paz entre os judeus era reservada sobretudo para os momentos solenes e fazia referência à paz definitiva, que seria alcançada principalmente no fim dos tempos. É a paz anunciada anteriormente por Cristo: *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize! Ouvistes que eu vos disse: Vou e volto a vós. Se me amardes, certamente haveis de alegrar-vos, que vou para junto do Pai, porque o Pai é maior do que eu. E disse-vos agora estas coisas, antes que aconteçam, para que creiais quando acontecerem (Jo 14,27-29).*

A paz que Cristo traz ao mundo é a paz do nosso coração, fruto da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, é a paz que é fruto da ação de Espírito Santo na nossa alma.

Jesus ressuscitado disse-lhes outra vez: *A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, assim também eu vos envio. Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos (Jo 19,21-23).*

O dom do Espírito Santo é acompanhado pelas palavras sobre o poder de perdoar os pecados. O Papa Francisco fala-nos desse momento solene, em que foi instituído o sacramento da confissão: “Transfigurado no seu corpo, Jesus já é o homem novo, que oferece os dons pascais, fruto da sua morte e ressurreição. Quais são esses dons? A paz, a alegria, o perdão dos pecados, a missão, mas sobretudo o Espírito Santo, que é fonte de tudo isto. O sopro de Jesus, acompanhado pelas palavras com as quais comunica o Espírito, indica a transmissão da vida, da vida nova regenerada pelo perdão”¹⁰⁷.

107 Papa Francisco. *Audiência geral de 20 de novembro de 2013.*

Tanto o mandato missionário quanto o poder salvífico são dados à comunidade dos discípulos e, como tal, eles permanecem sempre válidos: a sua eficácia não se esgota com a morte dos apóstolos, mas é transmitida aos seus sucessores, isto é, aos bispos e aos padres. Graças a Deus, podemos receber o perdão de Deus para nossos pecados através dos sacerdotes, com voz humana! Como é importante para termos paz interior a certeza de que nossos pecados foram perdoados por Deus!

Jesus disse certa vez a Santa Faustina: “As almas que acodem ao Tribunal da Misericórdia encontrarão os mais surpreendentes milagres, pois quando te aproximes a confessar, debes saber que Eu mesmo te espero no confessionário, oculto no Sacerdote” (n. 1602).

Com relação ao perdão de Deus na confissão sacramental, o Papa Francisco comenta:

“Esse excerto revela a dinâmica mais profunda contida neste sacramento. Antes de tudo, a constatação de que o perdão dos nossos pecados não é algo que podemos dar a nós mesmos. Não posso dizer: perdoo os meus pecados. O perdão é pedido a outra pessoa, e na confissão pedimos perdão a Jesus. O perdão não é fruto dos nossos esforços, mas é uma dádiva, um dom do Espírito Santo que nos purifica no lavacro de misericórdia e de graça, que brota incessantemente do Coração aberto de Cristo Crucificado e Ressuscitado. Em segundo lugar, recorda-nos que apenas se nos deixamos reconciliar no Senhor Jesus com o Pai e com os irmãos, conseguiremos alcançar a paz”¹⁰⁸.

O sacerdote que atua *in persona Christi* (na pessoa de Cristo) deve procurar ter o coração misericordioso de Cristo para os penitentes. O Papa Francisco aconselha aos confessores:

Não me cansarei jamais de insistir com os confessores para que sejam um verdadeiro sinal da misericórdia do Pai. Ser con-

108 Papa Francisco. *Audiência geral de 19 de fevereiro de 2014.*

fessor não se improvisa. Tornamo-nos tal quando começamos, nós mesmos, por nos fazer penitentes em busca do perdão. Nunca esqueçamos que ser confessor significa participar da mesma missão de Jesus e ser sinal concreto da continuidade de um amor divino que perdoa e salva. Cada um de nós recebeu o dom do Espírito Santo para o perdão dos pecados; disto somos responsáveis. Nenhum de nós é senhor do sacramento, mas apenas servo fiel do perdão de Deus.

Cada confessor deverá acolher os fiéis como o pai na parábola do filho pródigo: um pai que corre ao encontro do filho, apesar de lhe ter dissipado os bens. Os confessores são chamados a estreitar a si aquele filho arrependido que volta a casa e a exprimir a alegria por o ter reencontrado. Não nos cansemos de ir também ao encontro do outro filho, que ficou fora incapaz de se alegrar, para lhe explicar que o seu juízo severo é injusto e sem sentido diante da misericórdia do Pai que não tem limites. Não hão-de fazer perguntas impertinentes, mas como o pai da parábola interromperão o discurso preparado pelo filho pródigo, porque saberão individualizar, no coração de cada penitente, a invocação de ajuda e o pedido de perdão.

Em suma, os confessores são chamados a ser sempre e por todo o lado, em cada situação e apesar de tudo, o sinal do primado da misericórdia (MV n.17).

Um bom exemplo de misericórdia nos deixou o frade capuchinho de origem croata, Leopoldo Mandic (1866-1942). Na Itália, em Pádua, na primeira metade do século XX, o confessorário do frade Leopoldo Mandic sempre estava rodeado de penitentes. Durante cerca de 30 anos, passava cerca de 10 a 15 horas por dia na sua cela-confessionário, escutando e perdoadando os pecadores em nome de Deus. Por causa da sua pequena estatura e da sua atitude humilíssima, havia, até mesmo entre os confrades, quem o subestimasse. Diziam “que era um confessor ignorante, de man-

gas demasiado largas, que absolvía a todos sem discernimento” e chamavam-no depreciativamente “o frade absolvedor-de-todos”. Mas era o mais procurado.

Ele desculpava-se humildemente: “Dizem que eu sou demasiado bom, mas quando alguém se vem ajoelhar diante de mim, não é esta uma prova suficiente de que quer ter o perdão de Deus?”. “Repara bem – dizia a um confrade – foi Ele quem nos deu o exemplo! Não fomos nós a morrer pelas almas, mas foi Ele que espalhou o seu sangue divino. Devemos tratar as almas como Ele nos ensinou com o seu exemplo.

De certa forma dizia que Jesus também foi “manga-larga”¹⁰⁹.

109 Cf. Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Os Santos e a Misericórdia*, pp 29-30.

APÊNDICE 2

OS ATOS DO PENITENTE

Trazemos neste apêndice os pontos do Catecismo da Igreja Católica¹¹⁰ que descrevem os atos que o penitente deve realizar para ser perdoado na confissão sacramental.

1450. “A penitência leva o pecador a tudo suportar de bom grado: no coração, a contrição; na boca, a confissão; nas obras, toda a humildade e frutuosa satisfação”¹¹¹.

A CONTRIÇÃO

1451. Entre os atos do penitente, a contrição ocupa o primeiro lugar. Ela é “uma dor da alma e uma detestação do pecado cometido, com o propósito de não mais pecar no futuro”¹¹².

1452. Quando procedente do amor de Deus, amado sobre todas as coisas, a contrição é dita “perfeita” (contrição de caridade). Uma tal contrição perdoa as faltas veniais: obtém igualmente o perdão dos pecados mortais, se incluir o propósito firme de recorrer, logo que possível, à confissão sacramental¹¹³.

110 Segunda Parte. Segunda Seção. Cap. II. Art. 4: O Sacramento da Penitência e da Reconciliação.

111 Cat. Rom. 2, 5, 21, p. 299; cf. Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 3: DS 1673.

112 Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 4: DS 1676.

113 Cf. Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 4: DS 1677.

1453. A contrição dita “imperfeita” (ou “atrição”) é, também ela, um dom de Deus, um impulso do Espírito Santo. Nasce da consideração da fealdade do pecado ou do temor da condenação eterna e das outras penas de que o pecador está ameaçado (contrição por temor). Um tal abalo da consciência pode dar início a uma evolução interior, que será levada a bom termo sob a ação da graça, pela absolvição sacramental. No entanto, por si mesma, a contrição imperfeita não obtém o perdão dos pecados graves, mas dispõe para obtê-lo no sacramento da Penitência¹¹⁴.

1454. É conveniente que a recepção deste sacramento seja preparada por um *exame de consciência*, feito à luz da Palavra de Deus. Os textos mais adaptados para este efeito devem procurar-se no Decálogo e na catequese moral dos evangelhos e das cartas dos Apóstolos: sermão da montanha e ensinamentos apostólicos¹¹⁵.

A CONFISSÃO DOS PECADOS

1455. A confissão (a acusação) dos pecados, mesmo de um ponto de vista simplesmente humano, liberta-nos e facilita a nossa reconciliação com os outros. Pela confissão, o homem encara de frente os pecados de que se tornou culpado; assume a sua responsabilidade e, desse modo, abre-se de novo a Deus e à comunhão da Igreja, para tornar possível um futuro diferente.

1456. A confissão ao sacerdote constitui uma parte essencial do sacramento da Penitência: “Os penitentes devem, na confissão, enumerar todos os pecados mortais de que têm consciência, após se terem seriamente examinado, mesmo que tais pecados sejam secretíssimos e tenham sido cometidos apenas contra os dois últimos

114 Cf. Concílio de Trento, Sess. 14^a. *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 4: DS 1678: ID., Sess. 14^a, *Canones de sacramento Paenitentiae*, can. 5: DS 1705.

115 Cf. Rm 12-15; Cor 12-13; Gl 5; Ef 4-6.

preceitos do Decálogo¹¹⁶; porque, por vezes, estes pecados ferem mais gravemente a alma e são mais perigosos que os cometidos à vista de todos¹¹⁷:

“Quando os fiéis se esforçam por confessar todos os pecados de que se lembram, não se pode duvidar de que os apresentam todos ao perdão da misericórdia divina. Os que procedem de modo diverso, e conscientemente ocultam alguns, esses não apresentam à bondade divina nada que ela possa perdoar por intermédio do sacerdote. Porque, “se o doente tem vergonha de descobrir a sua ferida ao médico, a medicina não pode curar o que ignora”¹¹⁸.

1457. Segundo o mandamento da Igreja, “todo o fiel que tenha atingido a idade da discipulação, está obrigado a confessar fielmente os pecados graves, ao menos uma vez ao ano”¹¹⁹. Aquele que tem consciência de haver cometido um pecado mortal, não deve receber a sagrada Comunhão, mesmo que tenha uma grande contrição, sem ter previamente recebido a absolvição sacramental¹²⁰; a não ser que tenha um motivo grave para comungar e não lhe seja possível encontrar-se com um confessor¹²¹. As crianças devem aceder ao sacramento da Penitência antes de receberem pela primeira vez a Sagrada Comunhão¹²².

1458. Sem ser estritamente necessária, a confissão das faltas quotidianas (pecados veniais) é, contudo, vivamente recomendada pela Igreja¹²³. Com efeito, a confissão regular dos nossos pecados

116 Cf. Ex 20,17; Mt 5,28.

117 Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 5: DS 1680.

118 Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 5: DS 1680; *São Jerónimo, Commentarius in Ecclesiasten*, 10, 11: CCL 72, 338 (PL 23, 1096).

119 CIC can. 989: cf. Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 5: DS 1683 ID., Sess. 14^o, *Canones de sacramento Paenitentiae*, can. 8: DS 1708.

120 Cf. Concílio de Trento, Sess. 13^a, *Decretum de ss. Eucharistia*, c. 7: DS 1647: *Ibid.*, can. 11: DS 1661.

121 Cf. CIC can. 916; CCEO can. 711.

122 Cf. CIC can. 914.

123 Cf. Concílio de Trento, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 5: DS 1680; CIC can. 988. § 2.

veniais ajuda-nos a formar a nossa consciência, a lutar contra as más inclinações, a deixarmo-nos curar por Cristo, a progredir na vida do Espírito. Recebendo com maior frequência, neste sacramento, o dom da misericórdia do Pai, somos levados a ser misericordiosos como Ele¹²⁴: “Aquele que confessa os seus pecados e os acusa, já está de acordo com Deus. Deus acusa os teus pecados; se tu também os acusas, juntas-te a Deus. O homem e o pecador são, por assim dizer, duas realidades distintas. Quando ouves falar do homem, foi Deus que o criou: quando ouves falar do pecador, foi o próprio homem quem o fez. Destrói o que fizeste, para que Deus salve o que fez. [...] Quando começas a detestar o que fizeste, é então que começam as tuas boas obras, porque acusas as tuas obras más. O princípio das obras boas é a confissão das más. Praticaste a verdade e vens à luz”¹²⁵.

A SATISFAÇÃO

1459. Muitos pecados prejudicam o próximo. Há que fazer o possível por reparar esse dano (por exemplo: restituir as coisas roubadas, restabelecer a boa reputação daquele que foi caluniado, indemnizar por ferimentos). A simples justiça o exige. Mas, além disso, o pecado fere e enfraquece o próprio pecador, assim como as suas relações com Deus e com o próximo. A absolvição tira o pecado, mas não remedeia todas as desordens causadas pelo pecado¹²⁶. Aliviado do pecado, o pecador deve ainda recuperar a perfeita saúde espiritual. Ele deve, pois, fazer mais alguma coisa para reparar os seus pecados: “satisfazer” de modo apropriado ou “expiar” os seus pecados. A esta satisfação também se chama “penitência”.

124 Cf. Lc 6,36.

125 Santo Agostinho, *In Iohannis evangelium tractatus*, 12, 13: CCL 36, 128 (PL 35, 1491).

126 Cf. Concílio de Trento, 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, can. 12: DS 1712.

1460. A *penitência* que o confessor impõe deve ter em conta a situação pessoal do penitente e procurar o seu bem espiritual. Deve corresponder, quanto possível, à gravidade e natureza dos pecados cometidos. Pode consistir na oração, num donativo, nas obras de misericórdia, no serviço do próximo, em privações voluntárias, sacrifícios e, sobretudo, na aceitação paciente da cruz que temos de levar. Tais penitências ajudam-nos a configurar-nos com Cristo, que, por Si só, expiou os nossos pecados¹²⁷ uma vez por todas. Tais penitências fazem que nos tornemos coerdeiros de Cristo Ressuscitado, “uma vez que também sofremos com Ele” (Rm 8,17)¹²⁸: “Mas esta satisfação, que realizamos pelos nossos pecados, não é possível senão por Jesus Cristo: nós que, por nós próprios, nada podemos, com a ajuda “d’Aquele que nos conforta, podemos tudo”¹²⁹. Assim, o homem não tem nada de que se gloriar. Toda a nossa “glória” está em Cristo [...] em quem nós satisfazemos, “produzindo dignos frutos de penitência”¹³⁰, os quais vão haurir n’Ele toda a sua força, por Ele são oferecidos ao Pai, e graças a Ele são aceites pelo Pai”¹³¹.

127 Cf. Rm 3,25; 1 Jo 2,1-2.

128 Cf. Concílio de Trento, 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 8: DS 1690.

129 Cf. Fl 4,13.

130 Cf. Lc 3,8.

131 Concílio de Trento, 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 8: DS 1691.

LIVRO IMPRESSO EM 31 DE MAIO DE 2016,
EM SÃO PAULO - SP